

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A Educação Católica da Elite Campineira na Primeira República:
O Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)**

Autora: Isabela Cristina Salgado

Orientador: Sérgio Eduardo Montes Castanho

Campinas

2011

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Sa32e	<p>Salgado, Isabela Cristina</p> <p>A educação católica da elite campineira na Primeira República: o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930) / Isabela Cristina Salgado. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.</p> <p>Orientador: Sérgio Eduardo Montes Castanho. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas (SP). 2. História da educação. 3. Instituições escolares. 4. Ensino privado. 5. Mulheres – educação. Castanho, Sérgio Eduardo Montes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">11-030/BFE</p>
-------	--

Título em inglês: The catholic education of Campinas' elite class during the first republic: o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1909-1930)

Keywords: Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas; History of education; Schools institutions; Private school; Women's education

Área de concentração: Filosofia e História da Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho (Orientador)

Prof. Dr. José Luis Sanfelice

Prof. Dr. Marco Antonio Pratta

Prof. Dr. José Claudinei Lombardi

Profª. Drª. Paula Leonardi

Data da defesa: 24/02/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: isabela_salgado@uol.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: A EDUCAÇÃO CATÓLICA DA ELITE CAMPINEIRA NA PRIMEIRA REPÚBLICA:
O COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (1909 – 1930)

Autora: Isabela Cristina Salgado
Orientador: Sergio Eduardo Montes Castanho

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Isabela Cristina Salgado e aprovada pela Comissão Julgadora.

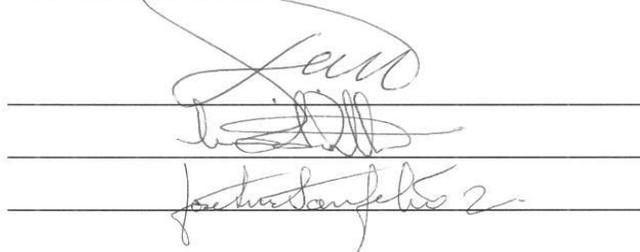
Data: 24/02/2011

Assinatura:.....



Orientador

COMISSÃO JULGADORA:



2011

AGRADECIMENTOS

Quando me interessei em elaborar um projeto de pesquisa para o Mestrado da Unicamp em 2007, não imaginei o salto que daria em meu aprendizado como ser humano e como profissional. Mergulhei na História da Educação Brasileira, e ao percorrer seus arquivos resgatei a minha formação de historiadora e arquivista, minha verdadeira vocação. Quando terminei a pesquisa, percebi que muitas pessoas fizeram parte desta trajetória. E agradeço sinceramente a todas elas.

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, por terem possibilitado que eu chegasse até aqui. O esforço deles foi imenso, pois deram a vida pela instrução dos seis filhos. Ao meu pai, Armando (*in memoriam*), agradeço os puxões de orelha, “toda donzela tem um pai que é uma fera”. À minha mãe, Hilda, eu agradeço pela amizade, a mais intensa que eu tive até hoje.

Em segundo lugar, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho, pelos construtivos direcionamentos e pelo incentivo, sempre sinalizando com muita paciência novas opções na condução da pesquisa.

Ao Prof. Dr. José Luís Sanfelice e ao Prof. Dr. Marco Antonio Pratta, pela leitura criteriosa e pelas ricas contribuições, às quais tentei atender na medida de minhas possibilidades.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR – “História, Sociedade e Educação no Brasil”, e aos seus professores, em especial ao Prof. Dr. José Claudinei Lombardi, pelas aulas, seminários, eventos e tardes de discussões tão enriquecedoras.

Ao Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, especialmente nas pessoas da Irmã Conceição Melo, Diretora da escola e da Irmã Regina Aurora Agostini, que foram fundamentais para a realização deste trabalho e me ajudaram a compreender a trajetória desta Instituição que há mais de cem anos dedica-se à educação em nossa cidade. Agradeço ainda à Rosimar Zaideny Cavalcante, pela disponibilidade em abrir os arquivos do Colégio e pela confiança.

À amiga Rosângela Gomes de Souza, bibliotecária do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, que gentilmente me auxiliou na busca de documentos e fotografias, sempre com dedicação e amizade. Agradeço também às funcionárias Maria Aparecida Mascaro Teixeira, Irmã Vera Lúcia Fanchini, Paulete Vicente de Camargo, Lilian Mônica Oliveira e Liliane Ferreira Donato pelo apoio administrativo no Colégio.

Às queridas ex-alunas, ex-alunos e professores do Colégio Sagrado Coração de Jesus: Niza de Castro Tank, José Antonio Coiado, Ana Maria Fakiani, Madre Helena da Cruz (*in memoriam*), Irmã Sílvia Guariento, Maria José Girioli Bertini, Lúcia Helena Alves, Thais Franco Bueno, Priscila Lígia de Camargo Valente, Irmã Cristina Maria, Ubaldo Carpigiani, Maria Carolina Nóbrega Pinto, Selma Chiavegatto, Neide Corsi Magalhães, Maria Olympia Nogueira Montenegro pelas entrevistas concedidas e pelas tardes muito agradáveis, onde recordei minha infância e a vivência no *casarão* da Rua José Paulino.

Às funcionárias da Secretaria de Pós-Graduação da Faculdade de Educação: Nadir Camacho, Rita Preza e Cleonice Pardim pelo atendimento competente em todos os momentos deste trabalho. Ao bibliotecário da FE/Unicamp, Gildo Luiz de Freitas, pela paciência nas buscas.

Agradeço também às minhas irmãs, ao meu irmão e sobrinhos, que sempre acreditaram que eu estava no caminho certo e que chegar lá era uma questão de tempo. Um agradecimento especial à minha irmã Ivone Salgado, que apoiou desde o início este projeto, colaborando com sua leitura atenta e criteriosa.

Não poderia deixar de agradecer ainda aos amigos que mesmo de longe acompanharam e sempre torceram por mim: Eliana Rezende, Glória Freitas, Júlia Bertino Moreira, Lígia Camargo, Rafaela Camargo, Rosimeire Pereira, Jony, Renê, Augusto Chagas, Ronaldo. Aos novos amigos do CTI, Marco Antonio Silveira, Paulo Vítor, Paulo Emílio, Karina Bueno, Roberto Gardesani, Priscila Massari e Filipe Xavier, por me acompanharem de forma tão carinhosa na reta final deste trabalho.

Finalmente agradeço ao Sílvio Batista, meu amor, que todos os dias com sua doçura, sua música e cumplicidade transforma a minha vida em algo muito melhor.

Mas o mundo não é feito para o nosso benefício pessoal, e tampouco estamos no mundo para nosso benefício pessoal. Um mundo que afirme ser esse seu propósito não é bom e não deve ser duradouro.

Eric Hobsbawm

E a disciplina no Coração de Jesus era bem mais rígida do que no colégio das dominicanas, em Limeira. Eu acho que eu precisava dessa disciplina, porque já estava assim na adolescência e com a minha vocação musical, especialmente para o canto, eu precisava mesmo de *certo* freio. Para eu não ficar assim achando que eu já era a grande cantora!

Niza de Castro Tank

Se você não encontra o sentido das coisas é porque este não se encontra, se cria.

Antoine Saint-Exupéry

**Dedico essa Dissertação ao meu filho Fernando,
O maior presente que a vida me deu.
Exercício diário de amor, compaixão, *paciência*
e Educação.**

LISTAS

LISTA DE TABELAS

01. Escolas públicas de primeiras letras para o sexo masculino, Campinas, 1865.
02. Escolas públicas de primeiras letras para o sexo feminino, Campinas, 1865.
03. Escolas particulares para o sexo masculino, Campinas, 1865.
04. Estabelecimentos particulares de ensino em Campinas no início século XX.
05. Congregações religiosas católicas estabelecidas em Campinas entre as décadas de 1910 e 1930.
06. Alunas matriculadas no Coração de Jesus de Campinas, em 1909.
07. Alunas matriculadas e formadas na Escola Normal anexa ao Colégio entre 1928 e 1953.
08. Alunas do Colégio Coração de Jesus, matriculadas no curso secundário (1935– 1952).
09. Matérias oferecidas no Colégio Coração de Jesus no curso secundário (1937 a 1939).

LISTA DE FIGURAS – Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas (ACSCJC).

Figura 1. Alunas do Coração de Jesus na aula de bordado em 1931.

Figura 2: Primeiras irmãs calvarianas que chegaram ao Brasil em 1906.

Figura 3: Primeiro imóvel da Rua José Paulino, em Campinas, onde as calvarianas fundaram o Colégio em 1909.

Figura 4: Primeiro edifício do Colégio Sagrado Coração de Jesus na Rua José Paulino, que começou a ser construído em 1909, e anos mais tarde foi ampliado.

Figura 5. Pátio interno do primeiro edifício do Colégio Sagrado Coração de Jesus na Rua José Paulino, 1910.

Figura 6: Dormitório das alunas internas do colégio em 1910, na Rua José Paulino em Campinas.

Figura 7. Alunas do curso elementar em 1916, no pátio da sede na Rua José Paulino, em Campinas.

Figura 8: Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário na recepção da Superiora Geral, Madre Marie Saint Bernard, em visita ao colégio. Década de 20, Campinas.

Figura 9: Benção do Colégio Sagrado Coração de Jesus na visita de Madre Marie Saint Bernard, em visita ao Colégio. Década de 20, Campinas.

Figura 10: Grupo de alunas do curso pré-Normal na década de 30, ao lado de Ir. Theresa do Sagrado Coração, Diretora do Colégio.

Figura 11: Alunas do curso complementar do Colégio Sagrado Coração de Jesus, na década de 1930, com as irmãs Santa Margarida e Helena da Cruz.

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo analisar a história da educação feminina em um colégio confessional católico, ministrada por irmãs calvarianas francesas, instalado em 1909 na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, o *Colégio Sagrado Coração de Jesus*. O Coração de Jesus iniciou suas atividades educando as meninas da elite da cidade e região, na forma de internato, semi-internato e externato, e completou 100 anos em 2009. O trabalho buscou compreender principalmente duas questões fundamentais ao percorrer a história da Instituição no período da Primeira República brasileira, entre 1909 e 1930: 1) A necessidade de instalação do colégio na cidade, que atendeu aos anseios da Igreja Católica, que principalmente através das congregações religiosas femininas e masculinas européias, fortaleceu o movimento de romanização da Igreja no Brasil. Também denominado de ultramontanismo, este movimento que pretendia recristianizar a sociedade foi praticado no Brasil aproximadamente entre meados do século XIX e 1960, marcado pela adequação da Igreja Católica brasileira a Roma, pelo fechamento da instituição sobre si mesma, a necessidade de afastar os jovens do ensino leigo e do mundo moderno, e de preparar as mulheres para exercer o papel de mães exemplares e professoras dedicadas; 2) A singularidade da instalação da Instituição na cidade, que no momento já contava com outras instituições de ensino, públicas e privadas, e assim perceber o sentido dessa instalação no contexto educacional do Estado de São Paulo, articulado com o contexto sociopolítico-econômico da cidade de Campinas.

ABSTRACT

The following dissertation had as the objective the historical analysis of the *Colégio Sagrado Coração de Jesus*, a traditional women's catholic college in the city of Campinas in 1909 within the state of Sao Paulo. The school, which was ministered by the French Calvarian sisters, initiated its activities in educating the women of Campinas' top social class in the form of internship, semi-boarding schools and boarding, and completed 100 years in 2009. The work aimed at understanding mainly two fundamental questions to the history of the Institution in the first period of the Brazilian Republic, between 1909 and 1930: 1) The need for the installation of the college in the city, which took into account the concerns of the Catholic Church, which mainly through the religious congregational communities, strengthened the movement of Romanization of the Church in Brazil. Also known as Ultramontanismo, the movement that wanted to re-Christianize society was practiced in Brazil, approximately between middle of the 19th Century and the 1960s, and marked the adaptation of the Brazilian Catholic Church to Rome, by the closing of the institution itself, the need to remove the young people of the teaching layman and that of the modern world, and to prepare the women to perform the role of dedicated mothers and teachers. The uniqueness of the installation of the Institution in the city, which at the time already had other educational institutions, private and public understood the meaning of that installation in the educational context of the State of São Paulo, articulated with the political-economic context of the city of Campinas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – O embate ideológico entre Estado e Igreja Católica na Europa e a romanização da Igreja no Brasil.....	13
1.1. A complexa situação da Igreja Católica no século XIX na Europa e o embate com o mundo moderno.....	13
1.2. A estruturação da hierarquia católica brasileira em torno da autoridade do Papa, a romanização da Igreja no Brasil e a Proclamação da República.....	20
1.3. Rumos da Igreja Católica após a Proclamação da República.....	26
CAPÍTULO II – Campinas (SP) e a educação no fim do século XIX e nos primeiros anos da República.....	33
2.1. Um breve histórico da cidade de Campinas, a Princesa do Oeste.....	33
2.2. A educação pública e privada na cidade de Campinas na segunda metade do século XIX.....	38
2.3. Vitória das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância: a educação na Primeira República Brasileira.....	46
CAPÍTULO III – A Congregação de Nossa Senhora do Calvário e a presença do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas	63
3.1. A Congregação de Nossa Senhora do Calvário e a laicização do ensino na França.....	63

3.2. A instalação das calvarianas em Campinas: do exílio ao estabelecimento do Colégio Sagrado Coração de Jesus. De Gramat a Pouso Alegre. De Pouso Alegre a Campinas.	67
3.3. A fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1909.....	71
3.4. Os primeiros anos do Colégio, os cursos oferecidos, número de matrículas, as dificuldades, e a primeira autorização de funcionamento em 1918.	81
3.5. A criação da Escola Normal Livre anexa ao Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1928 e a formação das professoras.	101
3.6. A criação do curso secundário do Colégio Sagrado Coração de Jesus: o Ginásio em 1935 e do Curso Colegial em 1942.	105
3.7. O Colégio visto por suas ex-alunas na comemoração do Centenário em 2009: as matérias, a disciplina, os retiros, os valores católicos e a herança das calvarianas para as meninas de Campinas.	114
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
 BIBLIOGRAFIA	140
 ANEXOS	151

INTRODUÇÃO



Figura 1
Alunas do Coração de Jesus na aula de bordado em 1931.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, que atende ao segmento da população de classe média e média-alta, pertence à rede de escolas privadas católicas da cidade, e foi fundado no ano de 1909 por irmãs Calvarianas, da Congregação de Nossa Senhora do Calvário¹, de origem francesa. Em 2009 o Colégio completou 100 anos educando meninas sob a forma de internato, semi-internato e externato². No momento da fundação do Colégio, a Igreja aproveitava para criar colégios masculinos e femininos como parte da estratégia ultramontana de recristianizar a sociedade. Compreender esse movimento, a necessidade de instalação desses colégios e particularmente a singularidade da instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas são os objetivos principais deste trabalho.

¹ Congregação fundada pelo Padre Pierre Bonhomme no ano de 1833, em Gramat, na província de Cahors, França.

² A entrada de meninos teve início no ano de 1968, no curso primário.

As irmãs calvarianas tinham como objetivo educar meninas e moças da elite campineira para o papel de esposas exemplares e educadoras dos filhos. Algumas alunas foram preparadas para a profissão docente e outras para o noviciado. Foi dom Nery³, primeiro bispo da Diocese de Campinas, o responsável pela vinda das irmãs para a cidade em 1908. A nova diocese era o resultado do Decreto Consistorial do Papa Pio X, que elevou São Paulo à Arquidiocese, dela fazendo parte a diocese de Curitiba e as cinco novas dioceses de Taubaté, Campinas, Botucatu, São Carlos e Ribeirão Preto.

O interesse em estudar e escrever sobre o Colégio Coração de Jesus teve início no ano de 2007 quando fui convidada pela Irmã Conceição Melo, Diretora do Colégio, a participar dos eventos comemorativos e de várias ações elaboradas com o objetivo de celebrar os cem anos da fundação da escola em 2009. Minha colaboração como ex-aluna do Colégio na década de 70, consistiu na elaboração de uma revista interna, edição especial, sobre o centenário da instituição.

Ao percorrer a história do Colégio interessei-me pelo tema das Instituições Escolares, o que me fez procurar o Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR, da Faculdade de Educação da Unicamp. A escolha deste objeto de pesquisa tem justificativas pertinentes: em primeiro lugar, ao estudar a história do Colégio e por sua vez, a história da Igreja em Campinas, consultando diversos arquivos e documentos, cheguei à conclusão que o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi a primeira escola confessional feminina, dirigida por uma congregação católica francesa, instalada no início do século XX, na cidade.

³ João Baptista Corrêa Nery nasceu em 06.10.1863. Entrou no Colégio Culto à Ciência de Campinas aos 11 anos de idade. Aos 17 inicia os estudos no Seminário de São Paulo. A partir de 1888 atuou como pároco da Matriz de Santa Cruz e em 1894 foi transferido para a Matriz da Conceição (Matriz Velha), ambas em Campinas. Fundou a Escola Paroquial por onde passou Francisco de Campos Barreto. Recebeu em 1896 o título de Bispo, através de decreto do Papa Leão XIII e assumiu a Diocese do Espírito Santo. Em 1906 foi transferido para a Diocese de Pouso Alegre, sul de Minas. Criado o bispado em Campinas, dom Nery retorna à sua terra natal em 1908. Criou os semanários católicos: *O Mensageiro*, *A Tribuna* e *A Verdade*. (NEGRÃO, 1997).

Antes das calvarianas chegaram a Campinas, em 1876, as irmãs francesas da Congregação de São José de Chambéry, mas com o objetivo de trabalhar na Santa Casa de Misericórdia. Outras congregações femininas se instalaram na cidade no período da Primeira República, mas somente uma delas, que era brasileira, se dedicou à causa da educação⁴.

Esse diferencial do Colégio Sagrado Coração de Jesus, essa particularidade, despertou o meu interesse em compreender a educação aí ministrada para as meninas, já que a cidade contava com outras instituições de ensino, públicas e privadas nesse momento. No novo regime de governo, os republicanos contaram com a rede pública de ensino para atingir seus objetivos políticos, como importante instrumento de difusão dos valores e normas de civilidade. As escolas confessionais católicas, em grande expansão nessa fase, assim como escolas particulares não confessionais, complementavam de forma expressiva, a rede pública de ensino. O meu objetivo, portanto, é comparar as semelhanças da educação ministrada no Coração de Jesus com outros colégios instalados no período da Primeira República brasileira, públicos ou privados.

Em segundo lugar, ao analisar a história do Coração de Jesus, não podemos deixar de perceber que a instalação dos colégios confessionais fazia parte de um projeto mais amplo da Igreja Católica, na sua reestruturação desde meados do século XIX. Esse reordenamento da igreja foi denominado de ultramontanismo. Na Europa e na América Anglo-Saxônica, a Igreja Católica passou por um processo de marginalização devido ao avanço do protestantismo e ao estágio avançado das relações de produção capitalistas (PRATTA, 2002). Isso fez com que muitas congregações viessem para a América, o que contribuiu para a europeização do clero brasileiro e restituição da hierarquia e submissão a Roma, combatendo os ideais iluministas, e trazendo novas devoções a fim de combater o catolicismo popular. (BEOZZO, 1980).

⁴ No ano de 1930, a Congregação brasileira das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria transferiu sua sede de Piracicaba para Campinas e fundou o Colégio Ave Maria, inicialmente com Jardim de Infância. (ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS: **Subsídios para sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004).

As contradições vividas pela sociedade brasileira naquele momento, onde o Brasil, e principalmente o Estado de São Paulo, vivia um desenvolvimento acentuado da cafeicultura, gerou ao mesmo tempo a dependência em relação ao exterior e uma série de novas necessidades sociais. Desde a segunda metade do século XIX o Brasil, e aqui no caso de nosso estudo, a cidade de Campinas importa da Europa e dos Estados Unidos formas de comportamento, linguagem, hábitos, visão de mundo, símbolos e padrões de educação e disciplina dos sentidos, que os moradores da cidade, vale dizer, a aristocracia e a alta e média burguesia, reproduzem e conferem à própria cidade (LAPA, 1996, p.19).

Essa dependência e maior integração com o mundo proporcionaram que novas concepções culturais entrassem no país e a necessidade de aprendizado passou a ser cada vez mais defendida. A escola pública, no projeto republicano, era garantia de melhora das condições de vida da população, da modernização do país, e as escolas confessionais, como é o caso do Colégio Coração de Jesus, complementaram essa rede de ensino, educando os filhos da elite latifundiária e as camadas médias urbanas em crescimento. Não podemos, no entanto, deixar de mencionar que as camadas populares, compostas por ex-escravos, mestiços e imigrantes brancos pobres, foram excluídas desse *desenvolvimento*. (PRATTA, 2002: XII).

Esta pesquisa, portanto, insere-se no quadro da História das Instituições escolares. Primeiramente, quando falamos em instituição é preciso ter em mente que toda e qualquer instituição é criada para atender uma necessidade. Mas não qualquer necessidade: uma necessidade de caráter permanente:

Por isso a instituição é criada para permanecer. Se observarmos mais atentamente o processo de produção de instituições, notaremos que nenhuma delas é posta em função de alguma necessidade transitória, como uma coisa passageira que, satisfeita a necessidade que a justificou, é desfeita. Para necessidades transitórias não se faz mister criar instituições (SAVIANI, 2007, p. 4).

Na atualidade, os estudos sobre as instituições escolares buscam romper com a perspectiva descritiva, baseados somente nos registros oficiais da escola. Isso implica utilizar um conteúdo teórico-metodológico que considere a relação entre o particular e o universal, uma das maiores dificuldades para os pesquisadores da História da Educação:

A dificuldade de pensar-se teoricamente a produção sobre o âmbito da história das instituições escolares tem uma de suas raízes na crise de paradigmas e na crise da modernidade que trouxe consigo a volta da história narrativa, a fragmentação da realidade e, portanto, a crença de que a história das instituições escolares é acessível apenas a conhecimentos fragmentários, negando metodologicamente a relação entre o particular e o universal. (NORONHA, 2004, p. 165).

Para reconstruirmos⁵ a identidade histórica de uma instituição educativa, esta deve ser contextualizada no sistema educativo e na comunidade onde está inserida. Mergulhar na sua história, no seu edifício, nas suas salas, nos seus porões, pesquisar sua legislação, seu currículo, o quadro de alunos, os trabalhos escolares, ou seja, transitar no universo micro da instituição, sem descartá-los da realidade social, política, cultural, econômica e educacional, ou seja, sem perder de vista seu entorno:

Pode-se dizer que uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica etc.) que agem e interagem entre si, 'acomodando-se' dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade. (SANFELICE, 2007, p. 77).

⁵ Utilizo o termo reconstrução porque parto do princípio que o objeto do historiador não é construído por ele, enquanto pesquisador. O que cabe ao historiador é o conhecimento do objeto e não o próprio objeto. E construir o conhecimento deste objeto é reconstruí-lo no plano do pensamento (SAVIANI, D. Conferência de abertura. In: NASCIMENTO, M. I. M. et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007).

No entanto, no que se refere à concepção mais ampla de educação, István Mészáros vai nos alertar para o fato de que muito do nosso processo contínuo de aprendizagem se situa fora das instituições educacionais formais. Isso porque esses processos não podem ser manipulados pela estrutura formal legalmente salvaguardada. A maior parte de nossas experiências constitutivas, portanto, permanece fora do âmbito do controle e da coerção institucionais formais (MÉSZÁROS, 2005). E ao avaliar as instituições escolares não podemos nos esquecer desse aspecto.

No que se refere à documentação consultada em minha pesquisa, analisei dados referentes a questões educacionais em geral, e ao ensino e organização interna (organização administrativo-pedagógica e aspectos relacionados à cultura escolar) do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em particular. Entre os vários documentos localizados nos arquivos e na biblioteca do colégio em Campinas emergiram Álbuns Fotográficos, Livros de Matrículas, Livros de Ponto, Livros de Visitas de Inspetores, Atas de Exames, Fichas de Identificação das Alunas, Atestados Médicos, Regulamentos, Regimentos Internos e Livros de Correspondência, entre outros documentos.

Dentre as fontes localizadas vali-me ainda da coleção de todos os números do *Veritas*, boletim interno das alunas que circulou entre 1947 e 1965, encadernados; e das *Circulares* das Superiores Gerais da Congregação desde 1838. O *Veritas* é um boletim informativo criado pelas alunas do curso secundário do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1947. Ali estão registradas informações sobre a história da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, sobre a história do colégio, o cotidiano escolar das alunas, as viagens das irmãs pelas diversas missões, etc. O boletim circulou até 1965, quando as atividades dos grêmios estudantis foram suprimidas no País.

As *Circulares* das Madres superiores trazem textos⁶ sobre a vida das superiores, uma espécie de biografia contendo dados pessoais, aspectos da personalidade das madres,

⁶ De acordo com Paula Leonardi, os textos biográficos são anônimos e foram escritos em 1990. Compõem as *Circulares* das Superiores Gerais. LEONARDI, Paula. **Além dos Espelhos. Memórias, imagens e trabalhos**

suas trajetórias antes de entrarem para a vida religiosa e as cartas redigidas por elas, datadas e encaminhadas para todas as casas da Congregação no mundo. A interpretação dessas narrativas foi extremamente importante para minha pesquisa, já que muitas vezes, nenhum outro documento abordou algumas questões levantadas.

Vários acervos externos ao colégio também foram consultados na pesquisa: hemeroteca e biblioteca do Centro de Memória da Unicamp (CMU), acervo de jornais do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (CCLA), hemeroteca e biblioteca do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) da Unicamp, Arquivo Histórico da Câmara Municipal, Arquivo Histórico Municipal de Campinas, Arquivo e acervo de jornais da Cúria Metropolitana de Campinas.

A escassez das fontes e ainda as lacunas difíceis de serem preenchidas na pesquisa, despertaram ainda mais minha curiosidade de historiadora para compreender a educação em Campinas nesse período. A história da educação brasileira ainda é muito carente de estudos, são muitas as lacunas. Como bem afirmou Ragazzini (2001), o historiador constrói suas fontes, dependendo das perguntas que fazemos, obtemos ou não as respostas. De acordo com Saviani⁷:

A rigor poderíamos, pois dizer que a multidão de papéis que se acumulam nas bibliotecas e nos arquivos públicos ou privados, as miríades de peças guardadas nos museus e todos os múltiplos objetos categorizados como novas fontes pela corrente da “nova história” não são, em si mesmos, fontes. Com efeito, os mencionados objetos só adquirem o estatuto de fonte diante do historiador que, ao formular o seu problema de pesquisa delimitará aqueles elementos a partir dos quais serão buscadas as respostas às questões levantadas. Em conseqüência, aqueles objetos em que real ou potencialmente estariam inscritas as respostas buscadas erigir-se-ão em fontes a partir das quais o conhecimento histórico referido poderá ser produzido.

de duas congregações católicas francesas no Brasil. Tese de Doutorado, USP, Faculdade de Educação, 2008.

⁷ Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584. Acessado em 22/07/2009.

Muitas vezes os jornais da época consistiram na única fonte de informação disponível. Aos pesquisar os jornais pretendo catalogar todas as referências localizadas, no que se refere aos temas Colégio Coração de Jesus e educação feminina durante o período analisado e doar o material ao Centro de Memória da Unicamp (CMU). As fotos mais antigas do Colégio e de suas alunas, datadas de 1916 foram cedidas pelo arquivo da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, na França, onde está localizada a casa sede da congregação.

O texto final da pesquisa foi organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo busquei analisar a relação do Estado com a Igreja na Europa desde meados do século XIX, e os princípios do ultramontanismo, que tinha como principal objetivo recristianizar a sociedade e colocar a Igreja como centro do equilíbrio mundial. Busquei compreender a expansão da Igreja Católica e sua atuação no Brasil, através da vinda de congregações estrangeiras para o país e o estabelecimento de colégios para a juventude.

No segundo capítulo procurei traçar um panorama da história da cidade de Campinas, privilegiando a segunda metade do século XIX e início do século XX, e assim compreender o contexto educacional do período. Através do levantamento das escolas aqui instaladas busquei perceber o projeto político e educacional dos republicanos, de disciplinamento da sociedade e da capacitação das mulheres para o mundo urbanizado e o projeto confessional católico, que buscava re-institucionalizar a Igreja no Brasil.

A compreensão da educação em Campinas no período estudado é essencial para analisarmos a instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus na cidade. Portanto, no terceiro capítulo, que foi dividido em duas partes, analiso na primeira parte a trajetória das calvarianas desde que saíram da França, suas origens, a chegada ao Brasil até a instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas, em 1909. Pretendo resgatar os princípios norteadores da Congregação de Nossa Senhora do Calvário naquele momento,

que de acordo com o projeto de expansão da Igreja Católica, eram considerados ideais na evangelização do povo brasileiro.

Na segunda parte do capítulo procurei estudar como a escola se estruturou nos momentos iniciais, a educação ministrada no colégio, o número de alunas, a autorização de funcionamento em 1918, a vida cultural, a disciplina, a consolidação da instituição com a instalação de sua Escola Normal em 1928 e os desdobramentos nas décadas subseqüentes.

Neste capítulo ainda tratei de compreender a implantação do curso secundário no Colégio Sagrado Coração de Jesus, com o estabelecimento do ginásio em 1935 e de seu curso colegial em 1942. No caso da minha pesquisa, impossível escutar as pessoas na fase em que concentro meus estudos. Mas foi possível entrevistar algumas ex-alunas que estudaram no Colégio nas décadas de 40, 50 e 60⁸.

As entrevistas foram realizadas no momento que o Colégio Sagrado Coração de Jesus completou 100 anos de existência, em 2009 e contribuíram para ampliar minha visão sobre a instituição e conhecer os *resultados* da educação proposta pela calvarianas no início do século, que ficaram *internalizadas* como uma espécie de *herança* para as alunas que passaram pela instituição.

É importante deixar claro aqui que quando iniciei a pesquisa não utilizei os depoimentos como *fonte*, mas com o decorrer da investigação, percebi que as entrevistas foram fundamentais, na medida em que ampliaram as possibilidades de interpretação do passado⁹ (ALBERTI, 2005). De acordo com a historiadora Verena Alberti, a academia

⁸ Professoras e ex-alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus entrevistadas durante o trabalho de resgate do centenário do Colégio Sagrado Coração de Jesus: Niza de Castro Tank, José Antonio Coiado, Ana Maria Fakiani, Madre Helena da Cruz (*in memoriam*), Irmã Sílvia Guariento, Maria José Girioli Bertini, Lúcia Helena Alves, Thais Franco Bueno, Priscila Lúcia de Camargo Valente, Irmã Cristina Maria, Ubaldo Carpigiani, Maria Carolina Nóbrega Pinto, Selma Chiavegatto, Neide Corsi Magalhães, Maria Olympia Nogueira Montenegro.

⁹ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís. Histórias dentro da História.** In: Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

resistiu à utilização da metodologia da história oral por acreditar que os depoimentos eram considerados pelos pesquisadores como a própria “revelação do real”. Muitos apresentavam em seus trabalhos a transcrição dos depoimentos, sem análise, mas sim como o próprio resultado da investigação.

A memória é resultado do movimento do sujeito no ato da memorização, como também é ação dos diversos grupos sociais em suas histórias, do seu passado e seu presente. (HALBWACHS, 1990, p.32).

Fontes orais são aceitáveis, mas com uma credibilidade *diferente*. A importância do testemunho oral pode se situar não em sua aderência ao fato, mas de preferência em seu afastamento dele, como imaginação, simbolismo e desejo de emergir. Por isso, não há “falsas” fontes orais. Uma vez que tenhamos chegado sua credibilidade factual com todos os critérios estabelecidos do criticismo filológico e verificação factual, que são requeridos por todos os tipos de fontes em qualquer circunstância, a diversidade da história oral consiste no fato de que as afirmativas “erradas” são ainda psicologicamente “corretas”, e que esta verdade pode ser igualmente tão importante quanto registros factuais confiáveis (...). (PORTELLI, 1997).

Para terminar minha exposição, escrevi as últimas considerações que julguei necessárias e espero assim ter acrescentado alguma luz na história das instituições escolares de minha cidade, colaborando para as inúmeras pesquisas dos estudiosos da história da educação brasileira.

CAPÍTULO I – O embate ideológico entre Estado e Igreja Católica na Europa e a romanização da Igreja no Brasil.

Neste capítulo será analisado o contexto político-social da Europa e do Brasil e suas significativas transformações ocorridas no século XIX. Abordar o conflito ideológico entre Estado e Igreja na Europa, onde a relação da sociedade moderna com a Igreja foi profundamente abalada pela reação defensiva da hierarquia romana, e o ultramontanismo tornou-se referência para a maioria dos católicos de diversos países, é essencial para a compreensão da vinda das congregações estrangeiras para o Brasil e a instalação de seus colégios para a educação da juventude.

O processo de adequação da Igreja brasileira a Roma ficou conhecido como romanização da Igreja no Brasil. Teve início a partir da segunda metade do século XIX e se estendeu até 1960, aproximadamente. Antes desse período desde a colônia a Igreja brasileira estava submetida ao regime do Padroado Régio¹⁰. Foi preciso apelar para a ajuda das congregações estrangeiras, principalmente européias, para auxiliar a reformar o clero nos moldes ditados por Roma, criando escolas paroquiais e colégios e dotando com novos estatutos as irmandades e as ordens.

1.1. A complexa situação da Igreja Católica no século XIX na Europa e o embate com o mundo moderno.

A compreensão do catolicismo é uma reflexão que está presente nesta dissertação e posso dizer após inúmeras leituras, não é algo simples para nós historiadores. Em muitos momentos da análise precisamos deixar de lado preferências e ideologias, pois é inegável a importância da Igreja Católica na formação cultural da sociedade brasileira. O Brasil

¹⁰ No século XVI, através do regime do Padroado a Santa Sé outorgava à Coroa Portuguesa certo controle da Igreja Nacional. No Brasil, a Igreja Católica monopolizou o ensino durante o período colonial. Com a Independência do Brasil em 1822, a Igreja Católica é definida como religião do Estado e assegura sua influência sobre a instrução pública.

creceu e se desenvolveu desde os primeiros séculos de sua história estudando nos bancos das escolas católicas. Desde o século XVI a Igreja buscou resgatar o espaço que ocupou desde o século IV, e que foi abalado pelo protestantismo¹¹, tentando preservar a cristandade. Nesse intuito a Igreja procurou se integrar ao maior número possível de estruturas, em virtude dessas se relacionarem com o Estado (BRUNEAU, p.28). Quando os portugueses chegaram ao Brasil trouxeram os missionários que se envolveram diretamente com a educação.

Apesar de vários séculos de estabilidade conquistada através das alianças com monarcas católicos, o poder do papa tem sua validade questionada e o espírito anticlerical vive seu apogeu no século XIX. As mudanças que transformaram a sociedade e que buscavam para o homem contemporâneo uma existência baseada no progresso filosófico – científico abalaram o apoio que a Igreja tinha na monarquia na Europa do século XIX.

A Reforma católica originada na Europa, como uma reação às revoluções liberais, nos meados do século XIX, constituiu-se num movimento que se opunha tanto ao capitalismo, que se assentava nos princípios do liberalismo, como ao socialismo. A Igreja pretendia manter sua unidade, mediante a centralização institucional no Vaticano, na concepção hierárquica da Igreja e na afirmação de sua autonomia em relação ao Estado. Para dar continuidade a estas transformações era preciso reformar o clero de acordo com os princípios tridentinos¹² e com o pensamento aristotélico-tomista.

¹¹ O principal idealizador da Reforma Protestante no século XVI foi Martinho Lutero, monge católico, nascido em uma família burguesa. O movimento afetou profundamente a estrutura da Igreja Católica e, como o renascimento cultural, contribuiu para a formação do homem moderno. Durante o Renascimento, alguns elementos como racionalidade e individualismo foram defendidos, porém não havia, naquele momento, apoio do ponto de vista religioso.

¹² O Concílio de Trento foi o marco da Reforma Católica ou Contra Reforma no século XVI na Europa, e foi muito importante na determinação dos novos rumos da instituição contra o avanço do protestantismo. Este Concílio proibiu a intervenção dos príncipes nas questões eclesiais. O Concílio tridentino manteve os sete sacramentos (Batismo, Confirmação (ou Crisma), Eucaristia, Reconciliação (ou Penitência), Unção dos enfermos, Ordem e Matrimônio), o celibato clerical e a indissolubilidade do matrimônio, o culto aos santos e das relíquias, como recomendou a criação das escolas para a preparação daqueles que quisessem ingressar no clero ou seminários. Ainda para o Concílio, o Papa era detentor da herança *petrina*, julgando-se possuidor do poder de atar e desatar, como um árbitro sobre as coisas terrenas que teriam reflexo no céu. (PACAUT, Marcel. **La théocratie. L' église et le pouvoir au moyen age**. Paris: Aubier, 1957; ULLMANN, Walter. **Principios de gobierno y política en la Edad Media**. Madri; Revista de Occidente, 1971. Apud. LAGE, Ana

Podemos dizer que o sentimento anticlerical teve início na França devido à Revolução Francesa, mas se alastrou por toda a Europa¹³. Isso fez com que a Igreja se fechasse sobre si mesma, combatendo a modernidade e buscando através de suas congregações, principalmente na África, Ásia e América Latina e mesmo nos países europeus, recristianizar a sociedade.

A Revolução Francesa¹⁴ de acordo com o historiador Jorge Grespan consagrou na prática os ideais do Iluminismo, movimento filosófico que desde o século XVIII preparou a sociedade para as transformações que vieram a ocorrer. Para o autor, o Iluminismo foi um movimento intelectual que repudiou qualquer sistema rígido e acabado de pensamento. O pensamento das “luzes” tinha como principal alvo de suas críticas o antigo regime, caracterizado essencialmente pela centralização de poder conhecida como monarquia absoluta¹⁵. Sobre as características do movimento o autor vai nos dizer:

Cristina Pereira. **A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha; uma necessidade política, econômica e social sul - mineira no início do século XX.** (Tese de Mestrado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2007, p. 21).

¹³ GOMES, Edgar da Silva. **Embate ideológico. A Separação Estado - Igreja no Brasil (1890): uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca.** Tese de Mestrado. Centro Universitário Assunção, Faculdade de Teologia, São Paulo, 2006. p. 34.

¹⁴ “No fim do século XVIII, a estrutura social da França permanecia de essência aristocrática: conservava o caráter de sua origem, da época em que a terra constituía a única forma de riqueza social e conferia, portanto, aos seus possuidores o poder sobre os que a cultivavam. A monarquia dos Capetos, ao preço de grandes esforços, havia despojado inteiramente os senhores de seus direitos realengos: estes tinham conservado apenas privilégios sociais e econômicos. Os direitos senhoriais sempre sublimaram a sujeição dos camponeses. O renascimento do comércio e o desenvolvimento da produção artesanal tinham, não obstante, criado, desde os séculos X e XI, uma nova forma de riqueza, a riqueza mobiliária e, através dela dado nascimento a uma nova classe, a burguesia, cuja admissão aos Estados gerais, desde o século XIV, lhe consagrara a importância. No quadro da sociedade feudal, ela dera prosseguimento ao impulso do próprio ritmo do desenvolvimento do capitalismo, estimulado pelos grandes descobrimentos dos séculos XV e XVI e pela explosão dos mundos coloniais, bem como pelas operações financeiras de uma monarquia sempre carente de dinheiro. No século XVIII, a burguesia estava à testa das finanças, do comércio, da indústria; fornecia à monarquia não só quadros administrativos como também recursos necessários à marcha do Estado (...). Com tudo a ambição burguesa, apoiada pela realidade social e econômica, se chocava com o espírito aristocrático das leis e instituições.” (Soboul, Albert. **A Revolução Francesa.** Rio de Janeiro: Difel, 1979. P.9-10).

¹⁵ Na monarquia absoluta o rei não governa sozinho: os Parlamentos e assembleias formados pelos três estados (clero, nobreza e burguesia) são obrigatoriamente consultados nas decisões do monarca. Por “absoluto” entende-se um regime que nessa época centralizava o poder nas diversas dimensões da vida pública: os reis trataram de unificar o território através da monopolização da força militar e da regulamentação da economia (mercantilismo). A origem do absolutismo está na transição da Idade Média para a Idade Moderna, quando os reis fizeram alianças com a burguesia nascente para enfraquecer o poder local dos senhores feudais.

Se ele não foi sistema acabado ou “escola” de pensamento, nem por isso deve ser classificado como invenção ou construção pura e simples. Se ele realmente abarca uma multiplicidade enorme de idéias e campos de estudo, não admite, por outro lado, nenhuma idéia: há o que ele exclui, o que ele critica, sendo, aliás, principalmente como atitude crítica que se definiam as “luzes” aos olhos dos seus contemporâneos. Podemos partir, então, dessa autoconsciência da época, até porque ela estabelece algo de real no Iluminismo. (GRESPLAN, 2008, p.15).

Os iluministas acreditavam que a razão era a única condutora das ações humanas, guiando-as na descoberta da verdade, do progresso científico (KUNZE, 1995). Combatiam o despotismo, defendiam uma nova ordem social e política, pacífica, igualdade de direitos civis e políticos, assegurada em leis. Para os liberais, a Revolução era resultado da luta da burguesia contra o absolutismo real do século XVIII. A burguesia liderou o “povo” francês nessa luta.

Outro modo de interpretar a Revolução Francesa teve início com Karl Marx (1818-1883) (...) Para Marx a causa principal da Revolução (...foram...) as mudanças ocorridas na vida econômica francesa. O desenvolvimento do comércio e da indústria criou uma nova classe social – a burguesia -, com interesses opostos ao da aristocracia e com uma nova concepção de homem e de sociedade, que se expressou no pensamento dos iluministas. A Revolução foi necessária para regulamentar em leis a nova ordem econômica, social e cultural capitalista. Derrubando o feudalismo, que protegia os interesses da aristocracia, permitiu o crescimento econômico e político da burguesia. (OSTERMAN; KUNZE, 1995, p. 6, 8 e 9).

Vários estados modernos seguiram o exemplo da França, onde houve a separação entre Estado e Igreja após a Revolução de 1789. Mesmo em alguns momentos onde o clero estava disposto a apoiar os movimentos revolucionários, defendendo os interesses dos populares, a sociedade rejeitava a Igreja, considerada a inimiga da ciência e do progresso.

Essa reação da Igreja Católica ao mundo moderno foi denominada de ultramontanismo ou catolicismo romanizado e que segundo o autor Ivan Manoel tinha as seguintes características:

1) Reforço do tradicional magistério incluindo-se a retomada do tomismo como única filosofia válida para o cristão aceitável para a Igreja; 2) condenação à modernidade em seu conjunto (sociedade, economia, política, cultura); 3) centralização de todos os atos da Igreja em Roma, decretando-se para isso, a infalibilidade do Papa, no Concílio Vaticano I, em 1870, de modo a reforçar a hierarquia, onde o episcopado foi bastante valorizado, submetendo todo o laicato ao seu controle; 4) adoção do medievo como paradigma de organização social, política e econômica. O objetivo dessa política era de imediato, preservar a instituição em face das ameaças do mundo moderno e, a médio e longo prazo, recristianizar a sociedade, de modo a recolocar a Igreja como centro do equilíbrio mundial. (MANOEL, 2004, p. 45)

A Igreja Católica buscou defender seus direitos entre as instituições da sociedade moderna. Os Papas desde Gregório XVI (1831-1846) até Pio XII (1939-1958), não pouparam esforços para consolidar os princípios do ultramontanismo e divulgá-los pelo mundo. O objetivo maior não era mais se manter unidos ao trono dos monarcas, mas preservar sua identidade, e garantir sua sobrevivência. As encíclicas *Quanta Cura* e o *Syllabus* (1864) buscaram resgatar a espiritualidade da Igreja Católica, sua soberania no universo católico, no entanto dentro de uma rígida hierarquia que teve consequências na sociedade e para a instituição no mundo todo.

A expressão doutrinária explícita dessa concepção religiosa foi a *Encíclica Quanta Cura e o Syballus*, nas quais era retomada a luta pela hegemonia da autoridade espiritual da Igreja sobre a sociedade civil. De acordo com esses documentos, a sociedade deveria impregnar-se de catolicismo; a educação seria submetida à Igreja e o clero estaria fora da jurisdição do Estado¹⁶.

¹⁶ PIO XI, Papa. **Encíclica Quanta Cura – Syballus. 8 dez. 1864.** In: Hoyos, Frederico (Coord.). *Colectión Completa Encíclicas Pontificias (1832-1965)*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1963. p. 115.

É no pontificado de Pio IX (1846-1878) que várias congregações passam a se dedicar à pastoral, ao ensino, às atividades missionárias no exterior. Mas a preocupação com a fé católica também aconteceu dentro do continente europeu, com a vida espiritual do povo e o estímulo da religiosidade popular em substituição ao pietismo¹⁷ que marcou o século XVIII (ZAGHENI, 1999).

A participação nos sacramentos, que no *ancien régime* era quase obrigatória, torna-se gradativamente facultativa, o que provoca no clero um desassossego crescente e a tendência a ler o mundo como descristianizado e afastado da verdadeira religião. A igreja respondeu a esses problemas com as missões populares, com a divulgação de um sistema devocional que funcionava também como interpretação dos problemas da vida e da sociedade, com a restauração das velhas ordens religiosas e o florescimento de novas ordens, em geral dedicadas ao apostolado, e um renovado empenho missionário tanto no interior do mundo católico quanto entre as populações não-cristãs. Esse esforço gerou uma grande riqueza de vida religiosa e apostólica¹⁸.

Observa-se desde então que um dos aspectos que mais chamam a atenção na análise da atuação dos religiosos a partir da segunda metade do século XIX é a prioridade quase absoluta dada à esfera educativa. São raríssimos os institutos religiosos que não estavam envolvidos de algum modo com a educação (AZZI, 1992, p. 40).

No período medieval, a Igreja garantiu o monopólio político e espiritual sobre a sociedade, construindo um modelo de conduta onde tudo que fugisse ao seu controle era considerado pecado. À juventude era necessário impor domínio, um freio para controlar suas pulsões (CROUZET-PAVAN, 1996). A juventude era representada negativamente, sendo essa fase da vida associada ao tempo dos apetites e seus excessos.

¹⁷ “O pietismo alemão denota um movimento surgido na Igreja Luterana na segunda metade do século XVII, que teve como uma de suas características mais evidentes a reação contra o cristianismo e seu distanciamento da genuína doutrina bíblica. O alvo do pietismo era o retorno à teologia dos apóstolos e da Reforma, com ênfase na pregação do evangelho”. (COSTA, 1999, p. 2).

¹⁸ZAGHENI, 1999. p. 23-24.

É a partir da época moderna que a Igreja irá apostar na juventude, a fim de viabilizar seu projeto reformista, e através da educação frear os avanços da modernidade. Os jovens representam para a Igreja a esperança de combater o anticlericalismo e o elemento capaz de manter a tradição (BOSCHILIA, 2005). As práticas sociais que aconteciam nos colégios e internatos, como as festas, gincanas, torneios, apresentações teatrais e de música, nada mais eram do que controle de uma conduta moral e de cerceamento.

A Igreja vai procurar utilizar os liceus e as universidades, centros onde está a juventude burguesa, para adequar os jovens aos seus interesses. Através de novas práticas pedagógicas implantadas a partir do final do século XVIII, a instituição busca modelar o homem, educando moralmente o futuro adulto. A Igreja também vai fundar estabelecimentos de ensino destinados à população em geral, resposta dos novos tempos promovidos pela Revolução Industrial. Visando assim garantir a ordem e a moralidade pública com o intuito de preparar trabalhadores produtivos para a nova sociedade que se instituía.

Para reconquistar o espaço do saber e do poder, a Igreja buscou a família como parceira e enfatizou sua responsabilidade na educação dos filhos, como a única instituição que permitiria a formação de um patrimônio material e a reclusão doméstica da mulher (PRATTA, 2002).

No Brasil, a partir da segunda metade do século XVIII, a província de São Paulo e sua capital tem um crescimento vertiginoso, devido ao cultivo e à exportação do café, dando origem a uma oligarquia muito poderosa. Esta oligarquia, no período da Primeira República, apoiou a Igreja Católica, no que se referia à educação feminina:

A oligarquia, ao mesmo tempo em que patrocinava um projeto modernizante (...) optou por agir ao arremio das idéias liberais e financiou um sistema educacional conservador, cujo ponto de referência em matéria pedagógica era o jesuitismo e se encontrava inserido no processo de romanização do catolicismo (MANOEL, 2010, p.52).

1.2. A estruturação da hierarquia católica brasileira em torno da autoridade do Papa, a romanização da Igreja no Brasil e a Proclamação da República.

No Brasil, o movimento conservador ultramontano¹⁹ ou de *romanização* teve início em meados do século XIX e se estendeu aproximadamente até 1960. A compreensão das mudanças ocorridas no interior da Igreja e conseqüentemente o novo papel do clero, das paróquias na comunidade, são essenciais para analisarmos a instalação das congregações masculinas e femininas católicas no Brasil nesse período, abrindo caminho para o estabelecimento do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, em 1909.

De acordo com o autor Ivan Manoel, o conservadorismo predominou sob a sociedade brasileira e foi exercido principalmente pela Igreja Católica:

Por cerca de 360 anos – 259 dos quais sob o monopólio educacional dos jesuítas e, depois, mais de um século sob a hegemonia doutrinária do catolicismo ultramontano e conservador de inspiração jesuítica, até a década de 1960, quando o Concílio Vaticano II indicou novos rumos para o magistério católico (...). Julgo importante considerar as vinculações estabelecidas entre o catolicismo conservador, monarquista, antiliberal, antifeminista, não apenas com os segmentos aristocratizados da oligarquia, mas fundamentalmente com aqueles segmentos modernizantes, liberais e republicanos (MANOEL, 1996, p.15).

No Brasil e em Campinas, ser moderno é ser republicano e abolicionista, favorecer a imigração, o progresso, a urbanidade e assim buscar as novidades que íam pela Europa e pelos Estados Unidos, exemplos que deveriam ser transplantados para o país. É a partir de 1870 que as inovações tecnológicas e científicas chegam à cidade e são gradativamente incorporadas no seu dia-a-dia. (LAPA, 1996, p. 19).

¹⁹ Entenda-se por Ultramontano aquele que segue a orientação de Roma, do Papa. Roma está além dos montes, nos Alpes, por isso, ultramontes.

As mudanças na Igreja Romana ecoaram no Brasil por meio do padre Júlio Maria e D. Sebastião Leme. Sob a liderança de D. Romualdo Antônio de Seixas²⁰, as hierarquias eclesiais brasileiras empreenderam esforços para moldar a Igreja Católica Brasileira nas bases do ultramontanismo, e fugir do controle do Estado. D. Romualdo advertia a mocidade para que esta não se perdesse em um idealismo exagerado, em filosofias abstratas, como o espiritualismo, reduzindo o Cristianismo e a vida a uma vã fantasmagoria (PAIM, 1985).

Uma das transformações mais significativas dentro da Igreja nacional foi o aumento das paróquias e dioceses.

A Igreja procurou criar mecanismos institucionalizados mais eficazes de inserção na sociedade brasileira. O surgimento de novas dioceses veio ao encontro desta nova sociedade, que se urbanizava e aburguesava de forma gradual. Ao lado de dioceses, surgiram os estabelecimentos de ensino – umas das medidas da Igreja para frear o processo de secularização que se iniciava no Brasil. Estes colégios, dirigidos por ordens religiosas européias, tinham por objetivos formar rapazes e moças dentro dos ditames burgueses e cristãos de civilidade. (OTTO; SOUZA, 2008, p.2).

A Diocese de Campinas nasceu no âmbito do processo de romanização da Igreja e seu primeiro bispo foi dom Nery, que trouxe as irmãs calvarianas francesas para cidade. Essas irmãs foram as responsáveis pela instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1909. O principal objetivo da criação de colégios católicos era combater o anticlericalismo e nada melhor para isso do que educar a juventude, e principalmente aquelas que seriam as responsáveis pela educação dos homens de amanhã, as mulheres.

²⁰ Para o autor Antônio Paim, D. Romualdo Antonio de Seixas, bispo do Pará entre 1827 e 1842 foi o principal articulador do ultramontanismo no Brasil.



Figura 2
Primeiras irmãs calvarianas que chegaram ao Brasil em 1906.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

As irmãs francesas da Congregação de Nossa Senhora do Calvário deixaram a França no ano de 1906. Atendendo solicitação de Dom Nery, a Superiora Geral da Congregação na França, Madre Marie Josephine concordou em enviar quatro irmãs para Pouso Alegre em Minas Gerais: irmã Pierre du Sauveur (fundadora do Colégio Sagrado Coração de Jesus), irmã Françoise Marie, irmã Louis Joseph e irmã Georges Marie. O ápice da entrada de muitas congregações religiosas estrangeiras no início do século XX, além de atender a política ultramontana foi um desdobramento da feminização²¹ da Igreja Católica na França no século XIX e da internacionalização e/ou exílio dessas congregações.

A romanização da Igreja no Brasil significou um esforço de modernização das estruturas coloniais da Igreja luso-brasileira, que ainda não tinham sofrido as influências do Concílio de Trento dois séculos antes. Nesse processo, a paróquia passou a ser o lugar de

²¹ “Trata-se da entrada de mulheres em grande quantidade para a chamada vida religiosa. Essa feminização revelava-se em um modelo de organização que se tornou dominante durante o século XIX, a saber, as Congregações com superiora geral. Essas instituições tinham a possibilidade de se desenvolverem em diversos lugares, mas sempre ligadas à superiora geral e a uma sede, chamada Casa Geral ou Casa Mãe, de onde emanavam todas as ordens e decisões sobre os rumos da Congregação: recrutamento, trabalhos assumidos, compra de prédios, etc.” (LEONARDI, 2008, p. 18).

articulação da hierarquia eclesiástica com o povo, tendo como mediador o pároco, agora fortalecido em sua prática pastoral e política. O bispo, por sua vez tinha um papel mais importante na condução da ação pastoral da diocese e dos párocos, que passou a ser parte importante na articulação com a hierarquia da Igreja. Daí o aumento de número de paróquias e dioceses no início do século XX no Brasil²².

Desde os tempos coloniais, a maioria da população brasileira residia na zona rural e suas práticas religiosas cristãs estavam muito distantes do catolicismo oficial, e mais próximas da religiosidade popular de raízes portuguesas. É possível imaginar que o processo de romanização no Brasil então, foi um grande desafio para a Igreja. O apelo à ajuda das congregações estrangeiras e do clero secular²³, principalmente europeu, tinha o intuito de reformar o clero brasileiro nos moldes ditados por Roma.

Gradativamente, a paróquia incorporou ao seu universo as instituições seculares²⁴ e a religiosidade popular, afastando os leigos da mediação sagrada e substituindo as devoções dos santos populares brasileiros por uma devoção do catolicismo centrado em Roma, predominando a adoração à virgem Maria e ao Sagrado Coração de Jesus.

Em Campinas esse processo se deu antes mesmo da criação da diocese em 1908. Várias ordens e congregações estavam preocupadas com os pensamentos em voga, que poderiam “ferir a fé em Cristo”, como o racionalismo²⁵, o progressismo, a maçonaria, o

²² De 1890 a 1900, as dioceses passaram de 12 para 19; de 1900 a 1910, de 19 para 41; de 1910 a 1920, de 31 para 59; e, de 1920 a 1930, de 59 para 88 dioceses (MOURA, 2000, p. 93).

²³ Clero secular é a designação dada à parcela do clero da Igreja Católica Romana que desempenha atividades voltadas para o público em geral e que vive junto dos leigos, exercendo as mais variadas formas de apostolado e assegurando a administração da Igreja. O termo é usado em oposição ao clero regular, aquela parte do clero que segue as regras de uma ordem religiosa.

²⁴ Instituições seculares são associações comunitárias de leigos católicos. Leigo, do grego "*Laos theon*", que significa o "Povo de Deus" é o membro da Igreja Católica que não é ordenado, isto é, que não recebeu o sacramento da Ordem.

²⁵ A filosofia moderna foi inaugurada por René Descartes (1596-1650). Uma das correntes básicas constitutivas da filosofia moderna foi o racionalismo. A partir de Descartes o critério da verdade desloca-se para o sujeito. Tudo para ser verdadeiro deve passar pelo crivo da experiência subjetiva. A outra corrente básica da filosofia moderna é o empirismo: ser é ser percebido. Isto significa que algo só pode existir se e enquanto for percebido por um espírito.

positivismo e o ateísmo²⁶. Os serviços religiosos da Igreja passam a se concentrar na cidade, e paulatinamente vão deixando as fazendas. Além dos senhores de engenho e dos fazendeiros de café, os comerciantes e os profissionais liberais passam a desempenhar papel decisivo para a manutenção e sobrevivência da instituição.

No entanto é importante assinalarmos que a religiosidade popular não foi completamente substituída pela influência da romanização. Essas práticas foram sim recriadas e subsistiram entre as diversas camadas sociais, que contra a homogeneização continuaram com a devoção aos santos milagrosos, promovendo festas e romarias até os dias de hoje.

1.3. Rumos da Igreja Católica após a Proclamação da República.

Com a proclamação da República no Brasil, alteraram-se profundamente as relações entre Estado e Igreja, exigindo uma reestruturação radical da instituição. A separação entre o Estado e a Igreja Católica ocorreu no dia 7 de janeiro de 1890:

A proclamação da República instituiu o Estado laico, promoveu a separação entre Estado e Igreja e aboliu o ensino religioso nas escolas oficiais. Em consequência a Igreja reorganizou-se para manter o controle do ensino no país e se mobilizou para recuperar a presença do ensino religioso nas instituições educativas oficiais (SAVIANI, 2010, p.7).

A Igreja vai denunciar através de seus documentos, as denominadas cartas pastorais²⁷, que era preciso enfrentar, o que denominou de crise do esmorecimento da fé, e no campo da educação, combater o ateísmo nas escolas, e assim afrontar a secularização

²⁶ Id. p. 30.

²⁷ Cartas pastorais: documentos através dos quais a hierarquia católica comunicava à comunidade católica, às províncias eclesíásticas, suas diretrizes e ações.

ocidental (ARAÚJO, 2010, p. 107). Entre 1890 e 1930 a Igreja instalou 276 escolas no Brasil, 55 somente no Estado de São Paulo (MOURA, 2000, p. 252).

De acordo com Azzi (1996), a Igreja ao manifestar-se sobre a nova ordem, confessadamente laica, instaurada pela República, não deixava de reconhecer que havia perdido os direitos de religião oficial, mas que ganhara o mais importante dos privilégios: a liberdade. Era melhor a separação do Estado, do que a “proteção que sufocava”. Alguns bispos militantes²⁸ viam na proclamação da República e na conseguinte extinção do padroado a possibilidade de realização das teses ultramontanas.

Para Costa, a proclamação da República foi o resultado de profundas transformações que vinham se operando no país:

A decadência das oligarquias tradicionais ligadas à terra, à abolição, à imigração, ao processo de industrialização e urbanização, o antagonismo entre zonas produtoras, a campanha pela Federação contribuíram para minar o edifício monárquico, e para deflagrar a subversão (COSTA, 1977, p. 226).

A filosofia positivista do francês Augusto Comte (1798-1857) influenciou o projeto educacional da primeira República Brasileira. De acordo com o positivismo a humanidade tinha três estados teóricos diferenciados. No estado teológico, o espírito humano dirige suas investigações para a natureza íntima dos seres e representa para si mesmo os fenômenos como produzidos por agentes sobrenaturais. No estado metafísico, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas. No estado positivo, o espírito humano, reconhece a

²⁸Sobre o Catolicismo Militante no Brasil: “Esse movimento, iniciado por dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana, teve na “Questão religiosa” uma de suas consequências de maior relevo para a historiografia. Dom Viçoso esteve à frente desse movimento por mais de três décadas. Contou, num primeiro momento, com o apoio de dom Romualdo Antônio de Seixas, arcebispo da Bahia, e de dom Antônio Joaquim Melo, bispo de São Paulo. A partir dos anos de 1860, esse movimento firmou-se com maior vigor quando a ele se juntaram dom Sebastião Dias Laranjeiras, sucessor de dom Feliciano José Rodrigues Prates no Rio Grande do Sul, dom Antônio de Macedo Costa, da diocese do Pará, e o capuchino dom frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, bispo de Pernambuco (Wellington Teodoro da Silva. Catolicismo Militante na Primeira Metade do Século XX Brasileiro. História Revista, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez. 2008. p. 542).

impossibilidade de obter noções absolutas, deixa de procurar as causas íntimas dos fenômenos, e busca as leis do universo através da observação e do raciocínio (MARTIN; BOURDÉ, 1983, p. 50).

No Governo Provisório do marechal Deodoro da Fonseca, torna-se ministro da Instrução Pública, Correios e Telégrafos o positivista Benjamin Constant Botelho de Magalhães, em 1890. O Decreto 510, do Governo Provisório da República, diz, em seu artigo 62, item 5º, que "o ensino será leigo e livre em todos os graus e gratuito no primário". É estabelecida a seriação obrigatória, os exames preparatórios que prevaleceram no Império são extintos e a intenção era substituir o ensino literário pelo ensino científico.

A Reforma Benjamin Constant contemplou todos os níveis da educação, primária, secundária, normal e superior. O foco, no entanto era o ensino secundário e o objetivo era instituir um plano de estudos baseado na classificação das ciências, que gradativamente iria impor o estudo seriado, o que não ocorreu naquele momento.

De acordo com Benjamin Constant, não era competência do Estado, apurar o sentimento religioso, para isso a criança dispõe da ação da mãe de família, e nos templos de cada religião, da ação do sacerdote. Na Constituição de 1891, um marco na história religiosa brasileira, a República só reconhece o casamento civil cuja celebração fosse gratuita; os cemitérios teriam caráter secular e seriam ministrados pelo poder municipal; não poderiam alistar-se para as eleições Federais ou para os Estados os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações, ou comunidades de qualquer denominação, sujeitos a voto de obediência, regra ou estatuto que importasse renúncia da liberdade individual.

Apesar destas mudanças, exceto a exclusão do ensino religioso das escolas públicas e a afirmação de sua laicidade (MOURA, 2000, p. 94), a legislação da Primeira República não alterou profundamente o sistema educacional brasileiro implantado durante o Império. Desde o Ato Adicional de 1834, competia ao poder legislativo central regular a educação de nível superior. Às províncias e aos municípios cabia a instrução primária e secundária. A

nova Constituição descentraliza completamente a instrução primária entregando-a aos Estados, e no Distrito Federal à municipalidade.

De acordo com alguns autores, um ponto da legislação educacional da Primeira República representou um retrocesso com relação à legislação do Império: a supressão da obrigatoriedade do ensino primário, mesmo que somente no Distrito Federal. Principalmente porque havia no Brasil, em 1890, 14,3 milhões de analfabetos²⁹.

A concepção liberal de educação dos republicanos paulistas dominou o pensamento e a política no fim do século XIX. Para os liberais a educação era o alicerce das sociedades modernas, instrumento de moralização e civilização do povo, garantia de liberdade, de ordem, paz, progresso e projeto social. Um grande projeto civilizador foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como necessidade política e social (SOUZA, 1998, p. 26 e 27).

A escola primária na República possui uma finalidade cívica, moral e instrumental. No Estado de São Paulo os grupos escolares foram instituídos a partir de 1894. A escola moderna substituiu a escola arcaica e precária de primeiras letras existente no Império. O método individual cedeu lugar ao ensino simultâneo; a escola unitária foi gradativamente substituída pela escola de várias classes e vários professores, o método tradicional dá lugar ao método intuitivo, os professores e professoras tornaram-se profissionais da educação e a mulher encontrou no magistério primário uma profissão. (SOUZA, 1998, p.29).

Para satisfazer a demanda educacional do período, além das escolas públicas, contou-se ainda com as escolas particulares confessionais e leigas, voltadas para a formação das elites. A Constituição de 1891 não contém nenhum dispositivo a respeito do ensino particular, mas já antes dela, no Decreto nº 481, de 08 de novembro de 1890, que

²⁹ A questão do analfabetismo levou ao aparecimento de um movimento pela educação nas décadas de 20 e 30 do século XX. Devido à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um surto de nacionalismo conquistou boa parcela dos intelectuais para a questão do desenvolvimento do país, principalmente para a problemática da educação popular. Também o final da década de 1910 registrou um relativo crescimento industrial e um novo patamar de urbanização da sociedade brasileira; significando novas pressões em favor da escolarização. A população no Brasil em 1890 era de 14 333 915 milhões de pessoas. (REIS, 2000, p. 94).

aprovou o regulamento da instrução primária e secundária, estatuidando a chamada Reforma Benjamin Constant, no artigo 1º, afirma-se:

É completamente livre aos particulares, no Distrito Federal, o ensino primário e secundário, sob as condições de moralidade, higiene e estatística definida nesta lei. No artigo 2º é introduzida a laicidade do ensino público. A instrução primária, livre, gratuita e leiga será dada no Distrito Federal em escolas públicas de duas categorias: 1º escolas primárias do 1º grau; 2º escolas primárias do 2º grau (MOURA, 2000, p. 96).

A Igreja Católica acreditava que o ensino leigo era uma afronta à população brasileira que se declarava católica em sua maioria, e nunca deixará de criticar a criação do Estado leigo. A Pastoral dos bispos de 1890 afirma que a República brasileira não iria seguir “os horrores da revolução francesa”. Da tendência atéia desta seguiu-se a extinção da “religião nas escolas”. (CURY, 2001, p. 94).

Com o ensino primário público declarado leigo, a perspectiva da Igreja de atingir crianças católicas ficaria reduzida se não houvesse um esforço especial na catequese, já que seria impraticável oferecê-lo numa escola primária particular que pudesse ser gratuita como a pública, pois era impensável naquele momento histórico esperar alguma subvenção do Estado (MOURA, 2000, p. 98).

Portanto, segundo Lustosa (1997), era normal que o catolicismo montasse o seu esquema de escolas particulares, umas pagas e outras gratuitas, que atenderiam em larga escala às classes ou camadas intermediárias nas quais a Igreja se apoiava. Com semelhante esquema se salvaguardaria a instrução e a formação cristã da juventude, e mais ainda, a rede de estabelecimentos privados de ensino cobriria uma lacuna imensa, dada a precariedade e a insuficiência numérica dos institutos educacionais do governo (LUSTOSA, 1997, p. 54).

O autor ainda vai acrescentar que as congregações religiosas, tanto masculinas quanto femininas, virão encarregar-se desse serviço que para elas era também obra da Igreja. É grande o número de institutos religiosos que se estabelecem ou são criados no

Brasil para atender ao mercado das escolas e colégios. É através dos institutos que a Igreja Católica atenderá a classe burguesa, e também às camadas menos favorecidas.

Este esforço da Igreja foi pouco a pouco assegurando os resultados que se consubstanciaram na consciência de que a Igreja representava realmente, e não apenas através de uma declaração de caráter jurídico, um elemento importante da sociedade brasileira. No período da Primeira República, a rede escolar católica desenvolve-se muito mais no campo do ensino secundário. No país, em 1907, 86.01% dos alunos estavam em escolas particulares, sendo que as escolas católicas constituíam setor importante das instituições particulares. Em 1929, 89,1% dos estudantes secundários do país se encontravam em escolas particulares, sendo que a maioria delas católicas (**Anexo 1**).

CAPÍTULO II – Campinas (SP) e a educação no fim do século XIX e nos primeiros anos da República

Neste capítulo será elaborado um breve histórico da cidade e também um panorama da educação pública e privada em Campinas, privilegiando a segunda metade do século XIX e o início do século XX, até o momento de instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1909. Para discorrer sobre o assunto utilizei fontes como os *almanaques* sobre a cidade, fontes bibliográficas levantadas por outros historiadores e memorialistas, e ainda alguns artigos de jornais.

O levantamento revela as principais formas de educação oferecidas à população da cidade: a educação pública masculina de primeiras letras; a educação pública feminina de primeiras letras; a educação particular masculina; a educação particular feminina de primeiras letras; e o ensino público secundário.

2.1. Um breve histórico da cidade de Campinas, a Princesa do Oeste.

A história do município é a história que mais de nós se aproxima, é a história doméstica vinda de antepassados remotos, é a história que vivemos com maior intimidade, com maior conhecimento, com maior afeto e interesse (PUPO, 1983).

Este histórico tem o objetivo de contextualizar nosso objeto de estudo, refletindo sobre os principais momentos da história do município.

O primeiro núcleo de moradores que resultaria no que hoje é a cidade de Campinas surgiu com as deserções de uma bandeira que partiu da Vila de Piratininga a 3 de julho de 1772, e que fora organizada e custeada pelo então governador Rodrigo César de Menezes. Este núcleo recebeu a designação de bairro do Mato Grosso em virtude de sua localização no meio de uma densa e virgem floresta onde acabavam as trilhas que rumavam para Goiás (NASCIMENTO, 1999, p. 29).

Primeiramente a cidade foi idealizada por Barreto Leme, que em 1772 conseguiu o despacho do administrador do bispado para a construção de uma capela nas paragens de Campinas. O bispo diocesano Frei Manoel da Ressurreição modificou o despacho que instalou a freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas em 14 de julho de 1774, data oficial da fundação da cidade.

Já em 1797, Campinas atingiu desenvolvimento suficiente para se tornar uma vila, a Vila de São Carlos, o que não era comum no Brasil português. Neste momento Campinas desmembrou-se de Jundiaí e adquiriu o direito de instalar o poder municipal. Em 1798 a Vila já possuía 2.184 habitantes, dos quais 701 eram escravos.

A região era produtora de milho (principalmente), feijão, arroz, algodão, amendoim, toucinho, fumo e da cana de açúcar. Proveniente de Itu, a cana de açúcar veio enriquecer algumas famílias da cidade. Mas não foram os antigos roceiros da cidade, nem seus primeiros povoadores que se dedicaram às lavouras da cana de açúcar, mas sim povoadores de outras freguesias. Em 1835 Campinas possuía mais de cem engenhos de açúcar e foi elevada à categoria de cidade em 1842.

Para Badaró (1996), gradativamente a produção do açúcar foi sendo substituída pela lavoura do café³⁰. Os preços internacionais e a menor força de trabalho requerida para o cultivo do café atraíram os senhores de engenho. A evolução do complexo cafeicultor fez de Campinas um centro acumulador de riquezas que vai proporcionar o aquecimento do comércio, da indústria nascente, o incremento de atividades financeiras e de serviços especializados, além da adesão de novos contingentes populacionais oriundos de toda a província.

³⁰A lavoura do café “Será, assim, fundada na grande propriedade e no trabalho escravo. Permanecerá vinculada ao mercado externo, dando continuidade a uma estrutura colonial de produção (...) transforma progressivamente as condições de trabalho, desembaraçando-se do elemento escravo. (...) o café altera a destinação da exportação brasileira. Na metade do século, os Estados Unidos alcançam já uma posição dominante como mercado consumidor, recebendo mais da metade da exportação cafeeira”. (SODRÉ, 1973, p. 226).

Segundo Pratta (2005), na segunda metade do século XIX, enquanto na Europa o capitalismo inicia a fase imperialista e neocolonial, com a partilha da Ásia e da África, criando colônias para competir no mercado internacional, o Brasil ainda cultivava e defendia o sistema agrário, monárquico e escravista. Aqui as elites oligárquicas estavam interessadas nas vantagens da expansão do capital internacional, e contraditoriamente, ao mesmo tempo desejavam conservar a estrutura latifundiária e monocultora.

O capital acumulado pelo café propiciou a instalação em Campinas e na região da principal rede de ferrovias do Brasil, projetada para facilitar o escoamento do café, mas que mais tarde foi fundamental para favorecer a expansão da indústria nas regiões Sul e Sudeste. As primeiras ferrovias foram a Cia. Paulista de Vias Férreas e Fluviais, ligando Campinas a Jundiaí, em 1872 e a Cia. Mogiana, que, a partir de 1875, estabeleceu a conexão com o interior da província. O apogeu do café produziu importantes repercussões o que levou Campinas a se transformar em pólo regional.

A enorme produção cafeeira gerou riqueza e crescimento para a cidade e impôs a contratação de trabalhadores livres para as lavouras, devido ao crescimento do movimento abolicionista. Os primeiros colonos a se estabelecerem na cidade foram os alemães, mas a partir de 1870 a colonização de italianos predominou³¹. Igualmente a instalação de indústrias foi incrementada a partir dessa época com a abertura de várias fábricas e fundições, o que conseqüentemente promoveu a implantação de diversos bancos na cidade. A cidade cresceu em extensão e população, possuindo em 1888, às vésperas da Proclamação da República, cerca de 20 000 habitantes na área urbana e 50 000 em todo o município.

A divisão da oligarquia brasileira, entre os que eram escravistas e os que defendiam a substituição da mão de obra escrava pela assalariada aceleraram o movimento pela

³¹ Na década de 1870, entraram no País 49.927 imigrantes italianos, enquanto na seguinte foram 276.724 (BEOZZO, 1987, p. 48). “Na região de Campinas, Província de São Paulo, que se constituía no maior centro de produção cafeeira do País na época, escravos e colonos europeus trabalhavam lado a lado desde a década de 1880”. (PRATTA, 2002, p. 16).

implantação do regime republicano no país. O café trouxe muito prestígio social e político à elite campineira, mas em compensação acirrou a dependência em relação ao exterior (IANNI, 1969, p. 303). Os três partidos políticos do Império, o liberal, o conservador e o republicano, representavam a cidade. Mas o Partido Republicano, em ascensão no país, encontrou em Campinas seus principais militantes, entre eles o advogado Manuel Ferraz de Campos Salles e Francisco Glicério de Cerqueira Leite, membro do primeiro governo republicano como ministro da Agricultura. Ambos eram os legítimos representantes da classe dos cafeicultores, a maior beneficiada com a Proclamação da República em 1889. Desde a metade do século XIX (1869), Campinas estava ligada ao movimento republicano, tornando-se o centro de irradiação de seus ideais.

A maior integração do Brasil com o mundo resultou na entrada de várias concepções culturais no país, o que inevitavelmente criou conflito com o estilo de vida agrário até então predominante. O crescimento do movimento republicano foi paralelo à difusão dos ideais positivistas de ordem e progresso. Mas como ocorria com a maioria das construções teóricas importadas, a corrente positivista foi conformada e deformada às condições do nosso país (COSTA, 1969).

Foi nesse cenário, em que grupos distintos conviviam que a educação passou a fazer parte do discurso das elites campineiras. Capitalistas, cafeicultores, profissionais liberais e membros de várias entidades, se envolveram diretamente na construção e manutenção de escolas tanto para os filhos da elite, como para os *outros*, os escravos, os imigrantes e migrantes, os libertos e os trabalhadores nacionais livres – e seus filhos – que nada, ou quase nada possuíam, além da sua força de trabalho³².

³² A dissertação de mestrado de Mauricéia Ananias trata das escolas construídas para o povo em Campinas, pelos detentores do poder econômico, entre 1860-1889, trazendo novas reflexões para essa questão. De acordo com Ananias, membros da elite campineira defenderam, construíram e mantiveram algumas escolas destinadas à população pobre de Campinas.

Nomes como Campos Salles, Francisco Quirino dos Santos, Francisco Glicério, todos republicanos, eram citados nos almanaques e jornais de Campinas. Francisco Quirino, Francisco Glicério e José Maria Lisboa compunham a Sociedade Propagadora de Instrução, que manteve as “Aulas Noturnas” da Loja Maçônica Independência. Campos Salles foi membro da Sociedade Corrêa de Mello, responsável pela manutenção da escola de mesmo nome, e todos se revezavam nas inaugurações e atividades referentes a educação.

No entanto o discurso republicano, que proclamava que a educação escolar poderia ser a solução para o país, “a educação para todos”, resolvendo problemas como o analfabetismo, a insalubridade urbana, a violência no campo e nas cidades, desejava estimular na população expectativas difundidas falsamente como de interesse geral. O discurso ufanista na verdade deixou de fora as camadas populares, compostas por escravos, mestiços, imigrantes brancos e pobres.

Vimos que o discurso não se confirmava na prática, pois mesmo com essa defesa, existiam dois tipos diferenciados de educação. Uma para os filhos das elites, e nesse caso o Colégio Culto à Ciência foi o modelo dessa proposta em Campinas e outro oferecido pelas escolas menores e gratuitas que se limitavam ao aprendizado da população pobre. Para essa última, o ensino primário era suficiente. Por isso, a necessidade de que ele fosse o mais amplo possível e oferecesse algumas perspectivas de encaminhamento ao trabalho e visão de mundo, pois seria o único estudo oferecido. Não encontramos nenhuma referência a escolas que garantiriam o ensino secundário a essas pessoas. O acesso ao superior, nem sequer foi cogitado (ANANIAS, 2000, p. 98).

No próximo tópico busco compreender como a educação se organizou na província de São Paulo, especialmente na cidade de Campinas, desde a segunda metade do século XIX, até o momento de instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1909.

2.2. A educação pública e privada na cidade de Campinas na segunda metade do século XIX.

O índice de escolarização da população campineira era alto já no final do século XIX³³, se comparado ao restante do país. A presença numerosa de estrangeiros na cidade, e uma elite intelectual ativa e atualizada que ocupava postos administrativos de decisão, conduzindo a cidade para os novos valores do ideal republicano, abolicionista, imigrantista e progressista, foram fatores que contribuíram para que parte do capital resultante da cafeicultura fosse investida no ensino local.

Essa alta escolarização não resultou apenas na formação de uma mentalidade urbana mais receptiva à modernidade, como de uma massa crítica que seria vanguardista do pensamento e da prática política em dimensões nacionais, mas gerou ainda uma tradição cultural que marcou a identidade de Campinas nesse período (LAPA, 1996, p. 164).

A década de 50 do século XIX contou com várias realizações no âmbito da educação, mas que se restringiram ao município da Corte: em 1854 vemos a criação da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária; o estabelecimento de um sistema de preparação para o professor primário e de normas para o exercício da liberdade de ensino; e a reformulação dos estatutos do Colégio de Preparatórios, tomando-se por base programas e livros adotados nas escolas oficiais. A camada dominante da sociedade interessava-se pelo ensino superior em âmbito nacional, e quanto aos outros níveis, restringiam-se ao Rio de Janeiro, sede do governo.

³³ “(...) numa população livre de 13 000 habitantes naquele momento (1871), Campinas teria, na sua estimativa, cerca de 1 300 crianças em idade escolar, o que resultava, por conseguinte, em 84% frequentando a escola, índice atingido apenas por países do Primeiro Mundo. O índice de escolarização da população campineira era ainda mais impressionante se comparado ao restante do país, que apresentava apenas 10% das suas crianças em idade escolar frequentando a rede de ensino oficial e particular, *i. e.*, de um total de 988 000 crianças entre 7 e 12 anos, apenas 107 483 frequentavam as escolas! Nem mesmo a sede da corte se aproximava do índice de matrículas de Campina” (LAPA, 1996, p.164).

Não havia um plano nacional de fiscalização das escolas primárias e secundárias, com vistas a aprimorar seus objetivos, conteúdos e métodos. A instrução primária constituía-se de aulas de leitura, escrita e cálculo. Já a instrução secundária se caracterizou por ser predominantemente para alunos do sexo masculino, pela falta de organicidade, pelo predomínio literário, pela aplicação de métodos tradicionais e pela atuação da iniciativa privada. O governo central omitiu-se na tarefa de reorganização dos níveis anteriores ao superior, deixando-a sobre responsabilidade das províncias. Manteve os preparatórios e exames parcelados para o ingresso no curso superior.

A grande maioria da população brasileira não tinha condições, e em boa parte nem interesse em ingressar e permanecer na escola. É a reduzida camada média que vai ampliando-se nas últimas décadas do Império, que vai pressionar pela abertura de escolas. O preparo intelectual representava oportunidade de ascensão social e os poucos alunos que conseguiam se matricular nos colégios, liceus, não tinham outro objetivo a não ser ingressar no curso superior, qualquer que fosse sua origem social – média ou alta.

Desde 1869, Campinas tornou-se o centro irradiador dos ideais republicanos e a educação tornou-se o principal elemento de propagação tanto dos republicanos, quanto dos liberais e dos cientificistas positivistas³⁴. Apesar do discurso em prol da instrução pública elementar, a estrutura oficial do ensino campineiro mostrou-se deficiente, pois o destaque caía sobre o curso superior. A difusão do ensino particular na cidade de Campinas foi um meio de suprir o deficiente atendimento do ensino público ali existente.

O ensino passou a ser motivo de preocupação, sendo presença constante nos discursos proferidos pelos políticos, que, demagogicamente ou não, acreditavam ser a instrução o principal meio para o Brasil atingir seu desenvolvimento, progresso e modernização e dessa maneira, resolver os problemas sociais que se avolumavam; para

³⁴“Tanto o positivismo como o evolucionismo preconizavam uma visão evolutiva da sociedade. Essa evolução deveria ser regida por leis gerais que garantiriam o desenvolvimento material e intelectual dentro da ordem estabelecida, gerando assim o progresso” (ANANIAS, 2000, p. 76).

isso, acreditavam, bastaria imitar os países mais desenvolvidos (principalmente os Estados Unidos, a Inglaterra e a França) transplantando, para o Brasil, o seu modelo cultural.

De acordo com o republicano Manuel Ferraz de Campos Salles, comparado com outras províncias do Brasil, a educação em Campinas progredia:

Assim temos que freqüentam as escolas oitenta por cento dos meninos que se acham em idade própria, e apenas dezesseis por cento não o fazem. Não hesitamos em afirmar que este resultado está no plano dos mais vantajosos, que têm colhido os países onde a instrução é vista como a primeira necessidade política e social. (Almanaque de Campinas para 1871).

Portanto, desde meados do século XIX, aflorou na região, o interesse da população campineira pela educação. Isso principalmente devido às discussões que aconteciam tanto no âmbito filosófico e político, de tendência liberal e republicana, na qual a escola era colocada como principal propagadora das novas idéias. Conforme consta no **Relatório sobre o Estado da Instrução de São Paulo no ano de 1865**, nas páginas 8 e 9 constam em Campinas, as seguintes escolas:

Tabela 01 - Escolas públicas de primeiras letras para o sexo masculino em Campinas, 1865:

Local	Professor	Período	Matrícula	Freqüência
Santa Bárbara	C. Felipe de P. Eduardo	Noturno	28	23
Campinas	Luciano X. de Oliveira	Noturno	40	30
N. Constituição	Venâncio J. Fontoura	Noturno	110	80
N. Constituição	Álvaro R. da Cunha	Noturno	33	20

Tabela 02- Escolas públicas de primeiras letras para o sexo feminino em 1865:

Local	Professora	Período	Matrícula	Frequência
Campinas	Maria Eugênia de Campos	Noturno	42	30
N. Constituição	Hermelinda Rosa de T.	Noturno	88	60

Tabela 03 - Escolas particulares para o sexo masculino em 1865:

Local	Professor	Matrícula	Frequência
Campinas	Bazílio P. S. Prado	12	12
Campinas	Benedito F. Marques	12	12
Campinas	Manoel M. C. Camargo	46	46
Campinas	Francisco Wey	26	26
Campinas	Quirino de A. Campo	16	16
Campinas	José Antonio B. Rangel	15	15
Campinas	Dr. Miguel Archanjos R. C.	16	16

Entre 1860 e 1870, o ensino primário e o ensino secundário são declarados livres em quase todas as províncias do Império. No caso do ensino secundário começa a ganhar terreno a tese da desoficialização. A Lei nº 54, de 13 de abril de 1868, e seu respectivo

regulamento, dispunham sobre a reforma do ensino na Província de São Paulo. “A Lei instituiu a liberdade do ensino primário e secundário e a desoficialização do secundário”. (MORAES, 1981, 47).

No ano de 1862, no internato do Professor João Batista Pupo de Moraes, o primeiro aberto para meninos em Campinas, os jovens aprendiam a ler, contar, gramática francesa, latim, geometria, geografia e doutrina cristã. O colégio funcionou na Fazenda Laranjal, em Joaquim Egídio, aproximadamente até 1874 oferecendo curso secundário. Havia também as escolas dos professores Malaquias Ghirlanda, Joaquim Roberto Alves e o Colégio São João Batista, do professor Brás da Silveira Caldeira, que se destinavam à alfabetização.

A escola do professor Malaquias funcionava como externato para meninos. O ensino elementar aí consistia no aprendizado das operações fundamentais, ler, escrever, doutrina cristã, contos morais e noções gerais de gramática da língua portuguesa.

No que se refere ao ensino elementar para meninas, alguns colégios foram fundados nesse período, e dirigidos por mulheres. Os dados sobre esses colégios foram extraídos das investigações realizadas pelas pesquisadoras Hilsdorf (1999) e Moraes (1981). O Colégio Cesarino ou Perseverança foi fundado em 1860 por Bernardina Cesarino e Amancia Cesarino. Ensinava as meninas a ler, escrever, contar, gramática nacional e francesa, geografia, música e prendas domésticas. Em 1871 contava com mais de 30 alunas. Encerrou suas atividades em 1876.

O Colégio Florence foi fundado em 1863 pela educadora Carolina Florence, de origem alemã. Carolina chegou ao Brasil com 24 anos e casou-se com Hércules Florence. Era filha de João Henrique Krug, secretário da Sociedade Culto à Ciência, que fundou o colégio de mesmo nome. Em 1871 o colégio contava com mais de 70 alunas, entre internas e externas. O colégio estava localizado na Rua das Flores, atual José Paulino, rua onde também se instalaria o Colégio Sagrado Coração de Jesus. Aí as meninas aprendiam a ler, escrever, contar, gramática nacional, gramática francesa, inglesa e alemã, geografia,

história, aritmética e geometria, bordados e *crochet*, desenho, música, doutrina cristã e todas as prendas domésticas.

O Colégio da Glória, dirigido por Maria de Moura Galvão Lacerda e localizado na Praça do Comércio ensinava a ler, escrever, contar, gramática nacional e francesa, geografia e história, aritmética e geometria, bordados e *crochet*, desenho, música, doutrina cristã e as prendas domésticas. Em 1872 contava com 24 alunas matriculadas.

De acordo com Amaral Lapa, as primeiras letras não eram suficientes para as meninas da elite da época:

Saber ler, escrever e contar, para responder às poucas requisições sociais no sentido do comportamento e do cumprimento das funções que estavam reservadas a mulher. Mas não bastava. Para as meninas ricas de uma sociedade que vivia o seu primeiro momento de modernidade, exigia-se um refinamento cultural, que se traduzia em aprender francês e artes, música com piano, canto e dança e ainda desenho, coroados pelo ensino religioso. A mulher emersa no mundo colonial devia ceder lugar à mulher aristocrática no saber, no comportamento público e privado, na sociabilidade enfim. É claro que sem comprometer a sua subordinação na família e na sociedade, mesmo porque não tinham sido de todo relegadas as idéias a respeito da inferioridade biológica da mulher, pois o seu cérebro era menor e, portanto mais frágil que o dos homens. Assim aprendiam menos! (LAPA, 1996, p. 165)

Entre 1872 e 1884, houve um crescimento do ensino particular na província. Em 1872, Campinas possuía cinco escolas públicas de ensino primário, duas para o sexo feminino e três para o masculino, e onze particulares. Destas, quatro para meninas e doze para meninos. O currículo era composto de aulas de leitura e escrita, noções essenciais de gramática portuguesa, princípios elementares de aritmética, sistema métrico de pesos e medidas, doutrina de religião do Estado e princípio moral. O método de ensino era o geral ou simultâneo³⁵, com duração de 4 horas de aula, durante cinco dias da semana. As

³⁵O método criado por São João Batista de La Salle (1651-1719), em que o professor atendia os alunos simultaneamente, superou o ensino mútuo e o ensino individual, tão em voga no século XIX. No Brasil o método simultâneo é oficialmente instituído em todas as escolas no ano de 1846. Basicamente no método de

matrículas aconteciam duas vezes ao ano e as crianças admitidas deveriam ter mais que cinco anos e menos que 14 anos.

Para Saviani (2005) e Lombardi (2005), é preciso levar em consideração e, portanto estarmos atentos, quando falamos sobre *educação pública e privada*, o significado destes termos no século XIX. Para os autores o público e o privado são categorias do mundo moderno, configuradas a partir do século XIX. Na segunda metade do século XIX, o ensino oferecido pelo Estado era direcionado para uma pequena parcela da população, então não podemos dizer que era fornecido de uma forma pública. Já o ensino privado recebia subvenção do Estado. No caso do Colégio Coração de Jesus, em 1910 e 1929, várias isenções de imposto predial foram concedidas pela Câmara Municipal³⁶ e subvenções. Em troca ficava facultado à prefeitura, internar cinco surdas-mudas no Instituto Santa Terezinha³⁷, anexo ao Colégio³⁸.

Em 1872 foi fundado na cidade, o Colégio International para ambos os sexos. O colégio de ensino seriado, primário e secundário foi estabelecido por protestantes americanos, George Nash Morton e Edward E. Lane. No ano de 1869 os presbiterianos fundaram sua igreja em Campinas. Dez anos depois o colégio desapareceu e Morton segue para São Paulo. O remanescente do colégio é o Seminário Presbiteriano Mackenzie, mais tarde elevado a Faculdade de Teologia.

O currículo do Internacional contava com doutrina cristã, matemática, aritmética, geometria, álgebra, geografia política e física, química inorgânica, orgânica e animal,

ensino mútuo aos alunos de toda uma escola se dividem em grupo e são monitorados por alunos mais adiantados. Estes alunos, por sua vez são vigiados por um inspetor. Portanto a principal característica do ensino mútuo é o fato dos alunos serem monitores de seus professores (RIBEIRO, 2000, p.46).

³⁶CAMPINAS. Câmara Municipal. Arquivo. Leis, Resoluções e Provimentos promulgados pela Câmara Municipal durante o ano de 1929. Campinas, Typ. a Vapor “Livro Azul” – A. B. de Castro Mendes 1929.

³⁷ O Instituto Santa Terezinha foi fundado pelas calvarianas em 1929 com o objetivo de educar meninas, deficientes auditivas. O Instituto funcionava em prédio anexo ao Colégio Sagrado Coração de Jesus e foi transferido para São Paulo em 1933.

³⁸“Criou-se na Corte o ensino para cegos (1854) e surdos-mudos (1856)”. Estes incluíam a instrução elementar e a iniciação técnica e só continuaram pela boa vontade de diretores e professores. (RIBEIRO, 1998, 61).

história da pátria, história universal, história natural, caligrafia, ginástica, retórica, desenho, línguas antigas, leitura e composição, latim, grego, línguas modernas, gramática, leitura³⁹.

Uma das instituições de ensino mais conceituadas na memória dos campineiros, até hoje, foi fundada no ano de 1874: o Colégio Culto à Ciência. O colégio começou a ser idealizado no ano de 1869, por um grupo político, representante da nova classe emergente, composta por fazendeiros, comerciantes, militares e intelectuais da época que se afirmavam republicanos, maçons e positivistas.

Conforme Moraes (1980), o colégio que oferecia ensino primário e secundário atendia somente meninos e funcionava em regime de internato, a disciplina diária era rígida e ainda havia a obrigatoriedade da participação no ritual católico aos domingos, e também nos dias santos. A maior preocupação de seus idealizadores é que o seu plano de estudos transmitisse o “espírito laico e positivo”, mas sem grandes inovações o plano reproduzia as matérias exigidas para os exames preparatórios das academias. Diferente do Colégio Internacional, “que apresentava um plano renovado de ensino, mais moderno, mais voltado ao estudo das disciplinas científicas e das línguas vivas” (MORAES, 1980, p. 340).

Esta “modernidade” do Colégio Internacional vem antecipar a Reforma de 1890, do positivista e republicano Benjamin Constant, que procurou romper com o ensino humanístico, literário, retórico, acrescentando matérias científicas às matérias tradicionais, instituindo forte componente enciclopédico ao curso secundário.

No próximo tópico busco compreender a diversidade de propostas educacionais na região de Campinas nas primeiras décadas do século XX, perpassando por algumas instituições, e por suas propostas educacionais. No entanto, embora acreditasse tratar-se de experiências diversas, no confronto das abordagens emergiram interações e valores comuns nas instituições estudadas que reconstituiu a seguir.

³⁹ A *Gazeta* de Campinas, 15/3/1874.

2.3. Vitória das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância: a educação na Primeira República Brasileira.

Sob a liderança de elementos da camada média da população (especialmente os militares), com o apoio significativo da camada dominante do café e com a aparente omissão da população, é proclamada a República no Brasil em 1889. Após a Proclamação e durante a Primeira República, Campinas continuou sendo pólo de desenvolvimento, a elite dos fazendeiros de café passa a fazer parte da elite política nacional, conduzindo os destinos da nação e consolidando assim seus interesses tanto econômicos quanto políticos.

Na primeira década do século XX, Campinas reúne forças para se reerguer da calamidade instalada devido à epidemia da febre amarela, que afetou sensivelmente a cidade entre 1889 e 1892:

O crescimento de Campinas durante a República Velha foi perturbado apenas duas vezes. A primeira, por volta de 1889-1892, quando epidemias de febre amarela provocaram grande número de mortes e o êxodo de uma parte significativa da população e das empresas industriais e comerciais aqui instaladas. O segundo momento foi aquele no qual a cidade enfrenta um surto de gripe “espanhola” em 1918 (NASCIMENTO, 1999, p. 33).

Alguns fatores significativos contribuíram para o restabelecimento da cidade entre 1900 e 1909. O café ainda era o principal item da pauta de exportações brasileiras desde a virada do século. O Brasil respondia por mais da metade das vendas mundiais, sendo que dois terços dos cafezais brasileiros estavam localizados em municípios paulistas, e os mais importantes na cidade de Campinas. O capital acumulado pelo setor cafeeiro proporcionou o crescimento do comércio, dos serviços e da indústria. Aos poucos, a pequena cidade de 70 mil habitantes em 1900 foi adquirindo os ares de núcleo urbano quase cosmopolita, condizente com sua importância política e econômica. Como várias cidades da época, Campinas era insalubre, mas este fato não impediu a urbanização e industrialização da cidade.

A presença dos imigrantes europeus na região de Campinas também foi muito importante nesse período. Em 1905, os estrangeiros já eram donos de um terço das propriedades agrícolas em Campinas, índice que em 1920 sobe para 50%. Em 1918, 23% da população da cidade de Campinas eram constituídas de estrangeiros.

Aliadas a esses fatores, várias ações foram desenvolvidas para garantir a saúde pública e a qualidade de vida da população, em que o poder público, os homens de negócios e a sociedade estavam empenhados, o que levou Campinas à superação dos males trazidos pela epidemia da febre amarela do final do século XIX. A Comissão de Saneamento dirigida pelo sanitarista Francisco Saturnino Rodrigues de Brito realiza várias obras de drenagem na cidade, canalização de córregos e implantação do Canal de Saneamento, com via marginal que hoje tem o trajeto da Avenida Orosimbo Maia, uma das principais vias estruturadoras do sistema viário da cidade. Os últimos casos de febre amarela foram registrados na cidade em 1903.

A partir de 1905 a cidade recebe novos melhoramentos, como os primeiros projetos de urbanização da cidade, com ajardinamento de praças, prolongamento de avenidas. As modificações urbanas são seguidas pela evolução da geração de eletricidade. A Companhia Campineira de Iluminação e Força passa a operar uma usina em 1906. Em 1912 é inaugurado o primeiro trecho da iluminação pública e os bondes elétricos começam a circular.

Ao contrário da segunda metade do século XIX, ao lado das escolas particulares, cresce significativamente o número de escolas públicas, em todos os níveis de ensino. De 1901 a 1930 foram instalados 13 grupos escolares; de 1892 a 1930, 82 escolas isoladas; de 1918 a 1930, 19 escolas reunidas⁴⁰.

Com a proclamação da República, o Estado de São Paulo instituiu os Grupos Escolares de Instrução Pública em 1894, “que se constituíram em uma nova modalidade

⁴⁰ Dados extraídos dos Almanques Históricos de Campinas, Anuários do Ensino do Estado de São Paulo e Estatística Escolar de 1930 (SOUZA, 1998, p. 133 e p. 136).

administrativa e didático-pedagógica destinada ao ensino elementar” (NASCIMENTO, 1999). Em Campinas a instalação dos grupos escolares representa um marco relevante na história da cidade. Para Saviani (2004), a implantação dos grupos escolares pode ser considerada um fenômeno urbano e eficiente para a seleção e a formação das elites. O ensino para as massas populares só esteve presente na reforma paulista de 1920.

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição das classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (gradação dos programas e estabelecimento de horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor (Souza, 2004, p. 114).

O Primeiro Grupo Escolar de Campinas foi criado por lei de 1895 e inaugurado em 1897, hoje denominada Escola Estadual Francisco Glicério, obra de Ramos de Azevedo. No pavimento térreo funcionavam as aulas para as meninas e no piso superior as aulas para os meninos e cada classe era ministrada por um professor.

O Segundo Grupo Escolar foi instalado em Campinas, em 1900, denominado Grupo Escolar Doutor Quirino dos Santos em 1907, que posteriormente foi extinto. O grupo mantinha um total de 10 classes: os quatro anos do curso preliminar em cada uma das seções, masculina e feminina, mais duas classes complementares do 1º ano. O número de alunos matriculados até 1908 foi de 430, sendo 217 meninas e 213 meninos⁴¹.

⁴¹ Durante sete anos, esse estabelecimento funcionou em prédio particular situado na Rua Marechal Deodoro, nº 38, alugado pela Câmara Municipal. A escola se transferiu, depois, para um prédio reformado pela mesma Câmara, na rua Dr. Costa de Aguiar, nº 1. Curiosamente o Colégio Sagrado Coração de Jesus se instalou no mesmo prédio da Rua Marechal Deodoro nº 38, quando as irmãs calvarianas iniciaram o empreendimento em Campinas.

As escolas isoladas sob responsabilidade do Estado, ensino primário, tinham um professor para todos os alunos, se distribuíam pela zona urbana e rural. Tem-se que, em 1908, existiam 24 destas escolas no campo e oito na cidade. Em 1900, as escolas isoladas públicas femininas em Campinas concentravam-se nos seguintes bairros: Bairro do Fundão, Santa Cruz, Taquaral, Anhumas, Arraial dos Sousas, Valinhos e Estação Joaquim Egídio. As escolas Reunidas sob responsabilidade do Estado, de ensino primário, resultavam da incorporação de escolas isoladas: a primeira Escola Reunida de Campinas foi instalada no Arraial de Sousas, em 1918.

Além das escolas primárias, o governo estadual mantinha uma escola profissional, a Escola Profissional de Campinas Bento Quirino, um ginásio (que funcionou como Colégio Culto à Ciência de 1874 a 1891) e uma escola de formação de professores, a Escola Normal Carlos Gomes.

Dentre todas as possibilidades de instrução, a educação do povo é vista pelos republicanos como requisito fundamental ao desenvolvimento do Brasil. Principalmente a educação básica. Por isso é tão importante a criação da Escola Normal. Criada inicialmente em 1902, como Escola Complementar de Campinas, moças (na maioria) e rapazes disputavam as vagas através de exames. De acordo com a legislação da época, 80% das vagas eram destinadas aos alunos aprovados nas escolas preliminares estaduais. Devido à muitas críticas à forma como os professores estavam sendo preparados resultou na criação das escolas Normais Primárias em 1911⁴².

A rede de ensino municipal era inexpressiva no início do século XX: em 1901 havia apenas a Escola Corrêa de Mello (para meninos), no Largo Corrêa de Mello, praça em frente ao atual Mercado Municipal, que era mantida pelo Coronel Joaquim Quirino dos

⁴² A partir de 1952, o Instituto de Educação Carlos Gomes de Campinas oferecia cursos de jardim de infância, pré-primário, primário, ginásio, normal, vários cursos de aperfeiçoamento para os formados, e ainda mantinha classes para deficientes mentais e acompanhamento e assistência para alunos amblíopes, cegos e surdos. O Colégio Coração de Jesus instalou o Instituto Santa Terezinha para educação de alunas deficientes auditivas desde 1929.

Santos, inaugurada em 1881 e fechada em 1886; e a Escola Ferreira Penteado (para meninas), também inaugurada em 1881, na Rua Regente Feijó, próxima ao Palácio dos Azulejos.

No que se refere ao ensino particular nesse período, algumas escolas de ensino elementar possuíam apenas um professor. Já outras possuíam estrutura mais complexa, como os colégios que mantinham regime de internato e externato, curso primário, secundário e profissional. Grande parte delas era mantida por congregações religiosas, inclusive as estrangeiras, como no caso do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Em 1918, por exemplo, existiam 56 escolas particulares em Campinas, com 3 594 alunos matriculados. Destas somente 7 eram confessionais católicas, mas contavam 40% das matrículas. Outras escolas objetivavam a transmissão da cultura e ideais nacionalistas estrangeiros, como as escolas alemãs, italianas e portuguesas. O *Anuário de Ensino* de 1917 registra em Campinas, cinco escolas alemãs, três italianas e uma portuguesa, todas destinadas ao ensino preliminar. (NASCIMENTO, 1999, p. 40 e 50).

Entre as escolas particulares de organização mais complexa que funcionavam em Campinas durante a Primeira República estão instituições constituídas pela sociedade civil e pela Igreja Católica, principalmente na figura de dom Nery que foi responsável pela criação de vários desses estabelecimentos. Na tabela a seguir foram registradas as instituições, ano de fundação, cursos oferecidos, entidade mantenedora e a quem se destinavam.

Tabela 04 – Estabelecimentos particulares de ensino em Campinas no início século XX.

Nome da Escola/ Ano de Fundação	Cursos			Entidade Mantenedora
	Primário	Secundário	Profissional	
Liceu Nossa Senhora Auxiliadora (1897)	X	X	X	Padres Salesianos (criado para atender os órfãos da febre amarela).
Colégio Progresso Campineiro (1900)	X	X		Sociedade Civil (para meninas).
Colégio São Benedito (1902-1936)	X	X	X	Sociedade de Homens de Cor (meninos).
Externato Tiradentes (1904-1946).	X			Particular
Externato São João (1909)	X		X	Padres Salesianos (meninos).
Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas (1909)	X	X	X	Congregação de Nossa Senhora do Calvário (França). (para meninas)
Escola Técnica de Comércio Bento Quirino (1917)			X	Particular (meninos).
Colégio Cesário Motta (Preparatório) (1911)	X			Sociedade Civil
Seminário Diocesano Santa Maria (1915). Atualmente Colégio Pio XII.	X			Diocese de Campinas (meninos).

Tabela 04 – Estabelecimentos particulares de ensino em Campinas no início século XX.

(CONTINUAÇÃO)

Nome da Escola/ Ano de Fundação	Cursos			Entidade Mantenedora
	Primário	Secundário	Profissional	
Externato Caetano de Campos (1915)				Em 1918 transformou-se em Ginásio Campineiro.
Jardim de Infância Noemia Asbahr (1917)	X			Particular
Escola de Comércio São Luiz (1921)	X	X	X	Diocese de Campinas/Francisco Barreto Leme
Colégio Ateneu Paulista (1921)	X	X		Particular (meninos).
Instituto Santa Terezinha (1929).	X			Particular para meninas Irmãs Calvarianas.
Lar Escola Nossa Senhora do Calvário (1926).				Particular para órfãos. Irmãs Calvarianas.

Ao pesquisar sobre essas escolas particulares pretendia reconstituir suas trajetórias, analisá-las e perceber o projeto educacional de cada uma delas, e sua contribuição para a educação e para a cidade no período. Mas isso ultrapassa os objetivos dessa dissertação. Acredito que essa investigação ainda está por ser feita de forma mais aprofundada. Mencionarei, no entanto, alguns dados e características de algumas dessas escolas para compreender a oferta do ensino em Campinas no período, e com o intuito de mostrar que, apesar de muitas escolas terem sido criadas por particulares ou mesmo pelo poder público,

podemos notar algumas semelhanças com o ensino oferecido nas escolas confessionais da cidade.

No caso dos colégios católicos, como o *Lyceo de Artes e Offícios*, criado em 1897, não é difícil perceber as semelhanças com a educação ministrada no Colégio Coração de Jesus. No entanto, quando comparamos o Coração de Jesus com o Colégio Progresso, por exemplo, não podemos nos esquecer de que eram duas propostas diferenciadas de ensino. Mesmo assim estas escolas tinham vários projetos em comum, e principalmente o que mais se assemelhava era o fato de que, tanto a Igreja Católica quanto os republicanos, tinham como objetivo maior, oferecer educação de qualidade às suas filhas.

Nas últimas décadas do século XIX, a pujança de Campinas foi abatida pela epidemia da febre amarela, o que provocou êxodo da população. Para auxiliar e acolher os inúmeros órfãos gerados pela tragédia, uma senhora da sociedade campineira, Maria Umbelina Alves Couto, com o apoio do vigário da Matriz de Santa Cruz e futuro bispo de Campinas, dom Nery, fundaram o *Lyceo de Artes e Offícios*, em 1892. Com o prédio inacabado, a escola foi inaugurada em 25 de julho de 1897, com o objetivo de educar apenas meninos.

No fim da monarquia, os salesianos vão atuar no Brasil, em vários estados, realizando trabalhos com jovens abandonados, pobres, órfãos, mas também irão estabelecer escolas profissionalizantes para estes meninos, livrando-os de tornarem-se o “flagelo da sociedade”, de acordo com o discurso de dom Bosco, que fundou a Congregação Salesiana na Itália, em 1858.

No *Lyceo de Artes e Offícios* de Campinas, as oficinas de tipografia, carpintaria, alfaiataria e sapataria iniciaram as aulas em 1898. Os meninos eram alfabetizados com instrução elementar: aprendiam a ler, escrever, fazer as quatro operações e recebiam aulas de teoria musical, catecismo e educação moral. Além dos órfãos o *Lyceo* acolhia os filhos

da elite da sociedade campineira e de inúmeras cidades da região e do estado, sob o regime de internato, semi-internato e externato. (NEGRÃO, 1999, p. 204).

No ano de 1909, sem auxílio dos seus beneméritos da sociedade campineira, que deixaram de se interessar por esse tipo de ensino e estavam mais interessados em apoiar a educação popular, as oficinas profissionalizantes são transferidas para o centro da cidade: surge o Externato São João.

O *Lyceo* institui no ano de 1910, o Curso Comercial de Campinas, em regime de internato e externato, que não era gratuito, mas concedia bolsas de estudo somente para alguns alunos. O currículo contava com as disciplinas de português, francês, inglês, latim, aritmética, geometria, contabilidade, caligrafia, geografia, música. No segundo ano acrescentavam-se álgebra, italiano, datilografia e no terceiro ano, economia política, direito comercial, história, taquigrafia e legislação aduaneira. No ano de 1921, Francisco Barreto Leme estabeleceu a Escola de Comércio São Luiz, que será concorrente do Curso Comercial do Liceu, este extinto em 1939.

O internato e semi-internato do *Lyceo*, diferenciando-se da proposta positivista de educação e da escola pública, tiveram como objetivo formar seus alunos para papéis de destaque na sociedade campineira, como também buscava orientar os alunos para a vida religiosa, para as profissões liberais, para o comércio, para cargos na indústria e também para o funcionalismo público. Em 1928 o internato mantinha cerca de 350 alunos. A partir da década de 40 as famílias vão optar preferencialmente pelo regime de externato.

As famílias que optavam pela educação religiosa do *Lyceo* pertenciam à elite campineira, que buscava afastar os filhos da educação laicista. Muitos filhos de proprietários ricos e mesmo de trabalhadores buscavam a escola que oferecia educação humana e cristã. Muitos órfãos eram admitidos gratuitamente a pedido de dom Nery. Nos cursos regulares exigia-se na admissão a certidão de batismo.

No Regulamento Interno, rezavam as demais condições de admissibilidade: não ter menos de 7 anos e não mais que 15; ter saúde que não exigisse exceções no regime interno do colégio; não possuir defeito físico notável; apresentar atestado de bom comportamento, se provindo de outro colégio. (NEGRÃO, 1999, p. 217).

O Colégio Progresso Campineiro foi criado em 1900 com o objetivo de oferecer ensino para a juventude feminina da cidade de Campinas, para as filhas da elite campineira e da região. Orozimbo Maia, político republicano, fazendeiro, e que foi prefeito de Campinas de 1926 a 1930, e outros homens ligados ao poder público municipal, desejavam fundar uma escola pensando na educação de suas filhas. Orozimbo Maia também foi sócio-fundador de outras instituições na cidade, como o Asilo de Inválidos (1905), a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia (1871) e da Maternidade de Campinas (1916).

O Colégio nasceu no cenário de repúdio a instituições escolares católicas, onde liberais e positivistas das esferas do poder pregavam o ensino laico e científico. O Progresso foi organizado para ser um internato, mas também oferecia para as meninas o regime de externato e semi-externato. O grupo responsável pela criação da escola escolhiam seus professores sob rígidos critérios, desejando que as professoras permanecessem na escola à fim de acompanhar os passos de suas alunas, e as mesmas professoras só eram aceitas mediante a indicação de pessoas conhecidas da instituição.

No primeiro ano de funcionamento o colégio contabilizou 10 matrículas de meninas entre 6 e 13 anos.

A época da criação do *Colégio Progresso Campineiro*, na passagem para o século XX, notava-se, em Campinas, a ausência de colégios laicos que ofertassem suas vagas exclusivamente para meninas das famílias tradicionais da cidade e adjacências, principalmente em nível secundário, uma vez que o Colégio Florence, que durante mais de 20 anos cuidara desse segmento de ensino, fechara suas portas em 1889, transferindo-se para a cidade de Jundiaí, em virtude da epidemia de febre amarela, que assolara a cidade de Campinas. (PENTEADO, 2010, p. 41).

No entanto, mesmo com o objetivo de dar às suas filhas educação de qualidade, mas longe dos colégios católicos, no ano de 1902 assume a direção da escola D. Emília de Paiva Meira, que ficou à frente da instituição por 35 anos. Através da nova diretora e atendendo os anseios das famílias que matriculavam suas filhas no Progresso, a instituição abraçou com veemência o ensino religioso, apesar de seus fundadores propagarem os princípios norteadores da república, positivista e laico. As alunas depois de formadas deveriam cumprir seus papéis de mães zelosas e devotas.

Ao percorrer a história da escola, o Memorial, que o colégio estabeleceu em 2005, percebemos as semelhanças com o Colégio Coração de Jesus. As alunas do Colégio Progresso, assim como as alunas do Coração de Jesus, deveriam ter uma formação sólida nos estudos clássicos e humanísticos, com aulas de música, leitura, noções de gramática, declamação, geografia, doutrina cristã, história universal e do Brasil, línguas portuguesa, inglesa, francesa e alemã, desenho, piano e canto, trabalhos de agulha e ginástica.

Apesar do advento da República, vê-se pelas disciplinas oferecidas que o ensino secundário do Progresso manteve o caráter enciclopédico. Somente a partir de 1916 é que as disciplinas científicas são acrescentadas ao currículo.

O Colégio Progresso seguiu sempre o programa dos Ginásios Oficiais e, em 1926, requereu e obteve bancas examinadoras. Em 1928 passou a oferecer o Ensino Normal, e em 1931 obteve uma inspeção prévia, que se tornou permanente em 1934 como prerrogativa de “Instituto Livre de Ensino Secundário”. Manteve um curso de aplicação e outro de pré-primário, instituiu a “Escola Normal Livre” e ficou autorizado a funcionar como “Colégio” desde 1942. (GOMES, 2004, p.16).

Apesar de não pertencer a nenhuma ordem ou congregação religiosa, o Colégio Progresso se assemelhava às instituições escolares católicas, em vários aspectos: vida religiosa e vocações, rotina do internato, disciplinas oferecidas, festividades e comemorações, o relacionamento com os representantes da igreja local. Isso devido principalmente à figura de sua Diretora, D. Emília de Paiva Meira, católica fervorosa. Na

década de 60, a nova diretora D. Amélia Pires Palermo foi a responsável pela renovação educacional da instituição.

O Colégio São Benedito foi uma iniciativa da Irmandade de São Benedito de Campinas. Seus integrantes convidaram em 1902, o professor Francisco José de Oliveira para alfabetizar os filhos dos negros da cidade. Nas pesquisas realizadas sobre a escola, os primeiros registros datam de 1907: neste ano o Colégio conta com 272 alunos, dos quais 124 são filhos de imigrantes. Muitas destas crianças eram contempladas com bolsas de estudo.

Este Colégio passou por inúmeras dificuldades financeiras e recebeu recursos do poder municipal para continuar funcionando. Em 1908, ano da criação da Diocese de Campinas, o Colégio deixa as dependências da Igreja São Benedito por interferência de dom Nery. O Bispo passa a controlar as irmandades negras, com o objetivo de limitar os espaços religiosos ocupados por essas irmandades e assim impor os preceitos da religiosidade romana. A presença dos homens da oligarquia no seio da Irmandade levou-os a criar o Centro Literário dos Homens de Cor, que posteriormente se tornará Federação Paulista dos Homens de Cor. O Colégio foi extinto em 1936. (GALDINO, 1999, p.308).

O Colégio Cesário Mota foi fundado em 1911, por Camilo Vanzolini com o objetivo de preparar os alunos para o ingresso nas academias do país, através dos exames preparatórios. O estabelecimento foi dirigido por Vanzolini até 1921. Em 1932, a escola oferecia além do curso preparatório, o primário, ginásio e normal. Funcionou desde o início sob o regime de internato, semi-internato e externato e tinha muito prestígio social até a década de 1950.

O Colégio Ateneu Paulista foi fundado pelo jornalista Álvaro Ribeiro, um dos criadores do jornal *A Cidade de Campinas* e mais tarde um dos fundadores dos jornais *Diário do Povo* (1912) e *Correio Popular* (1927). Foi instalado no centro de Campinas e demolido em 1976. Oferecia instrução de nível primária, secundária, internato, semi-

internato e externato. Funcionou por aproximadamente 40 anos, passou para tutela do Estado e atualmente continua suas atividades com o nome “Colégio Estadual Aníbal de Freitas”, instalado no bairro Guanabara, em Campinas.

A Escola Técnica Bento Quirino foi criada em 1917, oferecendo os cursos de qualificação básica de mecânica e marcenaria para os alunos, e o de corte, costura e prendas domésticas para as alunas. A Escola foi criada após a morte de seu benemérito, Bento Quirino dos Santos, que foi o responsável pela fundação do Segundo Grupo Escolar de Campinas, este instalado na cidade em 1900, denominado posteriormente Grupo Escolar Doutor Quirino dos Santos em 1907, e que anos mais tarde foi extinto.

Em 1927, a Escola foi remodelada, e tendo como modelo as escolas profissionais de São Paulo, foi inaugurado como Instituto Profissional Bento Quirino. Somente no final do ano, o novo governador, Júlio Prestes, regulamentou a situação do Instituto que passou a denominar-se “Escola Profissional Bento Quirino”.

Em 1930, diante de um contexto histórico renovador, a escola Bento Quirino já apresentava soluções integradas às novas ideias educacionais, pois a preocupação com a prática a distanciava do antigo ensino escolástico, acadêmico e sem vida que marcou o século anterior. A Escola existe até hoje e funciona no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), em Campinas.

O Lar Escola Nossa Senhora do Calvário. Em 15 de setembro de 1926 é fundado o Lar Escola Nossa Senhora do Calvário, em Campinas, a pedido de Dona Carmem Maia, para fins assistenciais para crianças órfãs. As Irmãs de Nossa Senhora do Calvário foram escolhidas por dom Francisco de Campos Barreto para administrar a obra. O Lar foi legalizado em 1934, na chácara da Rua Luzitana nº 543, sob a direção de Irmã Cecília Leal. As crianças eram assistidas até os 18 anos.

Em 15 de setembro de 1937 foi lançada a pedra fundamental em terreno pertencente à Congregação no bairro Taquaral. Depois as irmãs compraram outro terreno, no bairro do Cambuí, onde construíram o prédio, que está lá até hoje. A aquisição deste terreno teve o

apoio do engenheiro Lix da Cunha, diretor da construção na época. Em 1945 as calvarianas estabeleceram no local o Orfanato Nossa Senhora do Calvário, que em 30 de julho de 1967 teve seu nome alterado para Lar Escola Nossa Senhora do Calvário.

Em 1965 é fundado junto à obra um jardim de infância, que levou o nome de Madre Cecília, para ajudar na manutenção do Orfanato, que estava em dificuldades. O nome Madre Cecília foi homenagem a 1ª Superiora do Lar Nossa Senhora do Calvário. A iniciativa teve boa aceitação por parte das famílias do bairro, pelo êxito do método Montessori, e pela insistência das famílias dos alunos foram criadas gradativamente classes do primário até o 4º ano. O jardim de infância teve então seu nome alterado para Externato Madre Cecília.

O Lar Escola Nossa Senhora do Calvário é mantenedor do Núcleo Comunitário Calvariano. A Instituição se mantém com recursos provindos das anuidades escolares do Colégio Madre Cecília, convênios com a FEAC, Prefeitura Municipal de Campinas, Conselho Municipal da Criança e dos Adolescentes, do SENAI e donativos diversos.

O Instituto Santa Terezinha (**Anexo 12**). Em 8 de fevereiro de 1929 embarcam da França para Campinas, quatro Irmãs, duas francesas e duas brasileiras, com a missão de fundar uma escola para deficientes auditivas em Campinas, anexa ao Colégio Coração de Jesus: Louis des Agnes, Marie Saint Jean, e mais duas irmãs brasileiras, Suzana Maria e Madalena da Cruz. Chegaram a Campinas em 22 do mesmo mês e foram recebidas pelas irmãs do Sagrado Coração de Jesus. O Bispo de Campinas, Monsenhor Francisco de Campos Barreto lhes sugeriu que a nova obra ficasse sob a proteção de Santa Teresinha, daí o nome da instituição.

No início as Irmãs tiveram que reunir esforços para mobiliar a casa, com a ajuda das irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus e das irmãs da Santa Casa de Itapira. No dia 14 de maio receberam a primeira aluna, que não tinha condições de pagar a mensalidade e recebeu subsídios para permanecer no Instituto. Mais tarde chegaram outras alunas para o internato, e o segundo semestre iniciou com duas alunas matriculadas. No dia 21 de agosto

as irmãs receberam a visita do Inspetor de Ensino para o registro do Instituto Santa Teresinha. No dia 27 de agosto de 1929, as irmãs receberam na escola, o Prefeito de Campinas, Orosimbo Maia e sua comitiva. As irmãs fizeram a demonstração do método de ensino para os visitantes, que as irmãs utilizavam na França.

Os jornais da cidade publicaram esta visita e o Instituto se tornou conhecido. Após a visita desta comitiva, a Câmara Municipal liberou uma verba de “dez contos de reis” em favor do Instituto, permitindo assim a concessão de bolsas de estudo para as alunas. Portanto, ficava facultado à Prefeitura o direito de internar até 5 meninas gratuitamente no Instituto.

O ano de 1930 iniciou com a presença de 9 alunas: duas externas e 7 internas. Em novembro, ao final das aulas, a escola preparou uma exposição com os trabalhos escolares e manuais das alunas. Muitas pessoas da cidade, inclusive o novo Prefeito e diversos diretores de escolas visitaram e admiraram os trabalhos e se interessaram pela obra. O ano escolar foi concluído com 12 alunas.

Em 1931 duas classes começam a funcionar normalmente. A Câmara Municipal reduz a verba para 6 contos de reis para a escolaridade de 4 crianças gratuitas, mas a escola havia recebido 8 crianças que não podiam arcar com as despesas. Em 15 de fevereiro de 1932, o Instituto retoma seu ano escolar com 16 alunas. No mesmo ano, a Superiora Geral da Congregação, Mère Hélène de Jésus, visitou oficialmente a escola. Foi recebida por uma das alunas que lhe fez um pequeno discurso em francês. Passando pelo Rio de Janeiro, Mère Hélène recebeu o convite para a abertura de uma escola de deficientes auditivas naquela cidade. Para esta realização, ficou resolvido que fechariam o Instituto de Campinas.

Em 1933 o ano escolar iniciou com apenas 14 alunas, devido a crise política no País. Em 19 de março de 1933 o Instituto Santa Teresinha foi transferido para São Paulo. Na tarde do dia 18, elas deixaram o prédio da escola levando 15 alunas internas e foram para a capital, no bairro do Ipiranga. Após várias mudanças e acertos na Diocese, em 1934

o Instituto foi transferido para o bairro do Paraíso, permanecendo lá até 1938, quando foi posteriormente para o Bosque da Saúde, onde está até hoje.

Através da tabela 05 (abaixo) é possível perceber que o Colégio Sagrado Coração de Jesus foi a primeira escola confessional feminina, dirigida por uma congregação católica francesa, instalada no início do século XX, em Campinas. Antes das calvarianas chegaram à cidade, em 1876, as irmãs francesas da Congregação de São José de Chambéry, mas com o objetivo de trabalhar na Santa Casa de Misericórdia. Outras congregações femininas se instalaram na cidade no período da Primeira República, mas somente algumas se dedicaram à causa da educação, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 05– Congregações católicas femininas estabelecidas em Campinas entre as décadas de 1910 e 1930.

Ordens e Congregações femininas	Origem	Ano de chegada em Campinas	Trabalhos desenvolvidos na cidade
Calvarianas de Nossa Senhora do Calvário	França	1908	Colégio Sagrado Coração de Jesus Colégio Madre Cecília Instituto Santa Terezinha
Dominicanas de Santa Catarina de Sena	Portugal	1911	Convento São Domingos Pensionato São Domingos
Carmelitas Descalças	Espanha	1926	Mosteiro (Carmelo de Santa Terezinha do Menino Jesus de Barão Geraldo).
Missionárias de Jesus Crucificado	Brasil	1928	Meditação e via-sacra Lar dos Velinhos de Campinas
Franciscanas do Coração de Maria	Brasil	1930	Colégio Ave Maria Betânia Franciscana Creche Irmã Maria Ângela - LEIMA
Filhas de Nossa Senhora do Sagrado Coração	França	1935	Paróquia São José

De acordo com o jornal *A Tribuna* de 1924⁴³, Campinas na época contava com 18 congregações católicas, seis masculinas e 12 femininas. Em São Paulo, já na década de 1860, o bispo dom Joaquim Melo tomou medidas para a criação de seminários reformados como forma de ajudar na reestruturação da Igreja⁴⁴. E paulatinamente a Igreja Católica vai se preocupando também com a educação das mulheres, que na visão da instituição são as mães e educadoras, formadoras morais dos homens.

A reabilitação da mulher pelo Cristianismo é um fato que se impõe à crítica mais exigente. A nova religião que se erguia triunfante sobre os escombros do paganismo, e espancava com a esplendorosa projeção de seus dogmas, as trevas que envolviam os destinos do homem, estava destinada a produzir nas idéias como nos costumes, uma transformação maravilhosa e universal (...). E a ação civilizadora da Igreja, através dos tempos, continuou a ser um grito de protesto contra os preconceitos antifeministas da idade antiga. A mulher, assim redimida dos erros e preconceitos que deformavam a concepção social do mundo pagão, devia presidir com sua influência benéfica, a sorte da humanidade. Inclinação sobre o berço do filho, ela não ignorava que esse berço era um destino pendente do seu esforço maternal. Devendo formar e dirigir a personalidade moral do indivíduo, a mulher preparava por isso mesmo, o destino da sociedade (*A Tribuna*, 08/02/1924).

Entre 1880 e 1920 chegaram ao Brasil 37 novas congregações masculinas e 97 femininas⁴⁵. O fato do número de congregações de mulheres serem em número muito maior se deve ao fenômeno da feminização do clero em meados do século XIX. Com o advento da República houve a reestruturação das escolas normais no país e o modelo público de ensino francês é adotado em alguns estados, particularmente na zona cafeeira (Pratta, 2005, p. 74).

Com a criação da diocese de Campinas em 1908, que simbolizou a consolidação e o aprofundamento de nova linha religiosa e política da Igreja e que exigiu uma reestruturação radical da instituição, dom Nery deixa Pouso Alegre, no sul de Minas, para assumir o bispado em Campinas e traz com ele as irmãs calvarianas francesas com o objetivo de fundar um colégio para meninas da elite e das classes médias em expansão na cidade: o Colégio Sagrado Coração de Jesus.

⁴³ *A Tribuna*, 30/08/1924.

⁴⁴ ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS: **Subsídios para sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004, p.59.

⁴⁵ id. p.67.

CAPÍTULO III – A Congregação de Nossa Senhora do Calvário e a presença do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas.

Neste capítulo, que foi dividido em duas partes, analisei as questões referentes aos princípios norteadores da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, à instalação das irmãs francesas no Brasil em 1906 e à proposta educativa das missionárias católicas.

Na segunda parte, percorri a trajetória do Colégio e busquei responder algumas questões, como por exemplo, a quem se destinava a instituição, que resultados as calvarianas atingiram com sua proposta educacional, como a população local da época via a instituição, que tipo de formação buscou imprimir à suas alunas.

3.1. A Congregação de Nossa Senhora do Calvário e a laicização do ensino na França.

A Congregação de Nossa Senhora do Calvário foi fundada em 1833, pelo padre Pierre Bonhomme⁴⁶ (**Anexo 2**), na vila de Gramat, uma pequena cidade do departamento do Lot, região localizada entre Cahors e Rocamadour⁴⁷ (**Anexo 3 e Anexo 4**), no sul da França. Eram tempos difíceis para a Igreja Católica, que havia experimentado uma forte rejeição, em função do anticlericalismo que havia marcado o período histórico desde a Revolução Francesa. Foi nesse contexto que Pierre Bonhomme, um sacerdote de família simples que era ligado à diocese de Cahors, formado nos seminários de princípios ultramontanos, decidiu-se pela fundação de uma congregação religiosa feminina na região.

⁴⁶ Em 23 de março de 2003, o fundador da Congregação foi beatificado em Roma pelo Papa João Paulo II. A confirmação de sua beatificação deu-se após o reconhecimento por parte da Igreja Católica de um milagre que ele teria realizado no rio Mamoré, em Rondônia, ao ser invocado por uma devota da Congregação a salvar uma criança de 18 meses, que caíra nas águas do rio.

⁴⁷ Há 10 quilômetros da Vila de Gramat, Rocamadour foi desde a Idade Média, destino de peregrinação de centenas de fiéis. Entre eles estivera o então seminarista Pedro Bonhomme que, tempos depois, em 1832, viria fundar a Congregação das Filhas de Maria.

A partir da segunda metade do século XIX, o modelo dominante das fundações religiosas foi o de congregações com uma superiora geral. Bonhomme expôs seu projeto a Hortênsia Pradel, uma das moças que integravam a Associação de Filhas de Maria, que ele havia fundado anteriormente. Em pouco tempo, a ela se juntaram mais três outras companheiras. Após um retiro no Santuário Mariano de Rocamadour, elas aceitaram participar da congregação. Este grupo estabeleceu um regulamento particular no que se refere à castidade, meditação, missa e sacramentos.

Na concepção da congregação, a Nossa Senhora do Calvário é considerada a *mãe de toda a humanidade*. A espiritualidade das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário baseia-se na missão que Jesus conferiu à Maria de se tornar “Mãe Universal”, ou seja, a mãe de todos aqueles que não têm o amor materno e têm sede da palavra de Deus. Seguindo o exemplo de Maria, a atitude da calvariana deve ser da mulher e mãe da compaixão, do amor, da misericórdia, da ternura, da fortaleza.

Em pouco tempo, a congregação expandiu-se e continuou a crescer, mesmo após a morte do fundador ocorrida em 1861. Hoje, as irmãs calvarianas estão presentes não apenas na França, mas também no Brasil, na Costa do Marfim, na Guiné, nas Filipinas e com projeto de instalação no Vietnã. Elas se dedicam à educação em seus colégios, à evangelização dos deficientes auditivos, às crianças e jovens abandonados, aos idosos, doentes e aos deficientes mentais.

As fundadoras do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário eram originárias de Gramat e de outras cidades da França. Assim como irmãs e padres de outras inúmeras congregações, vieram para a América para dar continuidade ao trabalho do ensino religioso⁴⁸.

⁴⁸ Leonardi aponta que no início do século XX, entre 1900 e 1912, 34 Congregações femininas chegaram ao Brasil e 11 Congregações masculinas no mesmo período. De acordo com a autora o ápice da entrada dessas Congregações foram as primeiras décadas do século XX. (LEONARDI, 2008).

Na França, em 1833, a lei Guizot concedeu ao ensino primário do Estado um caráter religioso, e a lei Falloux de 1850, concedeu a liberdade para a Igreja no ensino secundário. Com a laicização do ensino no país, muitas irmãs são enviadas às missões estrangeiras pela congregação. Antes de saírem da França rumo ao exterior, as irmãs estudaram nos colégios da Congregação, e também trabalharam como mestre de noviças nos pensionatos da instituição.

Entre 1888 e 1903, quarenta escolas da Congregação foram laicizadas, e em algumas localidades, conseguiram mantê-las como escolas livres. Em outros locais as irmãs se retiraram e voltaram para Gramat. Em 1904, a Congregação foi obrigada a declarar-se com ações voltadas somente para hospitais e cuidado de doentes, sendo dissolvida como instituição educadora. (LEONARDI, 2008, p. 96).

Na França, em 1901, promulgou-se projeto de lei que concedia liberdade de ensino a todas as associações, exceto às congregações. Desde a Reforma Jules Ferry (1880-1884), as congregações que tinham educadoras estavam ameaçadas de perderem suas escolas. As instituições eram obrigadas a solicitar uma autorização ao ministério de Cultos para assim manter seu funcionamento. Os republicanos franceses indeferiram os pedidos de autorização da grande maioria das congregações, fechando suas escolas e proibindo seus membros de ensinar, inclusive na rede privada, o que levou muitas religiosas ao exílio.

Mas o laicismo não foi introduzido abruptamente na França. De acordo com Werebe (2004), a emancipação da sociedade em relação ao domínio religioso foi sendo feita progressivamente, ao longo de um processo iniciado em 1789, com a Revolução Francesa. Durante a primeira metade do século XIX, a França alternou-se entre a Monarquia, o Império e a República. Com a Revolução, os bens da Igreja foram nacionalizados e foi redigida a Constituição Civil do clero, em 1792. O governo revolucionário autorizou a deportação de padres que se recusavam a jurar a nova constituição. A vida conventual e monástica não desapareceu, mas passou por inúmeras dificuldades.

A laicização do ensino foi mais uma etapa desse movimento de independência do poder público, e só ocorreu na III República (1870-1914), nos anos de 1880, quando Jules Ferry organizou a educação primária, tornando-a pública, gratuita e obrigatória. A propaganda religiosa e política eram proibidas nas escolas. O ensino religioso foi permitido às crianças, fora da instituição escolar. Os conflitos entre partidários do ensino público e do ensino particular se aguçaram. A liberdade de ensino foi assegurada, sendo mínimas as exigências legais a serem obedecidas pelas escolas privadas. Estas continuaram a gozar de subvenções dos poderes públicos, embora os seus adeptos combatessem intensivamente o laicismo e o ensino público.

Em 1904, o tribunal de Gourdon, na França, pronuncia a dissolução da Congregação de Nossa Senhora do Calvário e nomeia um liquidador para a instituição. As irmãs educadoras não poderiam abrir escolas, a não ser que abrissem mão de seus votos, ao menos diante da lei, e do hábito religioso, ou seja, se aceitassem a secularização. A superiora da congregação, Madre Maria Josephine entra com recurso e, após muita perseverança, obtém o direito de continuar sua obra nos hospitais e obras de assistência. Muitas religiosas, no entanto, deixaram a França, principalmente rumo à América, para dar continuidade ao trabalho iniciado pelo padre Pierre Bonhomme, o fundador da Congregação de Nossa Senhora do Calvário.

Em 1905, uma lei especial determinou a separação entre a Igreja e o Estado na França, considerando o Estado neutro em relação a todas as religiões, não tendo mais o direito de assalariar ou subvencionar qualquer culto. Esta lei pôs fim à dominação do Estado pelos religiosos e da sociedade civil pelo catolicismo. A Igreja católica sentiu que a separação não lhe permitiria mais se conciliar com o laicismo. Os católicos franceses viram nesta lei mais uma perseguição.

Na correspondência da Superiora da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, madre Marie Josephine, da qual faz parte o Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, há alusão à perseguição que as religiosas sofreram já no final do século XIX:

Para o futuro, minhas queridas irmãs, vós não tereis mais que pagar os impostos de acréscimo à receita de vossa região; um último decreto do Tribunal decidiu que a cobrança destes impostos se faria numa única declaração, feita na sede administrativa da Congregação. Esta concessão feita às comunidades não é, entretanto, um sinal de abrandamento na perseguição que as atinge. Sua existência, ao contrário, está sempre mais ameaçada. Estejamos sempre em nosso dever, seja como religiosa, seja como professoras e manteremos melhor nossa causa e a de Deus. (Circular de Madre Marie Josephine, Gramat, 15/03/1892).

Mesmo após a chegada das irmãs no Brasil, podemos ler nos jornais da época sobre a perseguição religiosa na França. Em 1910, sob o título “O Ódio à Igreja”, o artigo do jornal *O Mensageiro*, órgão das associações católicas de Campinas, relata:

Acabamos de assistir a uma perseguição terrível contra a Santa Igreja Católica, levada a efeito na França, com uma premeditação e dureza extraordinárias. Começaram pela votação de leis contrárias aos princípios do Catolicismo, passaram depois à expulsão das Ordens Religiosas, e deram o golpe final com a separação da Igreja e do Estado e a expoliação daquela. (*O Mensageiro*. Junho de 1909. p. 1).

3.2. A instalação das calvarianas em Campinas: do exílio ao estabelecimento do Colégio Sagrado Coração de Jesus. De Gramat a Pouso Alegre. De Pouso Alegre a Campinas.

A Congregação de Nossa Senhora do Calvário possuía no ano de 1906, somente 37% das comunidades dedicando-se a outras tarefas que não o ensino⁴⁹. Em 1906 a Congregação contava com 511 irmãs vivendo em 62 comunidades. Na diocese de Campinas o responsável pela vinda das irmãs de Nossa Senhora do Calvário para o Brasil

⁴⁹(LANGLOIS, Claude. **Le catholicisme au feminine**. Apud LEONARDI, Paula. **Além dos Espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas no Brasil**. Tese de Doutorado, USP, Faculdade de Educação, 2008, p.238).

foi o cônego João Batista Corrêa Nery, dom Nery, que desejava trazer para a cidade irmãs religiosas capazes de oferecer educação para a juventude feminina. O projeto foi adiado, pois dom Nery assumiu a diocese de Pouso Alegre, em Minas Gerais, para a qual foi nomeado bispo, em 21 de julho de 1901⁵⁰.

Em Pouso Alegre, dom Nery foi responsável por instalar a Santa Casa na cidade. Encarregou dom O' Connor de buscar religiosas na França, para cuidar da enfermaria da Santa Casa. Por intermédio do padre Raynal, capelão do Hospital do Trabalho em Auteuil, na França, dom O' Connor conheceu as religiosas de Nossa Senhora do Calvário e relatou o desejo de dom Nery à madre Marie Josephine, superiora geral da congregação. A religiosa então providenciou a vinda de quatro irmãs ao Brasil.⁵¹ (Sob o Cruzeiro do Sul, 1932-1934).

Antes de nomeá-las oficialmente, a superiora instruiu as religiosas sobre as inúmeras dificuldades engendradas pelas leis da educação, o sofrimento da perseguição, a questão da secularização, a necessidade de dar à congregação um campo mais extenso e as dificuldades que enfrentariam ao partir para outro país, entre outras, a diferença do clima e da língua.

Após refletirem, madre Pierre du Sauveur e irmã Françoise Marie, aceitam a indicação de madre Marie Josephine. As eleições internas da congregação de 28 de agosto de 1906 elevam madre Suzanne (**Anexo 5**) ao generalato da congregação e ela escolhe mais duas missionárias para viajarem ao Brasil: irmã Louis Joseph e irmã Georges Marie, que aceitam partir para Pouso Alegre, em Minas Gerais.

⁵⁰ Dom Nery foi idealizador do Liceu de Artes e Ofícios de Campinas em 1892, juntamente com Maria Umbelina Alves Couto. Criou a Escola Agrícola, anexa ao Liceu; a Creche Bento Quirino; o Ginásio Diocesano; o Instituto Santa Maria; o Teatro Católico, junto ao Externato São João. Criou escolas primárias e secundárias para meninos e jovens e na sede de sua Paróquia a célebre Escola de Coroinhas de Santa Cruz, de onde saíram diversos Bispos do Brasil, entre eles, Dom Francisco de Campos Barreto. (site da Arquidiocese de Campinas).

⁵¹ **Sob o Cruzeiro do Sul** é um texto escrito em homenagem ao Centenário da Congregação Nossa Senhora do Calvário, em 1933. Várias partes do texto foram extraídas e traduzidas do Stabat (1932-1934), jornal da província das irmãs no Brasil. A *província* reúne um conjunto de fundações das calvarianas em determinado país, e é dirigida pela provincial.

As viajantes partiram de Marselha em 6 de outubro de 1906, no navio *Les Andes*, da companhia de navegação francesa, a Sociedade Geral de Transportes Marítimos a Vapor. Na manhã de 28 de outubro as calvarianas foram recebidas no Rio de Janeiro pelas irmãs de São Vicente de Paulo, que viviam no bairro de Botafogo. Aproximadamente oito dias depois partiram de trem para Pouso Alegre, em Minas Gerais, provavelmente pela Estação Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.⁵² Na Estação de Itajubá, em Minas Gerais, as irmãs foram recebidas por dom Nery, que estava em viagem pastoral. O bispo interrompeu suas visitas para receber as irmãs e anunciar que elas deveriam seguir para o Convento da Visitação, esperando a instalação definitiva na Santa Casa de Pouso Alegre.

Madre Suzanne, superiora da congregação entre 1906 a 1915, escreve em suas circulares às irmãs calvarianas no Brasil:

Minhas mui queridas Irmãs,
Dizer-lhes minha emoção ao dirigir-lhes uma carta circular, nas atuais circunstâncias, ser-me-ia impossível (...). Somos a porção escolhida por Deus. Não esqueçamos este privilégio e tornemo-nos dignas dele (...). A feliz instalação de nossas casas no estrangeiro parece nos prometer uma garantia dessa sobrevivência. Primeiramente, em Pouso Alegre onde nossas Irmãs foram acolhidas com entusiasmo, e onde o apostolado a fazer excita o zelo de nossas queridas exiladas e as cumula de uma alegria verdadeiramente sobrenatural. (Circular de Madre Suzanne, Gramat, 24/12/1906).

Sobre a secularização vivenciada pelas calvarianas, madre Suzanne ainda vai alertar:

O momento é grave, minhas queridas Irmãs. Os acontecimentos religiosos se complicam e se precipitam de maneira assustadora: atingimos uma crise aguda de uma terrível perseguição, não podemos ignorar isso, não somente a vida religiosa se encontra em perigo em nosso querido País, mas também a vida cristã. Qual é o nosso dever? O de um exército, na véspera, talvez de um assalto decisivo: obediência aos chefes, ordem e disciplina nas fileiras. (Circular de Madre Suzanne, Gramat, 24/12/1906).

⁵² De acordo com Ralph Giesbrecht, estudioso das ferrovias no Brasil. Completar referência.

Através da fala da superiora é possível compreender o projeto dessas religiosas, que possuem muitas vezes várias características semelhantes à uma organização militar (PRATTA, 2002, p. 31). Esse novo “modelo” de religiosa, que atingiu seu auge no processo de romanização da Igreja Católica no século XIX, elegeu as mulheres, religiosas ou não, como perfeito veículo de transmissão dos valores católicos e cristãos, preocupadas em restaurar a paz nos tempos de guerra, acalmando os ânimos dos homens.

Essas religiosas são consideradas “irradiadoras da virtude”, piedosas e mortificam seus impulsos em nome de Deus, que para elas é tudo. A Igreja para elas é Deus vivendo na terra. A irmã casta, caridosa, empreendedora, disciplinada é uma cidadã ideal, e *combinava* com o cidadão pretendido pelo projeto republicano no Brasil. Diferentemente das religiosas dos tempos medievais, as religiosas agora não se isolam mais nos mosteiros, com seus votos solenes, de pobreza, castidade e obediência, mas atuam no meio do povo e se preciso atravessam o oceano para desenvolverem sua função social.

No caso específico de madre Suzanne, que assumiu o generalato da congregação em 1906, empenhou-se em reunir as irmãs espalhadas pela secularização na França, com o objetivo de ligá-las ao Instituto das Calvarianas pelos votos perpétuos e também se ocupou da aprovação das Constituições da Congregação pela Santa Sé, o que ocorreu somente em 12 de abril de 1911 (**Anexo 6**).

O Convento das Irmãs da Visitação foi a primeira moradia das irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, em Pouso Alegre, que em novembro são transferidas para a Santa Casa da cidade. Em 1907, dom Nery, contente com o desempenho das irmãs, solicitou à superiora geral na França, mais quatro irmãs para atuarem nos estabelecimentos de Pouso Alegre, duas para a Santa Casa e duas para o Colégio São José.

No dia 20 de abril de 1907, a comunidade das calvarianas em Pouso Alegre aumenta: chegam ao Brasil as irmãs Marie Saint Antoine, Jean de Jesus e Joseph du

Sauveur, que foi transferida posteriormente para Santa Fé, na Argentina. No país vizinho as calvarianas fundaram um colégio que permaneceu até 1927.

Através das circulares da superiora da congregação madre Suzanne, fica claro que a perseguição às irmãs na França continuava, dificultando o trabalho educativo e facilitando a vinda das religiosas para a América. A superiora acredita que os frutos das “missões” serão mais valiosos para a instituição, responsáveis até pela própria vida da congregação.

Como o número de doentes da Santa Casa não era numeroso, dom Nery e o vigário da Catedral da cidade solicitaram às irmãs que ficassem responsáveis pelas aulas de catecismo para as crianças, para os adultos e para as *Filhas de Maria*. A tarefa foi difícil, pois as irmãs não falavam o português. A circular de madre Suzanne às calvarianas vai dizer:

As notícias de Pouso Alegre são interessantes também e edificantes. Agora nossas irmãs estão mais familiarizadas com os costumes e a língua do país. Estão desejosas de começar a catequese das crianças, lastimam a ignorância religiosa da população; aspiram ardentemente pelo dia em que poderão abrir as classes da escola e continuar as obras de caridade das quais de ocupam com sucesso. (Circular de Madre Suzanne, 21/06/1907).

3.3. A fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1909.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus foi fundado em 1909 e foi fruto da iniciativa dos religiosos, Francisco Barreto Leme⁵³ e dom Nery, ambos ligados ao movimento de romanização da Igreja Católica brasileira. Em 1906, seis meses após a chegada das calvarianas em Pouso Alegre, monsenhor Francisco de Campos Barreto, vigário de Santa Cruz de Campinas projetava abrir um colégio para a educação de crianças e jovens

⁵³Dom Barreto: Nasceu no antigo Arraial de Souza, em 1877. Sucedeu dom Nery no bispado de Campinas, com o falecimento deste em 1º de fevereiro de 1920. Organizou algumas casas religiosas, fundou asilos e colégios na cidade. Foi o precursor da Ação Católica em Campinas e o idealizador da Universidade Católica.

pertencentes à elite e à classe média da cidade. Buscou muitas congregações, inclusive no exterior, mas nenhuma correspondeu aos seus apelos.

Em Pouso Alegre visitou dom Nery, futuro bispo de Campinas, para estudar a possibilidade de constituir juntamente com as irmãs calvarianas um colégio em Campinas. As irmãs encorajadas por dom Nery escreveram para Gramat, e mencionaram a disponibilidade de dom Barreto, que possuía a quantia de 22 contos de réis, para a fundação de um colégio para meninas em Campinas. No entanto, Madre Suzanne lhe respondeu que estava constituindo um colégio em Santa Fé, na Argentina, e recusou o pedido para a abertura da escola em Campinas. As irmãs teriam que esperar para retomar suas atividades como educadoras, profissão que exerciam na França.

Educar as filhas da aristocracia não era mais um luxo, mas uma questão de necessidade. Mesmo com condições de instalar o sistema educacional que bem pretendesse, essa classe social optou por entregar suas filhas aos cuidados de religiosas estrangeiras. Estudar nessas escolas era sinal de prestígio social. Ao mesmo tempo em que apoiava o novo regime de governo, a República, a oligarquia buscava para suas filhas uma educação calcada nos valores da família, com isso afastando a mulher do mundo do trabalho.

Dom Barreto não desistiu do colégio. As filhas da aristocracia necessitavam de uma educação mais esmerada, projeto que a Igreja abraçou juntamente com a oligarquia. Em suas tentativas de constituir o colégio, o religioso recebeu da superiora geral das Missionárias do Sagrado Coração, de Roma, uma carta na qual esta última prometia enviar 20 irmãs e 100 mil libras para as primeiras despesas de instalação de um colégio em Campinas. Dom Barreto notificou dom Nery, que lhe respondeu:

Indo para Campinas, quero levar as irmãs do Calvário, devo-lhes esse testemunho de simpatia e gratidão pelos serviços que me prestaram no ginásio São José. (Sob o Cruzeiro do Sul, 1933, p. 25).

Em outubro de 1908, dom Nery é nomeado bispo da diocese de Campinas e decide trazer as calvarianas para a cidade. Outras permaneceram na Santa Casa em Pouso Alegre até 1913. Assim que decidiram pela fundação, madre Pierre du Sauveur⁵⁴ (**Anexo 7**) e irmã Madeleine du Sauveur se dirigiram a Campinas para conversar com as autoridades públicas locais e escolher um imóvel apropriado à instalação da comunidade calvariana e do colégio.

Dom Nery deixou Pouso Alegre em 30 de outubro de 1908. No dia 4 de novembro de 1908, seis irmãs partiram de Pouso Alegre rumo a Campinas: Pierre du Sauveur, Madeleine du Sauveur, Marie Saint Antoine, Jean de Jésus, Françoise Marie e Agnès du Sauveur. Em 10 de novembro chegaram da França as irmãs que também seguiriam para Campinas: Josephine, Saint Thomas d'Aquin e Marie Cyprienne.

Após 10 horas de viagem de trem, de Pouso Alegre a Campinas, as irmãs foram recebidas por dom Barreto e por senhoras pertencentes à sociedade campineira, assim como por associações femininas da cidade. Quem narra a chegada das irmãs é madre Suzanne:

Sua Excelência continua a demonstrar muito interesse por nossas Irmãs e tomando posse de sua nova diocese em Campinas, pediu insistentemente que aceitemos a fundação de um colégio em sua cidade episcopal, colégio para o qual fomos solicitadas há muito tempo. As quatro Irmãs que estão no seminário de Pouso Alegre, com Ir. Madeleine du Sauveur e a jovem noviça, Marie Rose, foram pois para Campinas, e foi lá que nossas três Irmãs da última viagem se juntaram a elas. O acolhimento feito a elas nessa cidade lembra as mais belas acolhidas de nossas origens. A chegada de Irmãs educadoras é aí considerada como a melhor benção para a cidade. (Circular de Madre Suzanne, Gramat, 18/12/1908).

As irmãs foram para o Colégio Rosa, que dom Barreto alugou para alojar as irmãs do Calvário e constituir a primeira sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

⁵⁴Madre Pierre du Sauveur, que fundou o Colégio Coração de Jesus ficou conhecida entre os campineiros como *Madre Salvadora*. Exerceu em períodos alternados o cargo de Superiora da Congregação no Brasil, e na Argentina. Regressou para a França em 1933, para participar das comemorações do 1º centenário da Congregação e para assumir a direção da Casa da Hospitalidade do Trabalho, obra de assistência mantida em Paris pelas irmãs. Faleceu na Casa Mãe em Gramat em 22 de setembro de 1947.

Sobre o Colégio Rosa encontramos a seguinte informação na *Monografia Histórica de Campinas*:

Há notícia de que este Colégio foi fundado em Piracicaba em 1891 e transferido para Campinas em 1894. Mantendo o curso ginasial e o de preparatórios, e era dirigido pelo Professor Luís Felipe Da Rosa.⁵⁵

O local não era adequado para o colégio, muito menos para a moradia das religiosas, pois era “mal habitado” de acordo com a correspondência das irmãs. Dom Barreto, irmã Pierre du Sauveur e irmã Madeleine percorreram a cidade buscando um local mais apropriado para a fundação. Detiveram sua escolha sobre uma casa que outrora abrigou o Segundo Grupo Escolar de Campinas, Dr. Quirino dos Santos. Este Grupo foi criado por decreto em 31 de janeiro de 1900, e inaugurado em julho sob a organização do inspetor escolar Justiniano Viana, permaneceu na Rua Marechal Deodoro nº 38 até julho de 1907, quando foi transferido para Rua Costa Aguiar nº 1⁵⁶.

Após muitas caminhadas sem resultado, decidiram por alugar a casa que exigia modificações, o que obrigou as irmãs a ficarem até fins de janeiro de 1909, no Colégio Rosa. A data da abertura das classes, 2 de fevereiro de 1909 se aproximava, e era preciso se ocupar da mudança e da organização do futuro colégio, conforme comenta em seu livro irmã Mendonça:

A casa organizada estava longe de responder às exigências de um colégio: à entrada, duas peças, das quais uma foi escolhida para capela e a outra seria a sala de visitas ou locutório; diante da escada de entrada, uma porta, corredor e depois três salas destinadas para as classes, um quatinho destinado à superiora e que servia, ao mesmo tempo de sala da comunidade e de enfermaria, depois uma varanda onde foram colocados os 15 leitos das internas. Esse dormitório servia também para lições de pintura, de piano e de estudo e uma outra sala que foi transformada em dormitório das irmãs. Ao subsolo instalaram como puderam: cozinha, despensa, refeitórios, banheiros e duchas, depósito de malas, dormitório das empregadas etc. (MENDONÇA, 1996, p. 48).

⁵⁵ Monografia Histórica do Município de Campinas, 1952. p. 413.

⁵⁶Fontes: Resolução da Câmara Municipal de Campinas nº 310, 30/06/1909, e http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-segundo_Grupo_Escolar_de_Campinas.pdf).

Dia 2 de fevereiro de 1909, na data fixada pelo bispo dom Nery para a abertura do Colégio Sagrado Coração de Jesus, houve a celebração da primeira missa. No primeiro ano de funcionamento já eram 92 alunas matriculadas. Muitas meninas da cidade, do interior do estado e também de Minas Gerais tinham vindo para aprender o francês, para ter aulas de pintura e de literatura. Através de pesquisa realizada nos livros de matrículas do Colégio foi possível identificar alguns dados das primeiras alunas, conforme tabela a seguir:

Tabela 06 – Alunas matriculadas no Coração de Jesus de Campinas, em 1909⁵⁷:

Nome da aluna	Data de Nascimento	Filiação	Procedência	Saída
Maria José Carvalho	04/01/1896	Maria de Carvalho	Pouso Alegre - MG	Novembro de 1909
Antonieta Guimarães	03/02/1896	Dr. Guimarães	Amparo - SP	Novembro de 1909
Apparecida Silva	03/06/1893	Antônio Silva	Campinas - SP	Novembro de 1909
Olga Cintra	04/05/1896	Leonina Cintra	Amparo - SP	Junho de 1913
Jenny Pompeo	10/05/1896	Anésio Pompeo	Campinas – SP	Novembro de 1909
Maria Pompeo	12/06/1897	Anésio Pompeo	Campinas - SP	Novembro de 1909

⁵⁷ *Raphael Duarte foi Secretário da Câmara Municipal de Campinas entre 1911 a 1914. Foi Prefeito da cidade nos anos de 1920 e 1921, e em 1922. ** Dr. Perez y Marin foi professor de Aritmética e Álgebra. Fonte: Livros de Matrículas das alunas do Coração de Jesus, (1909-1933).

Anesia Pompeo	15/09/1899	Anésio Pompeo	Campinas - SP	Novembro de 1909
M. do Carmo Damy	18/03/1894	Luiz Dami	Campinas - SP	Novembro de 1909
Adeina Gonçalves	06/10/1895	João Gonçalves	Campinas - SP	Novembro de 1909
Magdalena Lobbo	20/03/1899	M. Lobbo	Campinas - SP	Novembro de 1909
Sylvia P. Souza	07/08/1894	Paulo Souza	Campinas - SP	Novembro de 1909
Lydia Laino	1903	L. Laino	Campinas - SP	Novembro de 1909
Apparecida Muntz	1905	Dr. Muntz	Campinas - SP	Novembro de 1909
Esther Damy	1900	Sr. Damy	Campinas - SP	Novembro de 1909
Arabella Nogueira	1896	A. Nogueira Sobrinho	Campinas - SP	Novembro de 1909
Gertrude Moraes	1891	Joaquim M. Moraes	Santos - SP	Novembro de 1909
Cecília R. Martins	1904	Dr. Lopes Martins	Rio de Janeiro - RJ	Novembro de 1909
Zilda Soares Couto	1898	-	Campinas - SP	Novembro de 1909

Gracilla Duarte	03/05/1894	Raphael Duarte*	Campinas - SP	Novembro de 1913
Hermosira Duarte	12/07/1896	Raphael Duarte	Campinas - SP	Novembro de 1913
Célia Duarte	07/10/1896	Raphael Duarte	Campinas - SP	Novembro de 1916
Rita C. Barreto	04/04/1893	T. Campos Barreto	Campinas - SP	Novembro de 1909
Leontina Pupo	1894	Sr. Pupo	Campinas - SP	Novembro de 1909
Carmen Perez	1905	Dr. Perez y Marin**	Campinas - SP	Novembro de 1909

Através da análise dos livros de matrículas, é possível perceber que as primeiras alunas matriculadas no Colégio Sagrado Coração de Jesus tinham entre 4 e 16 anos. Estas foram matriculadas no ensino elementar, no jardim de infância e no curso preparatório. Nos registros encontrados nos arquivos do Colégio em Campinas, constam os pagamentos das mensalidades escolares. Algumas alunas recebiam bolsas para estudar na instituição, mas não foi possível saber os valores dessas mensalidades e/ou bolsas.

A Resolução da Câmara Municipal de Campinas nº 310, de 30 de junho de 1909, indica que as irmãs estavam instaladas nos prédios da Rua Marechal Deodoro nº 38 e na Barreto Leme nº 54 e que estavam isentas de pagar imposto predial. De acordo com o documento, as irmãs ministravam aulas da língua vernácula, gratuitamente.

Porém, logo este imóvel alugado pelas calvarianas tornou-se pequeno para acomodar a comunidade e as alunas. As irmãs desejavam comprar um terreno, para assim construir o edifício sede do colégio. A escola foi fixada sobre um imóvel pertencente a José Paulino Nogueira⁵⁸, e situado nas ruas José Paulino e Barreto Leme, que as irmãs poderiam comprar desde que tivessem o dinheiro necessário. Monsenhor Barreto obteve de dom Nery a autorização para empregar na compra e na construção, capitais pertencentes à diocese. As irmãs deveriam pagar sob a forma de aluguel os juros do capital empregado esperando que seus recursos lhes permitissem reembolsar o capital empregado no empreendimento.

O imóvel do Sr. Paulino Nogueira foi usado para locutório, refeitório, enfermaria, comunidade, mas faltavam as classes e um grande dormitório para que na reabertura das aulas em 1910, tudo estivesse pronto para receber as alunas.



Figura 3
Primeiro imóvel da Rua José Paulino, em Campinas,
onde as Calvarianas fundaram o Colégio em 1909.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

⁵⁸Político campineiro, republicano, nasceu em 1853 e foi Intendente Municipal em Campinas na República. Empresário, foi Presidente da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, de 1910 até 1915, ano de seu falecimento.

3.4. Os primeiros anos do Colégio, os cursos oferecidos, número de matrículas, as dificuldades, e a primeira autorização de funcionamento em 1918.

O terreno para a construção do edifício sede do Colégio foi adquirido no dia 1º de junho de 1909. As classes e os dormitórios das alunas ficaram prontos em novembro e no dia 24 do mesmo mês, as irmãs de Nossa Senhora do Calvário realizaram uma celebração com dupla motivação: o encerramento do primeiro ano letivo e a inauguração do novo edifício.



Figura 4: Primeiro edifício do Colégio Sagrado Coração de Jesus na Rua José Paulino, que começou a ser construído em 1909, e anos mais tarde foi ampliado. Acervo Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Na figura 4 podemos ver o edifício do Colégio e seus dois andares. No primeiro piso foram construídas salas espaçosas, refeitório e cozinha. No segundo andar ficavam os dormitórios das alunas internas⁵⁹. De acordo com Buffa (2005) neste período, na construção

⁵⁹NETO, José Moraes dos Santos. Noventa Anos de Educação Calvariana em Campinas (1909-1999). Colégio Sagrado Coração de Jesus, 1999. p 11.

de edifícios escolares predominou a arquitetura neoclássica, caracterizada por edifício imponente, hall de entrada primoroso, escadarias de madeira, eixo simétrico, duas alas, pátio interno como o dos claustros, corredores internos, janelas verticais grandes e pesadas, acabamento com materiais nobres.

Através da análise de outras instituições escolares em Campinas nesse período, é possível perceber a semelhança entre os edifícios construídos. Muitos compreendiam dois pavimentos erguidos sobre um porão, com ambientes administrativos e salas de aulas. Tanto as escolas particulares quanto os grupos escolares campineiros eram verdadeiros palacetes e contrastavam com as residências e as casas de comércio (NASCIMENTO, 1999, p. 107).

O processo de tombamento do edifício sede, aprovado pela Prefeitura e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc), do ano de 1995, descreve em detalhes o Colégio, que funcionou na Rua José Paulino até 1983, e depois foi transferido para o bairro da Nova Campinas:

Em estilo eclético, o prédio do Sagrado Coração de Jesus, onde parte de suas paredes externas voltadas para o pátio, são blocos formados por arcos em curva que circundam a “loggia” interna do colégio, dando continuidade a uma ala simétrica com blocos em posição retilínea. Na parte superior do pórtico de entrada principal existe uma grande imagem do Sagrado Coração de Jesus, tendo em seu entorno lateral desenhos em alto relevo feito em argamassa que dão continuidade nos contornos das janelas, portas e frontões que circundam todo beiral do prédio que embute o telhado. A porta principal e as janelas do térreo são arqueadas com detalhes em alto relevo na parte superior e seus caixilhos são em ferro, as demais janelas e portas internas são de madeira e de vidro. O chão em tábuas corridas é predominante em quase todo o prédio. Capela: (**Anexo 10 e Anexo 11**): magnífica porta em madeira de lei totalmente entalhada, o Santuário em mármore carrara e bronze e as colunas de sustentação do aparador do altar também em mármore importado com adornos em bronze e grande sino.

Na festa de encerramento do ano letivo de 1909 e inauguração do novo edifício sede estavam presentes o bispo de Campinas, dom Nery, Benedito Octávio⁶⁰ e Lafayette Egydio de Sousa Aranha, presidente da Câmara Municipal de Campinas, além de médicos, jornalistas, religiosos e alguns representantes da sociedade campineira. O programa musical teve várias apresentações de piano e, em seguida, dom Nery fez um discurso sobre a “Educação Feminina”. Terminado o discurso foi aberta uma exposição artística das alunas pelo médico Mário Gatti e pelo professor do Colégio, Ernesto Kuhlmann.

A maioria das alunas matriculadas no Coração de Jesus residia em Campinas, mas muitas delas tinham vindo de outras cidades do Estado de São Paulo, como Amparo, Itapira, Limeira, Barretos, Santos, e também de cidades de Minas Gerais, como Pouso Alegre e Poços de Caldas, entre outras. O vínculo da cidade com o sul de Minas deve-se à Estrada de Ferro Mogiana, que capturou para economia paulista essa região, tornando-a mais próxima do que a própria capital do Estado⁶¹.

As professoras nesse período são as irmãs Madaleine du Sauveur, Saint Tomás de Aquino, Marie Saint Antoine, Jean du Jésus e Marie Josephine. Entre as professoras leigas encontramos nos registros da superiora do colégio, as senhoras Nenê Assumpção, Henriqueta da Cunha, Maria Amélia Martins e Madalena Damy. De acordo com as ex-alunas do Coração de Jesus, os leigos foram contratados para lecionar na escola somente a partir da década de 40.

Foi muito difícil conhecer mais sobre essas primeiras professoras, o que elas ensinavam, pois as primeiras fichas de identificação das alunas não foram localizadas nos arquivos do colégio. A documentação localizada nos vários arquivos do Coração de Jesus, no que se refere aos anos iniciais de funcionamento da escola, é fragmentada e dispersa.

⁶⁰ Benedito Otávio de Oliveira nasceu em 20/11/1871. Iniciou a vida como tipógrafo. Foi empregado da Cia Paulista de Estradas de Ferro e Secretário da Câmara Municipal de Campinas. Organizou alguns dos Almanques Históricos Estatísticos da cidade de Campinas.

⁶¹ ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS: **Subsídios para sua história**. Campinas: Editora Komedi, 2004.

Assim foi possível através de alguns poucos vestígios *montar* o itinerário de vida do Colégio. Foram localizados poucos registros sobre as primeiras alunas e suas professoras. Somente a partir da segunda década de funcionamento do Coração de Jesus é que passamos a visualizar uma série de documentos preservados, o que começa a auxiliar nossa investigação.

O Colégio era chamado de *chácara* pelas meninas do Coração de Jesus e teve como princípio o estabelecimento de um sólido ensino artístico em Campinas. Através de artigos de jornais conseguimos saber sobre os cursos oferecidos pelo colégio nos anos iniciais de seu funcionamento. No artigo do *Jornal do Comércio*, novembro de 1910, o redator faz menção ao curso primário, ao jardim de infância e ao preparatório, somando 166 alunas.

Acedendo a gentilíssimo convite, fomos ontem visitar o importante estabelecimento de ensino Colégio do Sagrado Coração, proficientemente dirigido pelas revdmas. Irmãs de N. S. do Calvário. O Colégio funciona em três amplos e espaçosos prédios à Rua José Paulino. No pavilhão principal, primeiro lance do opulento edifício projetado e em vias de construção, funcionam o curso preparatório, elementar, médio, superior e de aperfeiçoamento, ministrando-se ali às alunas a mais completa educação: é ministrada sólida instrução, sendo digna de nota a parte referente ao estudo de línguas estrangeiras, ali cuidado com a maior proficiência, a cargo das professoras habilíssimas. Em edifício anexo funciona o Jardim de Infância, onde estão matriculadas 84 crianças, tratadas com carinho verdadeiramente maternal. Nas várias classes que funcionam no pavilhão principal estão matriculadas 82 alunas, distribuídas pelos vários cursos.



Figura 5:
Pátio interno do primeiro edifício do Colégio na Rua José Paulino, 1910. Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

O redator chefe do *Jornal Comércio* de Campinas ainda menciona as amplas salas de aulas, o excelente mobiliário, com muitas janelas para obter uma boa ventilação e os trabalhos manuais feitos pelas alunas. Somente na década de 20 é que os documentos fazem menção ao curso secundário, mas como aulas avulsas.

As salas de aula são amplas, dotadas de excelente mobiliário, todas elas dotadas de um número de janelas suficiente para fornecer a mais ampla e perfeita ventilação natural. Foi nos dado o ensejo de admirar lindíssimos trabalhos a “crayon”, a aquarela, a óleo, etc. confiados à competente direção do professor Lobe. Por uma gentileza especial das regentes das classes foram-nos mostradas várias provas de exames das matérias dos vários cursos do colégio, em que se patenteia o notável aproveitamento das alunas. Visitamos detalhadamente todas as dependências do colégio, o refeitório, o dormitório, a capela, etc. e em toda a parte observamos o mais rigoroso asseio aliado a flagrante bom gosto, que encanta logo à primeira vista.

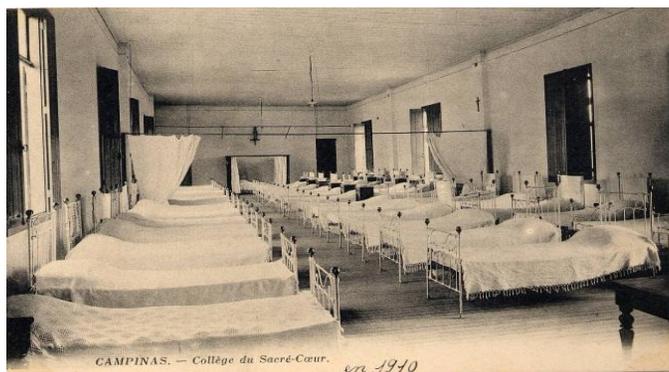


Figura 6: Dormitório das alunas internas do colégio em 1910, Rua José Paulino em Campinas. Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Os jornais campineiros (*Jornal do Comércio*, *A Gazeta*, *O Mensageiro*) foram instrumentos de propaganda da presença das irmãs na cidade, como também para a divulgação da necessidade do ensino confessional feminino. Em vários artigos percebe-se a necessidade da comunidade local em receber as irmãs:

Melhor não poderia ser a impressão que recebemos de nossa visita àquele estabelecimento de ensino e de educação que, funcionando sem reclames espalhafatosos, vem não obstante prestando relevantes serviços à causa da instrução em Campinas, podendo se considerar, sem o menor exagero de nossa parte, um estabelecimento modelo no gênero, e que faz jus à confiança das exmas. Famílias campineiras. (*Jornal do Comércio*, novembro de 1910).

Dom Nery freqüentava o colégio aos domingos para instruir as alunas e no primeiro domingo de cada mês fazia uma conferência para as religiosas. A obra progredia, as irmãs careciam de auxiliares, pois era difícil conseguir professoras leigas e também era dispendioso. Madre Pierre du Sauveur decide ir até Gramat expor a situação com o objetivo de conseguir auxílio. Partiu sozinha em 29 de julho de 1910 e só retornou para Campinas em 1912, com as irmãs Marie Joseph, Marie Saint André, Jean Louis e Marie Madeleine.

No ano de 1914, a superiora da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, madre Suzanne visita Campinas e registra sua percepção do colégio em sua circular enviada para as irmãs:

Durante estes três últimos dias da Semana Santa, interrompe-se o trabalho. Uma ordem do Prefeito interditou a circulação de “carros”. Os relógios, os apitos da estrada de ferro silenciam em homenagem a Santa Igreja. E eu fico verdadeiramente impressionada como os campineiros participam das tradicionais e belas procissões da Semana Santa (...). Em plena noite estão todos acordados, até as crianças bem pequenas, vestidas de anjos e carregadas triunfalmente nos braços dos pais. Os espectadores tão numerosos quanto os atores, permanecem em absoluto silêncio, o chapéu na mão, colocando-se de joelhos à passagem do cortejo e do clero. (Circular de Madre Suzanne, Campinas, 12/04/1914).

Os cursos elementar (**Figura 07 abaixo**), médio (**Anexo 8**) superior (**Anexo 9**) oferecidos pelo Colégio Coração de Jesus compunham o primário e somavam oito anos: dois anos de curso elementar, dois anos de curso médio e quatro anos de curso superior. O primário deveria ser realizado entre os 7 e 13 anos. Para freqüentar o Jardim de Infância, a criança deveria ter idade superior a três anos e menor que sete anos. Percebe-se através da **Tabela 01** que a idade das primeiras alunas matriculadas no ano de 1909 oscilava entre 4 e 16 anos.



Figura 7
Alunas do curso elementar em 1916, no pátio da sede na Rua José Paulino, Campinas. Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

No início do século a cidade de Campinas sofria com o problema da falta de vagas no curso primário, devido ao crescimento da população escolar. A República instituiu no Brasil a imprescindibilidade da educação escolar, sobretudo a popular, de nível elementar para a formação do cidadão (NASCIMENTO, 1999, p. 128). Para os republicanos ensinar as crianças era fator de progresso e de promoção para a reforma social almejada. Na formação da nova ideologia, todos deveriam enxergar-se como cidadãos através da preparação educacional⁶². No entanto, de acordo com alguns autores, a escola “redentora” traduziu-se numa acanhada defesa do sistema educacional tradicional (XAVIER, 1990, p.61).

Nos primeiros anos do século XX, a educação feminina nos internatos religiosos visava preservar a moral e a instrução da mulher para o lar, procurando guardá-la dos desvios que pudessem denegrir a imagem da mulher perfeita (instruída para o lar, e para o esposo) (MANOEL, 1996, p. 86). As meninas da elite deveriam ser formadas para o lar,

⁶²http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_027.html. CARVALHO, Carlos Henrique. Educação, Religião e República: repercussões dos debates entre católicos e republicanos no Triângulo Mineiro-MG (1892-1931). Acessado em 25/01/2010 às 14hs.

numa relação mecânica entre diploma e casamento. As congregações católicas que se instalaram no Brasil, do século XIX em diante, empregaram o método jesuítico em sua prática docente [...] essa atitude não era fortuita, mas parte da estratégia católica em sua luta contra a modernidade (NOSELLA. & BUFFA, 1996, p.56).

O anúncio do jornal *A Gazeta*, menciona que o Colégio Coração de Jesus tem por fim a educação de meninas de “boas famílias”, e pretende desenvolver-lhes as faculdades por meio de uma perfeita instrução religiosa e literária, incluindo o conhecimento das belas artes, de modo a torná-las úteis a si mesmas, à família e à sociedade:

Os pais das alunas encontrarão sempre na Diretora e em suas devotadas auxiliares uma solícitude toda maternal; entrando em suas vistas formar os corações na prática das virtudes, cristãs e sociais, infundindo-lhes a simplicidade tão necessária para o bem estar na vida. (Jornal *A Gazeta*, fevereiro de 1924).

Em 20 de junho de 1918, a Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, atendendo ao requerimento da diretora do colégio, irmã Aline Brel, autoriza o funcionamento do colégio. O decreto estadual nº 2944 de 1918 fixa normas para instalação de unidades particulares, primárias e secundárias, e são exigidos documentos daquelas já em funcionamento, caso do Coração de Jesus, sob a pena de suspensão do seu funcionamento, caso não atendessem à solicitação feita. Ainda são estabelecidos critérios para a seleção de professores que deveriam lecionar português, geografia e história do Brasil, bem como o número mínimo de aulas semanais de tais matérias.

À Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado caberia a inspeção e fiscalização da escola, assuntos relativos à organização pedagógica, à higiene escolar, nomeações, remoções, permutas, exonerações, faltas, licenças e aposentadorias de professores. Ao Conselho Regional de Educação do município, dentre inúmeras tarefas, competia fiscalizar

se as aulas eram ministradas na língua nacional e se as aulas de história e geografia tratavam da realidade brasileira.

A superiora geral da congregação de Nossa Senhora do Calvário, Madre Marie Saint Bernard⁶³, escreve em Gramat sobre a guerra que abala a Europa e as dificuldades vividas pelo Colégio Coração de Jesus, durante o surto de gripe espanhola que abala Campinas no ano de 1918:

Apesar do armistício temos ainda em nosso hospital uns 60 refugiados que ficarão conosco sem dúvida, numa parte do inverno. A epidemia de gripe está entre nós há alguns meses, se espalha atualmente em várias cidades brasileiras, e até na vizinhança de nossas irmãs. Circulares de Campinas, que chegaram nestes últimos dias, anunciam que o Colégio foi transformado, nessas circunstâncias, em um hospital por causa do grande número de doentes. Esperemos que o Sagrado Coração continue sua proteção a esta querida casa que Ele abençoa de maneira tão visível. (Circulares de Madre Marie Saint Bernard. Gramat, 28/12/1918).

Em 20 de dezembro de 1919 a superiora geral madre Marie Saint Bernard embarca para a América. Após passar pelo colégio das calvarianas em Santa Fé, na Argentina, segue no dia 29 de março de 1920 para o Brasil. Na circular que envia para as irmãs de Gramat em 12 de junho de 1920, madre Marie Saint Bernard vai dizer:

Nossas queridas irmãs de Campinas estão atualmente quase nas vésperas das férias semestrais; será para elas uma quinzena de lazer e repouso que permitirá gozar mais das últimas horas de nossa reunião nesta terra do Brasil. Vocês sabem que nós chegamos aí justamente para celebrar com nossas Irmãs a bela festa de Páscoa, nesta capela que nos oferece um espetáculo delicioso, com quase 200 alunas vestidas de branco, harmonizando-se com a celeste aparição dos anjos na manhã da Ressurreição. É dizer-lhes, minhas Irmãs, que Deus nos reservava a alegria consoladora de ver o Colégio cheio de vida e no caminho da prosperidade: é a Casa do Sagrado Coração. Ele abençoa visivelmente sua obra, assim como o devotamento tão religioso de nossas queridas Irmãs. As construções ainda não terminaram, mas o prédio que existe é acolhedor e agradável. As classes são espaçosas e bem iluminadas, e tem uma grande e bela galeria que domina os pátios de recreação. Tivemos nessas últimas semanas, na capela do Colégio, uma série de festas edificantes: primeiramente no dia 30 de maio, numerosa recepção de Filhas de Maria, no dia seguinte, a Primeira Comunhão de 25 crianças, cheia de recolhimento em sua inocência infantil. Sexta-

⁶³Madre Marie Saint Bernard, 5ª Superiora Geral da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Visitou as Irmãs no Brasil em 1920 e em 1926. Em 1929 fundou, em Campinas, o Instituto Santa Terezinha para as deficientes auditivas.

feira, 4 de junho, uma cerimônia mais íntima: a profissão religiosa de duas noviças brasileiras, enfim, no dia 11 de junho, Festa do Sagrado Coração, bela procissão com dois altares no jardim do Colégio, bem enfeitados com palmeiras, bandeiras e flores; mas o ornamento mais importante, eram as duas graciosas fileiras de alunas em seu uniforme branco e coroadas de rosas, algumas pessoas importantes, entre as quais o Sr. Prefeito da cidade, o Presidente da Câmara dos Deputados em São Paulo, deram o prazer de escoltar o Santíssimo Sacramento acompanhando o Bispo Monsenhor Mamede que teve a bondade de vir presidir ele mesmo as diversas cerimônias, porque ele não perde a oportunidade de manifestar sua amizade às suas queridas alunas do “Colégio Coração de Jesus”, que lhe manifesta uma sincera gratidão e respeitosa simpatia. (Figura abaixo).



Figura 8
Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvário na recepção da Superiora Geral, Madre Marie Saint Bernard, em visita ao colégio. Década de 20, Campinas. Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Através da circular de madre Marie pode-se notar que as celebrações tinham como objetivo promover a vocação das alunas para a vida religiosa, na tentativa de aumentar a comunidade das irmãs no Brasil. Através das festas e das celebrações o Colégio deixava a clausura e abria as portas para as famílias, realizando procissões pelas ruas de Campinas, festas de formatura no Antigo Teatro Municipal de Campinas, com diversas autoridades

civis, eclesiásticas e militares. Além dos inúmeros retiros realizados pelas alunas. Estes momentos eram propícios para celebrar a unidade da instituição educativa.

Na década de 20 houve um “entusiasmo pela educação”, no poder público e na iniciativa privada. O maior dever político do regime republicano era a escolarização da população. Propunha-se a elevação do nível de formação das camadas populares. O poder público se interessou pela manutenção de estabelecimentos padrão que serviam de modelo para as demais escolas secundárias do país. Conservava na capital da República o Ginásio Nacional, ex-Colégio Pedro II, com seu internato e externato. Os estados mantinham apenas um ginásio modelo nas capitais. Foi a iniciativa privada que assumiu praticamente todos os projetos de fundação das instituições de ensino no país, no período.

De 1890 a 1920, quem freqüentava o secundário pretendia realizar estudos superiores e alcançar profissões liberais, carreiras políticas e burocráticas, ou seja, posições de prestígio. Entre os anos de 1920 e 1929 a instrução pública nos estados e no Distrito Federal mudou muito: houve a ampliação da rede escolar e a melhora das instituições de ensino. O ideário vigente agora é representado pelo *escolanovismo*, para o qual a escola de instrumento a serviço da sociedade passa a educadora da sociedade e a qualidade dos conhecimentos torna-se mais importante que a quantidade de informações.

Os programas agora são organizados em torno de “centros de interesse” da criança. Os temas das lições deveriam ser de acordo com as experiências dos alunos. Os processos de ensino deveriam ser mais socializados, de modo a entrar o ensino passivo e receptivo, ou melhor, de maneira a tornar o ensino um trabalho de colaboração entre professor e alunos. É o “*aprender-fazendo*”. Reagiu-se contra o didatismo deformador, não importava só aprender, mas aprender a observar, a pesquisar, pensar, aprender a aprender.

No campo da escolarização o Estado assegurou a estrutura de classes existentes. As transformações sociais que se desencadearam na década de 20 vão alterar a relação entre o Estado e a nação, mais evidente na década de 30.

Em 1920, o inspetor escolar Gallet descreveu o Colégio Sagrado Coração de Jesus como um “estabelecimento de ensino exemplar”, onde as meninas recebiam educação da melhor qualidade para construir futuramente sua família. As alunas tinham aulas de pintura, trabalhos manuais, música, ciências e humanidades.

Em 1925, o número de alunos aumenta no Coração de Jesus, e o colégio atinge o total de 300 matrículas. Novas construções são realizadas para atender o número crescente de alunas. Gradativamente a escola foi adquirindo novos imóveis e terrenos no centro da cidade, no entorno do colégio. A empresa Henrique Fortini & Filho é responsável pelas novas ampliações. A empresa também é responsável pelas obras de vários edifícios em Campinas, como a construção do palácio episcopal, do Ginásio Diocesano, da creche Bento Quirino, da Casa de Saúde do Círculo Italiano, entre outras obras.

O anúncio do semanário católico *A Tribuna*, criado por dom Nery em 1909, recomenda que os pais matriculem seus filhos em colégios católicos e alerta para os perigos da educação protestante. Campinas na época contava com 18 institutos e congregações católicas, de ambos os sexos⁶⁴:

A vida de colégio deve ser continuação da vida da família. Se a família é protestante, mandará seus filhos para colégios protestantes, porque a educação e a instrução protestantes são radicalmente diversas das católicas. (...) Em caso algum, em hipótese alguma, pais católicos, aliás, se prezam sua religião e tem amor a seus filhos, devem matricular seus filhos em colégios norte-americanos metodistas. (*A Tribuna*. Campinas, 30/01/1924).

Novamente em 1926, a superiora da congregação, madre Marie Saint Bernard viaja para o Brasil e escreve na circular que encaminha a Gramat, sobre a comemoração dos novos espaços ampliados do colégio:

⁶⁴ Fonte: *A Tribuna*, 30/08/1924.

Desejando aproveitar nossa passagem em Campinas, uma delicadeza de nossas Irmãs fez escolher a segunda-feira, 3 de maio, festa da Exaltação de Santa Cruz, para a benção da primeira pedra. Esta perspectiva parece agradar a todo mundo e as antigas alunas se apressam para ajudar as Irmãs a preparar essa festa, que será presidida por Dom Barreto. (...) a credibilidade a reputação dos estudos atrai as alunas das regiões as mais afastadas, como de Goiás e Mato Grosso, donde algumas vêm, como vocês sabem, com uma educação cristã muito elementar, quando não é totalmente nula. Mas em geral, essas crianças são inteligentes, e é um prazer de ver com que atenções, eu poderia dizer, com que avidez esses jovens corações apreciam o catecismo, a oração e a palavra de Deus. (Circular de Madre Marie Saint Bernard. Campinas, 29/04/1926). (figura abaixo).



Figura 9
Benção do Colégio Sagrado Coração de Jesus na visita de
Madre Marie Saint Bernard, em visita ao Colégio.
Década de 20, Campinas.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

3.5. A criação da Escola Normal Livre anexa ao Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1928 e a formação das professoras.

O Colégio Sagrado Coração de Jesus é autorizado a funcionar por decreto federal de 16 de janeiro de 1928. Neste ano se dá a inauguração de sua primeira escola normal em 16 de fevereiro, sob o regime de internato. Sua primeira diretora foi a irmã Ana Maria Bueno Neto. Em 1929 obteve autorização para funcionar sob o regime de externato. A primeira turma da escola normal livre anexa ao colégio diplomou-se em 1930 com o objetivo de formar professoras primárias⁶⁵. Sobre o internato no período, Ana Negrão vai dizer:

O internato ganhava espaço social cada vez mais significativo; veiculava uma educação de caráter fortemente conservador, com disciplina e horários rígidos, intensa atividade escolar intramuros, muita devoção, supervalorização da Virgem Maria, penitências, tudo isso criando um mundo à parte controlador dos arroubos da juventude, uma verdadeira representação de confinamento modelador de personalidade virtuosa (NEGRÃO, 1999, p. 215).

O curso normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus durava três anos: o primeiro era o pré-normal (**figura abaixo**). O 2º e 3º anos eram denominados de normal (profissional). Os exames do pré-normal e normal eram realizados com a presença do inspetor escolar estadual, diretor do estabelecimento e professor da cadeira da prova. No pré-normal as alunas tinham aulas de ciências, orfeão, matemática, português, educação física, música, história, anatomia, trabalhos manuais e desenho. No normal, 1º e 2º anos eram ministradas aulas de Prática de Ensino, Pedagogia, Orfeão, Psicologia, Sociologia, História da Educação, entre outras matérias.

⁶⁵ A primeira escola Normal brasileira foi criada em Niterói, no Rio de Janeiro em 1835.



Figura 10
Alunas do curso pré-Normal na década de 30, ao lado de
Ir. Theresa do Sagrado Coração, Diretora do Colégio.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

De acordo com a tabela abaixo (**Tabela 07**) podemos verificar o número de alunas matriculadas na Escola Normal desde o primeiro ano de funcionamento até a década de 50. No início a maioria das alunas não concluíam o curso, o que só vai ocorrer de forma mais equilibrada a partir de 1934.

Tabela 07– Alunas matriculadas e formadas na Escola Normal do Coração de Jesus entre os anos de 1928 e 1953.

Ano	Alunas Matriculadas	Alunas Formadas
1928	21	16
1929	17	13
1930	17	06
1931	13	04
1933	04	02
1934	12	12
1935	21	20
1936	17	17
1937	19	19

1938	15	14
1939	31	27
1940	19	17
1941	10	09
1942	25	22
1943	28	25
1944	26	23
1945	25	14
1946	30	18
1947	30	15
1948	24	13
1949	24	18
1950	31	24
1951	22	18
1952	15	10
1953	42	09

As professoras formadas no Coração de Jesus vão exercer sua função docente nas escolas primárias públicas. As Congregações católicas desde meados do século XIX e, sobretudo, até a década de 1930, vão se dedicar, de maneira geral, ao ensino primário e à formação de professoras (LOPES & GALVÃO, 2001, p.71). As calvarianas especificavam em seus colégios uma educação de conduta ética, religiosa e de formação para o lar, que salientavam em seu ensino ministrado às alunas, as virtudes da função natural da mulher: modelo de mãe-professora, abnegada e pura.

3.6. A criação do curso secundário do Colégio Sagrado Coração de Jesus: o Ginásio em 1935 e do Curso Colegial em 1942.

No que se refere ao curso secundário, as meninas do Coração de Jesus tinham aulas “avulsas” no Colégio desde a década de 20, de acordo com os documentos localizados nos arquivos. A definitiva preparação do curso secundário como curso regular foi realizada pela

reforma Rocha Vaz em 1925. Sua promulgação definiu seis anos seriados de estudos para o curso secundário com o intuito de oferecer um preparo geral e fundamental para a vida. Era a oficialização do ensino secundário como prolongamento do ensino primário. Quem concluía os estudos de seis anos recebia o diploma de bacharel em ciências e letras. Quem realizava cinco anos de estudos tinha direito a realizar exames vestibulares para qualquer curso superior, suprimidos os exames parcelados de preparatórios. Essa lei significou, portanto, a implantação do regime seriado de estudos nos colégios particulares.

A revolução de outubro de 1930 marca o início de novo período da história política brasileira. O presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, é empossado chefe do Governo Provisório e cria o Ministério de Negócios da Educação e Saúde Pública. O decreto nº. 18.890, de 18 de abril de 1931 deu nova estrutura ao ensino secundário. O currículo seria seriado, a frequência obrigatória e dividido em dois ciclos: o primeiro, de cinco anos, denominado curso secundário fundamental, e o segundo, de dois anos, chamado de curso complementar (**Figura 11**), subdividido em três especialidades que correspondiam a um dos três grupos de cursos superiores: engenharia e agronomia; medicina, odontologia, farmácia e veterinária; e direito.



Figura 11
Alunas do curso complementar, Colégio Sagrado Coração de Jesus, década de 1930, com as irmãs Santa Margarida e Helena da Cruz.
Acervo do Colégio Sagrado Coração de Jesus.

O currículo do secundário continuou enciclopédico e, no ciclo fundamental, os estudos científicos se apresentavam diferentemente da Reforma Benjamin Constant, na qual houve o predomínio das matemáticas, o domínio das ciências físicas e naturais. O curso complementar de currículo diferenciado quanto à destinação dos alunos também assumia ares de um enciclopedismo especializado. Para ingressar no ensino superior seria necessária a habilitação no secundário.

O curso secundário do Colégio Sagrado Coração de Jesus obteve inspeção preliminar estadual de funcionamento em 26 de outubro de 1935, do ministro da Educação e Saúde. De acordo com as tabelas a seguir (**Tabela 8 e Tabela 9**) podemos conhecer o número de matrículas de alunas no curso secundário e as disciplinas oferecidas. Não foram localizados livros de matrículas no curso secundário, anteriores a esse período no colégio.

Tabela 08 – Alunas do Colégio Coração de Jesus – matriculadas no curso secundário (1935– 1952).

Ano	Total de alunas matriculadas
1935	37
1936	103
1937	171
1938	257
1939	219
1940	214
1941	234
1942	nada consta
1943	nada consta
1944	300
1945	304
1946	292

1947	305
1948	247
1949	202
1950	179
1951	206
1952	174

Fonte: Livros de Matrículas do secundário, (1935-1952).

Tabela 09 – Matérias ministradas no Colégio Coração de Jesus – Curso Secundário (1937 a 1939).

Série	Disciplinas	Observações
1º ano	Português, Francês, História da Civilização, Geografia, Matemática, Ciências e Desenho.	Na caderneta constam os seguintes campos para anotações: notas, exames parciais, média, prova oral e 2º época.
2º ano	Português, Francês, Inglês, História da Civilização, Geografia, Matemática, Ciências e Desenho.	
3º ano	Português, Francês, Inglês, História da Civilização, Geografia, Matemática, Física, Química, História Natural e Desenho.	
4º ano	Português, Francês, Inglês, Latim, História da Civilização, Geografia, Matemática, Física, Química, História Natural e Desenho.	
5º ano	Português, Latim, História da Civilização, Geografia, Matemática, Física, Química, História Natural e Desenho.	

Sempre que havia uma reforma, a questão do ensino religioso ficava em segundo plano, repelido por iniciativa dos positivistas. Mas o Governo Provisório, por decreto de 30 de abril de 1931, devido às reivindicações católicas e à política escolar da Igreja, instituiu nas escolas oficiais, nos cursos primário, secundário e normal, o ensino religioso facultativo sendo dispensados da frequência os alunos cujos pais ou tutores assim o requeressem no ato da matrícula. Essa decisão incendiou o debate entre os reformadores do ensino, que defendiam a laicização do ensino, e os educadores católicos.

Na IV Conferência Nacional de Educação, em 1931, os educadores não conseguiram se constituir numa associação. Um dos grupos decidiu então fazer um manifesto que veio a público em 1932, e é conhecido por Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Teve como redator o educador Fernando de Azevedo. A idéia religiosa era incompatível com a idéia renovadora da educação, e quase irredutível.

Madre Hélène de Jésus, que foi eleita superiora geral da congregação de Nossa Senhora do Calvário em 1930, nos conta na circular de 18 de março de 1932 que havia uma crise financeira no Brasil. As aulas no colégio somente foram retomadas em 1º de março. Ela comenta a presença de 11 noviças e 3 postulantes na escola de Campinas. O Instituto Santa Terezinha também reabriu as portas com 17 alunas, 14 internas e 3 externas. Menciona que o Brasil possuía 30.000 deficientes auditivos. Reconhece que as calvarianas são pouco conhecidas no país e *para fazer o bem e atrair mais vocações* decidem reforçar os trabalhos, começando pelo Colégio de Catanduva.

A declaração da diretora da escola, Irmã Maria Santa Margarida, de 20 de outubro de 1969, para a aluna Esther Sant'anna de Almeida, nos revela um pouco mais sobre os cursos oferecidos no Coração de Jesus na década de 1930:

O curso completo do Colégio era de nove anos: quatro anos de primário e cinco anos secundários; o curriculum do curso secundário correspondia ao dos ginásios oficiais brasileiros da época, acrescido de algumas matérias exigidas para o bacharelado,

na França e abrangia as seguintes disciplinas: Português, Francês, Inglês, Latim; Matemáticas: Aritmética, Álgebra e Geometria; História Geral e do Brasil, Geografia Geral e do Brasil; Física, Química, História Natural e Biologia; Desenho, Música e Solfejo. Estas disciplinas eram ministradas por conceituados professores brasileiros, quase todos pertencendo ao corpo docente do Ginásio “Culto à Ciência”, de Campinas, como o Dr. Bento de Assis (Português e Latim), Dr. Alexandre Chiarini (História Geral e do Brasil), Dr. Paulo Décourt (Física, Química e História Natural), Dr. Ernesto Kuhlmann (Matemáticas), Dr. Carlos Pimentel (Inglês), Profa. Otilia Penteado de Queiroz (Biologia), Profa. Josefina Cândida Kuhlmann (Geografia e Geografia do Brasil). Ficava reservado às mestras francesas, formada em cursos superiores, na França, o ensino do Francês, História da França, História da Igreja, Mitologia, Música, Solfejo e Desenho. O período escolar funcionava em tempo integral, de 7hs30 até às 16hs30, com férias de fim de ano, de 7 de dezembro a 1º de fevereiro, e de inverno, de 15 a 30 de junho.

A Constituição de 1934 trouxe uma abundante legislação sobre o ensino e criou o Conselho Nacional da Educação que tinha como objetivo coordenar e supervisionar as atividades de ensino em todos os níveis. Foram regulamentadas as formas de financiamento do ensino oficial, em cotas fixas para a Federação, os Estados e os Municípios, fixando-se ainda as competências dos respectivos níveis administrativos. A separação entre Estado e Igreja continuava, mas agora o governo subsidiaria a Igreja financeiramente. Os membros das ordens religiosas já podiam votar. Entre as várias medidas importantes, estava prevista a educação religiosa dentro do horário escolar.

A Constituição de 1937, encomendada para o Estado Novo, por Getúlio Vargas, era menos específica do que a de 1934 nas questões de importância para a Igreja. Mas o que importava era que o presidente Vargas continuou a formalizar e aprofundar sua íntima relação com a Igreja. Esta Constituição estatuiu que a educação integral fosse um dever e direito natural dos pais. O Estado, no entanto deveria colaborar de maneira principal ou subsidiária para facilitar a sua execução ou suprir deficiências e lacunas da educação. A educação física, o ensino cívico e os trabalhos manuais seriam obrigatórios nas escolas primárias, normais e secundárias, sendo que nenhuma escola de qualquer desses graus

poderia ser reconhecida sem cumprir essa exigência. Na Constituição de 1937 estiveram presentes dois novos parâmetros: o ensino profissionalizante e a obrigação das indústrias e dos sindicatos de criarem escolas de aprendizagem, na sua área de especialidade, para os filhos de seus funcionários ou sindicalizados.

A inspeção permanente do curso secundário do Colégio Sagrado Coração de Jesus foi obtida pelo decreto nº. 7220, em 27 de maio de 1941. O colégio foi autorizado pelo decreto nº. 10.852, em 19 de novembro do ano de 1942, a manter os cursos clássico e científico, de 2º grau. Em atenção ao artigo 46 da Nova Organização do Ensino Secundário, é fundado o Grêmio Estudantino Santo Tomás de Aquino, no Colégio, de caráter cultural e recreativo, a partir do Grêmio Sociológico Leão XIII mantido pelo curso Normal.

Na circular de 11 de maio de 1937 a superiora fala sobre o retiro no colégio em Campinas e sobre a viagem de 1937 ao Brasil, sobre o zelo apostólico. O Colégio, no final da Primeira República brasileira, conta com 500 alunas matriculadas:

Se devotar, dia e noite, junto de quase 500 alunos, é muito pouco! É preciso ir além do círculo piedoso do Colégio, onde fazer o bem é mais fácil, a fim de: reunir as crianças e os adultos das fazendas para catequizar e preparar as Primeiras Comunhões; assentar-se à cabeceira dos doentes para consolá-los e ajudá-los a bem morrer; facilitar os Retiros abrindo uma larga hospitalidade a centenas de Filhas de Maria; organizar os agrupamentos femininos da Ação Católica que, ao término da formação no Colégio preparam, para a sociedade, cristãs convictas e capazes de irradiarem no mundo inteiro sua vida anterior. Que Apostolado!

3.7. O Colégio visto por suas ex-alunas na comemoração do Centenário em 2009: as matérias, a disciplina, os retiros, os valores católicos e a herança das calvarianas para as meninas de Campinas.

No que se refere principalmente à rotina das alunas no interior do Colégio Coração de Jesus, o dia a dia das atividades desenvolvidas, no período de nosso estudo, as entrevistas realizadas no momento que o Colégio completou 100 anos de existência, em 2009, contribuíram para ampliar minha visão sobre a instituição e conhecer os *resultados* da educação proposta pelas calvarianas, que ficaram como *herança* para as alunas que passaram pela instituição.

Foi possível conhecer um pouco mais do que se passava entre as paredes do que elas chamavam de *casarão* da Rua José Paulino. Através de seus relatos evidenciamos as condições de admissibilidade ao internato, semi-internato e externato, o aspecto disciplinar, a rotina no Colégio e os procedimentos recomendados, as festas, os passeios, as atividades artístico-culturais, as práticas esportivas e de lazer, o espaço físico da escola.

A maioria das depoentes cursou a Escola Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, nas décadas de 40, 50 e 60. Durante as entrevistas as depoentes falaram livremente, pois não criei um roteiro pré-estabelecido. Solicitei a elas que me contassem sobre sua experiência no colégio, as lembranças do dia a dia com as irmãs, com as outras companheiras, os *rituais* a que eram submetidas no que diz respeito à disciplina em sala de aula, os exames, a prática religiosa, as festas, etc.

Para essas ex-alunas, estudar no Colégio Sagrado Coração de Jesus foi, antes de tudo, vivenciar a proposta de educação das irmãs calvarianas e do fundador da Congregação, Padre Pierre Bonhomme, que acreditava que a firmeza aliada à bondade,

tornava o ser humano apto para enfrentar o mundo. Para o fundador da Congregação, “É preciso que os alunos vejam em seus mestres uma sábia mistura de bondade e firmeza”.

No trecho do discurso de Hildebrando Siqueira, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Paraninfo das formandas do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, em 09 de dezembro de 1944, esses valores são mais uma vez lembrados:

SER BOM

Crede-me que ser bom é ser feliz. Há, na alma dos bons, perfume de noite enluarada, brandura de aves que aninham, força e fecundidade de sol que ilumina e aquece. Sede, como o sois hoje, constantemente boas. A bondade vence, não há como negar, obstáculos que se avolumam e apavoram. Assiste-nos, como Anjo da Guarda, nas perigosas travessias da existência. Consola-nos, de manso, nas horas lentas de sofrimento. E nos preserva de vaidade daninha nos minutos falazes de glória. É de louvar a bondade, porque ela é virtude burilada com rosas divinas da pureza e os raios candentes da fé. E imbuídas de bondade, trabalhai sem descanso, por quem quer que trabalhe (são palavras de Rui), está em oração ao senhor.

Todas as ex-alunas entrevistadas estudaram no Colégio na sede da Rua José Paulino. Em 1983 o Sagrado Coração foi transferido para o bairro da Nova Campinas. As ex-alunas recordam vários momentos vividos na instituição, o que foi fundamental para que transpusessemos os muros da escola e conhecêssemos um pouco mais sobre sua história.

Niza de Castro Tank.

Uma das primeiras entrevistadas foi a soprano Niza de Castro Tank. Natural de Limeira, mas campineira de coração, como ela mesmo diz, Niza estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus entre 1945 e 1949, quando o seu pai foi transferido para a cidade

para trabalhar na Secretaria da Fazenda. Dona de uma trajetória de vida dedicada à música formou-se na Escola Normal do colégio, mas optou pela carreira artística.

Logo que chegou ao Coração sua vocação foi percebida pela professora de canto da escola, Dalva Tírico, que ficou impressionada ao vê-la cantar *Aleluia* de Mozart. Niza tinha só 15 anos. As irmãs ficaram encantadas com o seu talento e logo a garota foi eleita para cantar na apresentação que o colégio realizou no Teatro Municipal da cidade, em prol das campanhas missionárias que as irmãs realizavam para outras obras que realizavam pelo país.

Niza nos conta que esta apresentação lhe rendeu sua primeira crítica musical elaborada por José de Castro Mendes, que ficou igualmente fascinado com o seu talento. A soprano, que tem no currículo participação em óperas no Brasil e no Exterior relembra sobre a disciplina no Colégio em meados da década de 1940:

Quando eu entrei no Coração de Jesus a disciplina era rigorosa. Muitas freiras eram francesas, e nós tínhamos que chamar as irmãs de *ma soeur, ma mère*, essas coisas assim. A disciplina aqui era bem mais rígida do que das dominicanas, em Limeira. Eu acho que eu precisava dessa disciplina, porque já estava na adolescência e com a minha vocação musical, especialmente para o canto, eu precisava mesmo de um *certo* freio para não ficar assim achando que eu já era a grande cantora, o que era uma mentira!

Sobre as disciplinas ministradas no Colégio e seus professores, Niza deixa registrada em sua percepção a imagem do Coração de Jesus como escola forte, onde era exigido de suas alunas postura impecável, e onde a disciplina era férrea:

Para variar a professora de matemática também era muito brava, *soeur* Gertrudes. Eu acho que professora de matemática tem que ser brava, porque senão o aluno não aprende. Eu fiz o curso Normal porque o meu pai praticamente me obrigou. Eu tinha que fazer o curso *direitinho* no Colégio, com todas as matérias e ainda tinha a

parte prática. Fiz um acordo com o meu pai: eu estudava no Coração de Jesus durante o dia (12h15min até 17h15min) e à noite fazia Canto Orfeônico na Universidade Católica (19h até 23h). No Coração eu tinha aula de latim com o professor Benevenuto de Figueiredo Torres, com uma paciência *angélica* porque afinal de contas ensinar declinações latinas não era fácil. Tínhamos aulas de francês. As aulas de inglês eram ministradas pela irmã Raquel. A Madre na época era a irmã Margarida. Minha professora de psicologia e mestra de classe era irmã Maria da Eucaristia. No último ano do Normal, as irmãs faziam avaliação da vocação das alunas, para a vida religiosa ou para o casamento. Eu definitivamente não passei no teste!

De acordo com a depoente, sua família almejava uma educação mais refinada para a filha, e, além disso, a exigência pela Escola Normal era uma característica da época, pois a mulher deveria buscar uma profissão, e a profissão de professora era extremamente desejada pelas famílias. No último ano do curso as irmãs faziam os testes vocacionais para saber se as meninas pretendiam seguir a vida religiosa.

Niza relembra do curso Normal, no qual frequentou o externato, e da classe que era composta por aproximadamente 15 meninas. A maioria era de Campinas, duas ou três eram do interior do Estado. Relembra o contato com as alunas internas, que faziam parte da classe e que recebiam a visita dos pais somente uma vez por mês, geralmente aos domingos. Apesar da disciplina férrea recebida na escola, Niza não se recorda de castigos. Ao contrário das lembranças de menina, quando estudou no Grupo Escolar de Potirendaba (SP) e dos castigos com *varinha*. A depoente recorda essa passagem:

Você fez a lição? Não fiz. Punha a mãozinha e... na ponta dos dedos. Quer dizer, comigo nunca aconteceu porque aconteceu com o filho do médico. Quando a professora bateu na mãozinha dele, eu não esperei nem chegar a minha vez, porque eu também não tinha feito a lição! Eu saí de grito e pulei o muro, pulei um bando de coisas...

Quando as meninas desrespeitavam as regras do colégio, quase sempre as irmãs encaminhavam as alunas para a capela da escola, para que pudessem “refletir” sobre suas atitudes consideradas inadequadas. Niza se recorda da disciplina do Coração de Jesus e das aulas de etiqueta, que segundo a depoente foram muito úteis para sua carreira artística:

Comportamento à mesa. Depois que eu entrei para a vida artística, eu nunca mais tive problemas com jantares, consulados, aquelas coisas. Os talheres de peixe, os copos, quando era taça pequena para vinho branco, quando era taça maior para vinho tinto. As irmãs organizavam a mesa e nos ensinavam como as coisas funcionavam inclusive a postura corporal adequada.

Em seu relato, Niza ainda lembrou que todos os dias iam a pé para o Colégio, pois residia nas proximidades da escola, na Rua General Osório. E sempre seguia na companhia de outras alunas. Não se recorda da presença de meninos na escola no período que frequentou a instituição. Quando se formou na Escola Normal e entrou através de um exame de seleção para a faculdade de música na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o curso era de três anos e dezessete matérias. Niza deu aula de canto em algumas escolas de Campinas, mas a maior parte de sua carreira foi na Unicamp, onde trabalhou por 17 anos e se aposentou.

Irmã Regina Aurora.

A irmã Regina Aurora é natural de Seberi, interior do Rio Grande do Sul. As calvarianas chegaram à cidade no início da década de 50 e fundaram um Colégio com os cursos infantil e primário. O primeiro contato de Regina Aurora com as calvarianas foi nessa escola. Percebendo sua vocação religiosa as irmãs trouxeram Regina Aurora para Campinas, para o Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1952.

De início, meu pai se opôs à minha ida para Campinas, mas acabou cedendo. No Colégio de Campinas havia alunas internas, externas e as juvenistas. Estas, ao mesmo tempo em que estudavam na escola, realizavam um processo de discernimento sobre suas vocações. Eu era juvenista. Cursei o quinto ano primário e prestei o exame de admissão ao ginásio. Por motivos de saúde voltei para Seberí. Esta foi minha primeira etapa no Coração de Jesus.

Regina Aurora retornou para o Coração de Jesus em 1959. Retomou o curso ginásial, da 1º a 4º série, que concluiu em 1962. Lembra que nessa época muitas irmãs lecionavam no Colégio. Para Regina, a vocação religiosa é algo muito particular e um apelo “divino”. Para a irmã este apelo se manifestou em sua Primeira Comunhão.

Deus se manifestou de uma maneira muito carinhosa e eu me senti atraída por Ele. Não sabia claramente como responder a este apelo. Minha mãe era catequista e vivíamos num ambiente cristão, o que favoreceu meu desabrochar vocacional. Quando tive contato com as calvarianas, percebi que a vida religiosa poderia ser a resposta acertada.

Em 1968, Regina retorna ao Coração de Jesus pela terceira vez, agora como religiosa. Concluiu o magistério na cidade de São Paulo e assume no Colégio uma classe para meninos, do primeiro ano primário. Na documentação localizada no Coração de Jesus, os meninos iniciaram seus estudos no Colégio neste ano de 1968, somente no ensino primário. As normalistas, como eram chamadas, ministravam aulas para os alunos menores da instituição com o objetivo de praticarem seus estudos.

Os meninos tinham 7 anos na 1º série. Eles já vinham um pouco alfabetizados da pré-escola. Aí a gente acabava de alfabetizar e tinha alunos novos que ainda não eram alfabetizados. A gente tentava fazer muitas dinâmicas, trabalhar com os pais. Os pais iam ver os alunos trabalhar. Em dias e noites que a gente proporcionava para eles, de um modo muito criativo.

Ainda nos anos 60 a maioria das professoras eram irmãs, mas alguns leigos lecionavam no Colégio, homens e mulheres:

Tinham alguns professores. Lembro-me do professor Benevenuto, de latim, esse é muito antigo. Professora Manuela, de educação física, professora Dora, de geografia, o professor Basílio, de ciências, e da professora Salete Seber, de português e inglês. A professora Eclair ministrava aulas de história. Tínhamos uma mestra de classe que era responsável pelo andamento dos trabalhos. Se o professor tinha algum problema com a aluna, era a mestra de classe a responsável, tentava resolver a situação. Eu gostava muito das minhas professoras, desde o primário, desde a primeira professora, eu achava-as muito dinâmicas, conseguiam ensinar, fazer com que os alunos aprendessem. E depois quando eu vim aqui para Campinas, que eu fiz o curso de admissão, naquele tempo às escolas do interior do Rio Grande do Sul, pela falta de professores, a gente podia lecionar mesmo com a 4ª série primária. Então eu fui contratada do município e lecionei nos anos que eu fiquei em casa. Com 16 anos eu comecei a lecionar e a minha vida foi sempre lecionar, e se eu fosse escolher a minha profissão, eu escolheria ser professora, ser educadora. Eu adoro dar aula, adoro o contato com os alunos, com as crianças, eu acredito na educação, eu acredito que a gente possa passar muita coisa boa para os alunos, estando em contato com eles, o contato direto, não só em direção, mas o contato direto com eles.

Regina Aurora também trabalhou na missão das calvarianas em Guajará-Mirim, em Rondônia, e nos fala sobre essa experiência:

Depois dessa etapa eu fui transferida para Rondônia, para Guajará-Mirim, onde nós tínhamos um Colégio. Lá eu peguei a direção do colégio, mas também eu dava aula. Aula de matemática, de ciências e também no colégio do Estado. Como não tinham muitos professores formados, que é fronteira, Guajará-mirim, a gente dava aula de ciências, física, química. Eu fiquei lá por cinco anos. Porque a cultura é diferente. A cultura do Sul é diferente de São Paulo. E também a do Norte é diferente daqui. Então a gente tentava se aculturar. Mas eu digo que não foi muito fácil na direção do Colégio, porque a gente não podia chamar a atenção de um aluno,

alguma coisa, que aí o aluno dizia “eu não venho mais, vou sair da escola”. Então tinha que ter muito carinho, muito cuidado. A gente tentava trabalhar com os pais e com os alunos sempre juntos, dando oportunidade para os pais realizarem cursos, um pouco de psicologia, ou então na parte da saúde, a gente disponibilizava um médico para falar com os pais, para ir fazendo uma harmonia entre a nossa vida de colégio e a vida que eles tinham no lar deles, na família. Por outro lado, alguns alunos eram muito abertos, pois, eles não tinham a oportunidade de estudar. O Colégio de Guajará é um colégio de tradição, preparou muita gente que prestou exame fora e foi promovido, foi classificado, continuou os estudos fora. Então era um colégio particular que competia de certa forma com o colégio do Estado. E a gente tinha muito intercâmbio entre os colégios também, os colégios de lá. Esse colégio perdurou até 1978, quando fechou porque a cidade já tinha outros colégios e a gente via que não era prioridade nossa presença lá. Não era a necessidade principal, no início sim, mas depois não. Então foi fechado depois de 50 anos de existência e as irmãs continuam lá, na pastoral, continuam dando aula também no colégio do Estado. Agora elas estão nos projetos, tem muito projeto lá, para os menores de rua, tem projetos de diversas pastorais sociais. Lá tem a Pastoral das Lavadeiras, a Pastoral dos Pescadores, diversificado. Então as irmãs estão com essa presença lá, sempre dentro da linha do nosso carisma, na linha da nossa espiritualidade.

Atualmente a irmã Regina Aurora reside em Gramat e é responsável pelo arquivo histórico da Congregação. Sobre o trabalho educacional das calvarianas na França, a irmã vai dizer:

Na França, a direção das escolas está nas mãos dos leigos, mas as irmãs guardam a tutela, como elas dizem essa orientação, para que o espírito calvariano seja vivido nas escolas. As escolas são nossas, mas administradas por leigos. Sempre no início do ano e durante o ano, nos encontros com os professores, nos preocupamos em transmitir nossa espiritualidade. E todos os professores viajam para Gramat. De Paris à Gramat são cinco horas de viagem. Mas eles vão para passar um fim de semana lá ou alguns dias mais, pra beber da fonte, nas origens, essa espiritualidade. Então mostramos a casa onde viveu Pierre Bonhomme, fundador da Congregação, onde estão todos os pertences dele, explicamos toda a espiritualidade. Depois os professores visitam Gramat, onde o Padre viveu, eles

entrevistam as irmãs, enfim, eles vão beber da fonte. E todos eles dizem que saem assim repletos “*refontizados*”, beber da fonte, eles voltam mais preparados, eles dizem, com mais coragem para enfrentar a educação e para levar avante esse ideal. Eles somam força com a gente. O que eu percebo é que aqui no Brasil acontecem os encontros com os professores, com os leigos calvarianos, que a gente tem aqui no Brasil, e tem em outros lugares e que isso nos ajuda na evangelização. Dentro da linha do amor, da acolhida, da compaixão. E acaba envolvendo todo mundo. E a gente que estudou no Colégio, eu, por exemplo, guardo muito do contato com as irmãs. A proximidade, essa simplicidade, essa ternura que elas passam, e a firmeza que elas tem com a gente. A firmeza numa linha de autenticidade, de a gente ser alguém na vida, de uma vida cristã bem vivida e ao mesmo tempo de voltar-se para o outro.

Ana Maria Fakiani.

Ana Maria Fakiani entrou no Coração de Jesus em 1958 e formou-se na Escola Normal do Colégio em 1963. Em 1990 foi admitida como assistente de biblioteca e hoje é a Coordenadora de Suprimentos da instituição. Relembra dos momentos como aluna e como funcionária da escola.

Eu vim para Campinas em 1958, morava em Bauru. Vim direto para o Colégio Coração de Jesus. De acordo com a pesquisa que o meu pai fez, era um Colégio que realmente os pais queriam que os filhos estudassem. Então, eu e a minha irmã, estudamos no Colégio, nos formamos no Colégio Coração de Jesus. Aí nós entramos em 1958, e segui minha vida aqui dentro e estou aqui até hoje.

Sobre o dia a dia das alunas Ana Fakiani recorda:

Nós formamos um *conjuntinho* na época, que se chamava Arco Íris e a gente tocava em todas as festas que tinha no Colégio. O Colégio

também tinha um Coral. O Arco Íris era um conjunto nosso formado por violão, as meninas do 3º ano do Magistério, que vinham com esse *conjuntinho*, a gente mesmo ensaiava e tocava em festas. Agora o Colégio tinha um Coral, um Coral que era muito bonito por sinal, tocava em todas as festas e gente se apresentava. Naquela época tinha também o conservatório musical do Colégio. Então eu também fiz parte, estudei no Conservatório Musical, e a gente também se apresentava nas festas do Colégio. Todas as vezes que tinha uma comemoração, então as alunas do Conservatório se apresentavam, de acordo com os graus, que estavam de adiantamento, piano, acho que tinha violino também, senão me engano acho que tinha violino. No meu caso era piano. Então a gente se apresentava.

Na minha época a Madre era a Margarida Maria. Eu participava da Associação de Pais e Mestres, ajudava na catequese e aí comecei a trabalhar. Praticamente foi uma vida inteira aqui dentro, sempre participando das atividades do Colégio. Eu estudava meio período. Eu estudava de manhã. Sempre estudei de manhã. Saía de casa, naquele tempo tinha o bonde. Era bom ter uma horinha para conversar. Quando eu mudei para Campinas eu vim morar no bairro do Botafogo, e o Colégio era no centro da cidade. A gente vinha de bonde. Era um momento assim, único porque Bauru não tinha bonde. Então pra gente era muito gostoso. Pegar o bonde, ir para o Colégio. A gente ia sozinha. Meus pais explicavam o caminho pra gente, naquela época era bem mais tranquilo. O bonde parava no Largo do Rosário e a gente descia a pé a José Paulino até o Colégio. Parava exatamente no Restaurante Rosário. Que era o ponto mais perto. E naquela época, perto da minha casa, o bonde, parava ao lado da maternidade. A maternidade naquela época era onde hoje é a rodoviária. Então era o ponto mais próximo do bonde. Então a gente ia para o Colégio e às vezes nós íamos a pé.

Entrávamos cedo, às 7 horas e saíamos ao meio dia. Era exclusivamente feminino o Colégio. No meu tempo não tinha ainda meninos. Era um pessoal muito bom. Era um Colégio de muitas irmãs. E muito acolhedoras. A gente se sentia muito bem, muito bem acolhida, no começo. Eu não tive problema de adaptação, nem a minha irmã, no caso. E a gente foi se formando, crescendo lá, sabe como é que é, veste-se a camisa de uma maneira que não conseguimos tirar nunca mais! A maioria das professoras eram irmãs. Estudávamos muito. Naquela época era prova escrita, prova

oral. A gente era chamada lá na frente e o professor fazia as perguntas e mandava que a gente citasse um texto, qualquer coisa assim. Era bem puxado! Não é assim como hoje, mas era bom porque hoje a gente vê que a gente tem uma base muito boa, um conhecimento muito amplo. E a parte do magistério, tinha a parte prática também, muito gostosa, a gente acompanhava, dava aula para as crianças, para os menores.

Muitas meninas internas vinham de outros estados, como Sergipe, por exemplo. Elas não costumavam sair muito, às vezes, duas vezes por ano, três vezes por ano. Às vezes elas passavam o domingo com a gente, os pais autorizavam, nunca poderiam dormir. Ia de manhã e a tarde voltava para o Colégio. Então a gente tinha muita amizade. Elas se sentiam bem pelo fato de ter esse entrosamento. Então participavam, vamos dizer assim, da vida da gente e elas não se sentiam assim tão fechadas.

Sobre a mudança do Colégio da Rua José Paulino para o bairro da Nova Campinas, eu não senti tanto porque frequentávamos a chácara há muito tempo. Normalmente as festas da escola aconteciam na chácara desde o final da década de 50. Principalmente a Festa Junina. As irmãs faziam todos os doces da Festa. Naquela época aqui, a Nova Campinas praticamente não tinha nenhuma casa. Eu vim aqui para ajudar na mudança, foi um furor no bairro porque era uma escola conceituada, aqui não tinha, era um bairro distante. Nova Campinas era longe. Então o pessoal daqui gostou muito e todo mundo queria matricular o filho aqui porque era mais perto, mais prático e inclusive nós montamos um esquema para receber os pais. Montamos um esquema na recepção, o pessoal da APM, eu também era da APM do Colégio, veio dar apoio. Formavam filas, porque a gente teve que dar senha até, saía e contornava a quadra inteira, esperando pra poder fazer matrícula.

Toda uma vida sempre podendo contar com a turma do magistério. Uma turma que o Colégio sempre pode contar. Meninas muito animadas. Até bem pouco tempo atrás a gente se encontrava. Nós perdemos algumas amigas, então aquilo foi mexendo um pouquinho com a gente... aí a gente fica sabendo que uma está mais doente, que não pode mais participar das reuniões. Eu tinha até fotografia do conjunto musical. O uniforme daquela época era saia azul marinho de pregas. Aqui, o peito era inteiro, depois duas alças largas, que aliviava um pouco. A camisa era de manga comprida,

depois passou para manga curta. A gente usava uma bermuda por baixo do uniforme, até quase o joelho. Se viessemos sem o uniforme, não entrava. Tinha a cantina do Colégio. Irmã Lúcia e Irmã Maria ficavam na cantina. Elas eram irmãs mesmo. Além de serem irmãs da Congregação, eram irmãs de verdade mesmo. Nossa, elas faziam os lanches, tudo feito no próprio colégio. A gente podia comprar com segurança porque era bem feito. Tudo fresquinho. Não tinha refeição naquela época ainda.

Priscila Lígia de Camargo Valente.

Priscila Lígia de Camargo Valente estudou no Colégio Coração de Jesus de 1956, quando entrou na 4ª série, até 1963, quando se formou no curso Normal. Lembra-se de sua trajetória no Colégio com muito carinho, onde eram exigidos das alunas muita ordem, muita disciplina e muita responsabilidade.

Minha trajetória foi muito legal. Foi um período de muita responsabilidade, muita ordem, eu fui marcada por isso dentro do Colégio. Porque a gente tinha que seguir aquele padrão, aquela disciplina rígida e que eu sinto muita falta nos dias de hoje. Mas foi tudo muito bom, eu aprendi a ter responsabilidade, aprendi amor ao próximo, solidariedade. Isso daí foram coisas muito marcantes da minha vida.

Eu comecei com amizades que eu tenho até hoje. Somos amigas, a Regina Helena Scavone, a Iracema, a Dulce Maria Pompeu de Camargo, a Terezinha Bachi. Nós éramos assim muito arteiras na época, arteiras sim, não mal educadas. E nas aulas do Ronaldo Passini, um professor de matemática muito rígido, que fazia com que a gente tivesse muita disciplina dentro da sala. Mas embora as irmãs fossem rígidas, eram assim *mãezonas*. E de repente nós nos vimos diante de professores, que eram do Ginásio do Estado. O professor Ronaldo Passini, o professor Benevenuto de Almeida Torres que lecionava latim. A dona Maria José que não foi minha professora, mas era professora de geografia. Então eram professores de gabarito mesmo, dona Dalva Tírico, então a gente ficava meio assim porque a gente tinha tido até então aquelas irmãs que eram

mãezonas mesmo! Embora fossem bravas, mas a gente vivia pendurada nelas.

E eu adorava ficar dentro do Colégio. Porque era o único lugar que o meu pai deixava, ele tinha confiança que eu estava sendo bem cuidada. Tanto é que quando eu vim de Brotas pra Campinas, eu estudei durante 1 ano no Francisco Glicério, e logo em seguida, era pertinho da minha casa, mas ele falou que eu ia para o Coração. Coincidentemente a minha tia (Maria Aparecida Camargo Gebara), que foi aluna do Coração de Jesus a vida inteira, praticamente foi a segunda turma de formandas do Colégio. E ela nem ia pra casa nas férias. No Colégio eu jogava queimada, eu jogava vôlei, eu jogava câmbio, *ping-pong*, tudo isso em 20 minutos de recreio. Então eu tinha que fazer esse recreio render. Eu arrumava confusão, brigava na mesa de *ping-pong*, a gente descia correndo e eu já largava o *ping-pong*, já ia pra assistir o jogo, mas eu nunca queria ficar parada. Era da turminha da ativa, então a Carmen Sílvia Ramasco fazia parte do nosso time, do vôlei e do câmbio também que a gente jogava. Então gostava muito de fazer esporte. Agora, ginástica não! Odiava ginástica. As aulas de ginástica não eram toda a semana, a parte aplicada, da teoria, da matéria. Então às vezes a gente ia pra quadra, mas pra fazer ginástica. Então a dona Leonor muitas vezes me punha na frente porque os outros que tinham que me seguir porque eu não conseguia seguir ninguém.

E como eu era dispensada da aula de ginástica, eu ficava ociosa dentro da escola. E aí eu resolvia ir embora para a rua. Eu sempre estava sozinha, mas quando eu percebia, já tinha gente que tinha ido embora comigo também. E quando eu chegava em casa, a perua verde do Colégio já estava lá me esperando! Aí era bronca em cima de bronca. Meu pai ficava uma *onça* comigo porque a minha Tia era um exemplo, e eu não.

Numa procissão de Corpus Christi que o Colégio participou, terminou a procissão, nós subimos para a cidade, na Rua José Paulino. E uma menina que não era da nossa turma, para ela ficar conosco, ela nos deu dinheiro para ver o que a gente ia *aprontar*. Ela deu 13 cruzeiros e nós compramos em... bombinhas! No bazar São João, que era uma portinha que vendia fogos. Aí nos reunimos, nós todas juntas, um bando assim conversando, naquele tempo Campinas era pequena, aquelas senhoras conversando na esquina da

Rua 13 de Maio, onde hoje é a Skina Magazine, perto tinha a Casa Coração de Jesus, do outro lado. Então, o que a gente fazia? Jogava bombinha e ia embora, como se nada tivesse acontecido. E elas levavam aquele susto, aquelas senhoras levavam aquele susto! E assim nós fizemos desde antes do começo das Lojas Americanas até o Café do Povo, que era na Rua General Osório com a Rua Barão de Jaguará. Ali era o *point* dos rapazes. Mas a gente não estava preocupada com os rapazes, nada. A gente estava preocupada em fazer arte! Nós éramos em 13 nessa turma e descemos fazendo toda essa bagunça. Quando eu cheguei em casa já tinha um recado dizendo que eu estava suspensa. Eu acho que foram 13 dias ou 12 de suspensão. A irmã Ana Maria reuniu o Colégio inteirinho, porque tinha a classe do Científico e o Normal. E reuniu o Colégio todinho no pátio. E nós ficamos na marquise e a gente passava uma por uma, porque era para as outras alunas verem quem eram as desordeiras do Colégio. E se algum dia a gente voltasse a fazer, nós estávamos sendo vigiadas, então aí íamos ser expulsas.

O Cite, vamos dizer era o porão do Colégio, mas a gente tinha aulas lá de francês, de música em francês, com a irmã Fátima. E ela fazia campeonatos com a gente, de *ping-pong*. Depois revertendo tudo isso para as Missões. A gente pagava um tanto, dava um tanto, cinquenta centavos, mais ou menos isso e isso a gente revertia para as Missões. Para mandar para os missionários, em Rondônia, Guajará-Mirim. Então a gente contribuía dessa maneira. E pelo Cite, que a gente chamava de Cite, a gente tinha acesso ao Colégio. E a gente entrava por baixo, sem ninguém ver, aí eu fui até a rouparia porque eu era muito amiga da irmã Rosa. Porque eu conhecia todas as irmãs dentro do Colégio. Porque qualquer coisinha, eu falava que ia fazer pesquisa no Colégio. Mas não era pesquisa, eu queria mesmo era ficar lá dentro. Eu era assim praticamente interna porque eu ficava o dia inteiro zanzando lá dentro.

A minha turma de Normal foi a última turma de internato. Eu entrei em 1956. Fiquei até o Normal. Entrei na quarta série, repeti a primeira série porque eu queria fazer a 1ª série sem fazer admissão, que a gente fazia admissão. Aí eu repeti, porque tinha latim e matemática. Não sei se foi o latim ou a matemática, mas fui reprovada. Aí estudei muito e no ano seguinte não tinha mais latim, foi eliminado do currículo. Tínhamos aulas de trabalhos manuais. A irmã Terezinha ministrava aulas de trabalhos manuais. E eu gostava porque eu aprendi a fazer todos. Desenho Pedagógico eu não sabia

fazer, nunca consegui fazer o pintinho comendo, nem a galinha, era um horror! Aí a irmã Terezinha falava “Olha, você já fez tal coisa, faça só o *esqueminha* dele aí”, eu fazia o *esqueminha*. “Agora você vai lá e toma conta dos meus pequeninhos da pré-escola”. E eu descia, ficava lá tomando conta dos pequeninhos da pré-escola.

Lúcia Helena Alves.

Lúcia Helena Alves não conseguiu me conceder uma entrevista, mas respondeu um questionário que eu enviei por e-mail. Estudou no Coração de Jesus entre 1944 até 1951, quando concluiu o curso científico. Foi aluna interna e semi-interna.

Lúcia nos conta que o uniforme era azul marinho, saia pregueada, blusa branca comprida (não era permitido arregaçar a mangas!), sapatos pretos comprados na sapataria Piccolotto. Nos dias de festa vestiam o “famoso” vestido branco com pregas, a boina também branca e os sapatos de verniz. “Até que ficávamos bonitas com aquele vestido branco!” Também se recorda do casaco comprido, azul marinho, que usavam nos dias de frio.

Quanto à disciplina, lembra que tirava notas boas em *Ordem*. No começo do mês tinham as leituras das notas e a entrega da Cruz de Honra. Para receber a Cruz era preciso ter notas elevadas em *Comportamento, Aplicação, Polidez e Ordem*. A aluna que conseguisse poderia usar a Cruz no uniforme durante o mês todo. Quando eram repreendidas por indisciplina, eram obrigadas a levantar muito cedo e ficarem sentadas no Salão de Festas até o sol raiar.

No tempo do internato Lúcia recorda que tinham missa todos os dias, no Colégio. Acordavam às seis e meia da manhã. Iam para o banho, depois para a capela. Depois de um

dia inteiro de estudos, jantavam e se recolhiam para dormir às oito da noite. Antes, porém, faziam a leitura de algum livro. Às nove horas a luz era cortada. De manhã, se as camas não ficassem bem arrumadas, eram obrigadas a *arrumar* tudo de novo, para assim no final do mês receberem notas boas em *Ordem*.

As alunas internas saíam do Colégio uma vez por mês. Saíam no sábado e voltavam no domingo à tarde. Nos domingos em que permaneciam na escola, recebiam visitas após o almoço. Os pais de Lúcia moravam longe e vinham visitá-la a cada dois meses no Coração. Nas saídas mensais Lúcia viajava para a casa da avó e tinha também duas tias que se revezavam para visitá-la. Para a ex-aluna era muito difícil ficar longe da família, mas acredita que os pais fizeram o melhor para ela.

Todos os domingos havia os passeios matinais junto com as irmãs. As alunas formavam filas, e passeavam muito pelo bairro do Cambuí. Algumas irmãs estudavam na Faculdade de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que era próxima da escola e sempre levavam uma aluna para acompanhá-las nas aulas. As irmãs também levavam as meninas para assistir espetáculos no Teatro Municipal, à noite. No Colégio havia sessões de cinema, e as *cejas de beijos* eram cortadas.

As alunas tinham aulas de ensino religioso. Havia a Pia União das Filhas de Maria e a Ação Católica, com reuniões de formação. As meninas frequentavam de forma assídua as cerimônias na Catedral Metropolitana de Campinas. Muitos padres do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora celebravam missas no Colégio. Uma vez por ano as alunas participavam de um retiro espiritual. Eram três dias de silêncio e reclusão e havia também a confissão anual. As alunas escreviam os pecados numa folha de papel e depois jogavam no lixo.

No período que estudou no Coração a maioria das professoras eram irmãs da congregação. Lúcia se recorda das disciplinas ministradas pelas calvarianas: francês, geografia, matemática, piano, inglês, disciplina, português. Lúcia Helena foi diretora do

jornal *Veritas*, organizado pelas secundaristas. Ela traduzia contos do francês para serem publicados no jornal.

Madre Helena.

Helena, que mais tarde se tornaria a Madre Helena da Cruz entrou no Coração de Jesus em 1918, aos nove anos de idade. Nesse mesmo ano o Colégio adquiriu sua primeira autorização de funcionamento, em 18 de junho. Madre Helena era neta de Joaquim Celestino de Abreu Soares, Barão de Paranapanema, proprietário da Chácara Paraíso, que na década de 50 foi adquirida pelas calvarianas, sede do Coração de Jesus no bairro da Nova Campinas.

Entrevistei a irmã em 2007, já com a saúde bastante debilitada. Comemoramos o centenário do seu aniversário em 2008, no Colégio Sagrado Coração, na Rua José Paulino. Infelizmente a irmã não conseguiu comemorar a celebração do centenário da escola, pois ela faleceu seis meses antes.

Nossa conversa aconteceu no Colégio Madre Cecília, na manhã de 16 de abril de 2007. Irmã Érika e Irmã Vera me conduziram até a Casa das Irmãs que fica no Colégio. Contou-me que residia na rua que margeava a Praça Carlos Gomes. Ela e outras meninas iam a pé para o Colégio Coração de Jesus, acompanhadas de Dona Margarida, que era a responsável por levar as meninas ao Coração. Os pais entregavam as filhas para Dona Margarida, que as conduziam até o Colégio, que na época era chamado de Colégio Rosa. Subiam a Rua General Osório e depois desciam a Rua José Paulino. Todos os dias era o mesmo caminho. O primeiro estabelecimento alugado para dar início às obras do Colégio ficava na Rua José Paulino. Após a conclusão do edifício principal, as irmãs mudaram-se para a Rua José Paulino nº 1359.

Madre Helena contou-me sobre o seu avô, o Barão de Paranapanema, que doou o terreno do Colégio na Nova Campinas à Congregação do Calvário. O Barão foi homem muito influente, fazendeiro abastado que também doou o terreno da Santa Casa de Misericórdia à Prefeitura de Campinas. Falou-me sobre os três casamentos de seu avô, e que ele já tinha falecido quando ela nasceu.

Quando Madre Helena completou 9 anos entrou para o Colégio e uma das irmãs disse à sua mãe que ela seria da Congregação. A mãe, apesar de devota, foi pega se surpresa e tomou um susto, pois a Madre Helena era filha única.

A Irmã conta que no início as freiras se encarregavam das aulas ministradas aos alunos. Quando foram admitidos os professores leigos, as aulas eram acompanhadas pelas irmãs. Em cada sala de aula, no fundo, ficava uma irmã. Sempre levavam um bordado, uma tarefa para executar e acompanhar as aulas dos professores. As meninas nunca ficavam sozinhas.

Irmã Maria Helena Burgos, ex-aluna do Instituto Santa Terezinha, deficiente auditiva.

Nasci em Amparo, cidade na qual residi até os cinco anos de idade. Devido à necessidade de matricular-me em uma escola que acolhesse deficientes auditivos, minha família mudou-se para Campinas, onde iniciei os estudos no Instituto Santa Terezinha, dirigido pelas irmãs calvarianas. Foram anos muito felizes e, como interna, o desejo de entrar para a Congregação das irmãs calvarianas. Embora minha família tenha resistido a essa ideia, inicialmente, quando completei 18 anos convencido do meu desejo, meu pai, finalmente, autorizou o meu ingresso na Congregação. Além disso, presenteou-me com um livro com a seguinte dedicatória: “Você constrói a escada que vai até Deus”. Na Congregação, exerci minha missão como auxiliar de classe, catequese para surdos e auxiliar de secretária no Instituto Nossa Senhora de Lourdes, no Rio de Janeiro. Hoje, no Colégio Coração de Jesus, sou responsável pela acolhida e pelos cuidados com os hóspedes que nos visitam constantemente”.

Maria Aparecida Mascaro Teixeira foi aluna do Coração na década de 1960, ex-professora do Colégio, é a atual assessora da direção do Colégio. Como ex-aluna, ex-professora e atualmente funcionária, Maria Aparecida vai dizer:

Campinas terminava onde hoje se inicia o viaduto *Laurão*. A partir desse trecho, com direção a Sousas, não havia pavimentação. Para chegarmos à chácara (atual sede do colégio), era uma verdadeira viagem. Para o transporte dos alunos, o Colégio dispunha de um ônibus dirigido pelo Guido Pansani. Íamos preparadas para passar o dia, e para tanto, levávamos lanche, e uma roupa para troca. As irmãs nos esperavam com bolo, suco e café com leite tirado das vacas criadas na própria chácara. O pomar contava com muitas árvores frutíferas sob as quais fazíamos nossas reflexões ou conversávamos sobre os mais diversos assuntos. Estive na chácara diversas vezes como estudante e, mais tarde, também como professora, quando acompanhava minhas alunas.

Rosa Martinez Sanchez, a Rosita, estudou no Colégio entre 1955 e 1967, da pré-escola ao 3º Normal e seguiu a carreira de psicóloga. Sobre sua passagem na escola, Rosita relembra:

Era um Colégio muito bonito. A capela e o pátio eram maravilhosos. Os nossos uniformes eram impecáveis. A formação religiosa que recebíamos não era algo que nos engessava, não era arcaico e não impedia que fôssemos jovens. Recebíamos uma formação embasada em princípios que nortearam nossa vida pessoal e que foi passada às famílias que viemos a constituir posteriormente. As amigadas e os professores também foram marcantes, como, por exemplo, a Irmã Terezinha, por sua postura, sua fala e seu discurso.

Martha Elza Camargo Regina estudou no Coração de Jesus entre 1950 e 1955, e relembra Madre Helena da Cruz.

Foram tantos momentos inesquecíveis no Colégio! O que eu mais gostava era da capela. Era minha vida! Gostava de ir lá rezar nos intervalos, agradecia a Deus por estudar naquele Colégio. Gostava do recreio. Fazíamos rodinhas com as cadeiras e ficávamos conversando. Morro de saudades daquela época. Amava as segundas-feiras, quando tínhamos aula de música com a Dalva Tírico. Eram momentos de muita alegria. Destaco em especial minhas conversas na sala da Madre Helena, que me marcaram muito.

Glória Maria Camargo Mazzoni, professora, estudou no Colégio entre 1957 e 1961, e depois entre 1966 e 1969.

Além de nos transmitir conhecimento e informação, o Colégio Sagrado Coração de Jesus nos oferecia uma formação completa. Tínhamos aula de etiqueta, boas maneiras, religião, teatro, piano, educação física, dança, entre outras. Era um prolongamento do nosso lar. Porém, o que me marcou muito eram nossas idas à gruta, que era toda rodeada por jabuticabeiras. Enchíamos as saias de jabuticabas e ficávamos comendo! Depois de formada, lecionei no Colégio.

Ubaldo Carpigiani, arquiteto. Projetou a atual sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus, no bairro da Nova Campinas.

Antigamente, a sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus era uma chácara onde havia uma casa simples. Apresentei o projeto com base em um programa detalhado dos espaços e necessidades do Colégio. Trabalhei com o engenheiro Plínio Guariento, que foi quem executou o projeto, no qual foi empregado o conceito de flexibilidade dos espaços, que significa manter apenas alguns ambientes fixos, como escadas e apoio geral, para que o restante seja constituído apenas de salões, que se adaptem às necessidades educacionais de maneira flexível, ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar um trabalho que realmente traga uma contribuição para a história das instituições escolares, o historiador da educação deve contemplar a instituição na sua totalidade: perceber como se deu a constituição da instituição, como a comunicação se deu no seu interior, como os vários sujeitos que compunham a escola estabeleceram suas relações, inclusive hierárquicas, enfim, conhecer e caracterizar os corpos docentes e discentes, a memória dos vários grupos envolvidos, o contexto no qual estava inserida a instituição. Mas não só o contexto político e econômico, como também o contexto social e cultural.

Escrever sobre uma instituição escolar, que foi fundada na cidade de Campinas, no início do século XX, possibilitou, além de conhecer sobre a oferta de ensino no período, compreender a educação promovida pela Igreja Católica brasileira, seus princípios norteadores, as inúmeras adaptações pelas quais a instituição teve que passar para sobreviver, o que de certa forma ela vem fazendo até hoje.

Conforme analisado nesta dissertação, desde o século XVI a Igreja buscou resgatar o espaço que ocupava na Idade Média, e que foi abalado pelo protestantismo, tentando preservar a cristandade. No século XIX essa busca por manter sua identidade se acentua, pois a Igreja Católica precisava manter sua unidade, como forma de garantir sua sobrevivência, abalada pela Revolução Francesa.

Portanto, estudar uma instituição escolar, no caso, o Colégio Coração de Jesus de Campinas, permitiu-me entrar em contato com essa trajetória, e perceber que esse processo está sempre se refazendo, de acordo com as mudanças que acontecem na sociedade, mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Mas apesar da Igreja Católica ter vivido essa série de mudanças, ela buscou preservar algumas características, que foram essenciais para que ela levasse o seu projeto adiante. Um projeto que tinha como objetivo

mantê-la como parte integrante e de destaque na sociedade brasileira, formando e moldando a juventude e seus corpos, para assim se reconhecer enquanto instituição.

Na introdução dessa dissertação, ao falar sobre instituições e instituições escolares, citei o autor Dermeval Saviani, que nos lembra que uma instituição é criada para permanecer “Para necessidades transitórias não se faz mister criar instituições (SAVIANI, 2007, p. 4). E posso concluir em minha pesquisa que, o Colégio Sagrado Coração de Jesus tornou-se uma instituição reconhecida em Campinas devido a sua trajetória, e que as irmãs calvarianas, assim como irmãs de várias congregações que vieram para o Brasil, souberam adaptar-se aos ventos instáveis, ora da política, ora da economia, e muitas vezes até enfrentando novas diretrizes e rumos da própria igreja. O Coração de Jesus cumpriu o seu papel: manteve-se fiel ao carisma do seu fundador, Pierre Bonhomme, transmitiu seus princípios norteadores principalmente através de seu trabalho educacional, seus trabalhos assistenciais e com isso conseguiu se manter enquanto instituição educacional por mais de um século.

Para conseguir realizar esse intento, não agiu sozinha. No momento de instalação do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Campinas, aliou-se à elite campineira, formada principalmente por políticos, fazendeiros, comerciantes e industriais, que defenderam o estabelecimento do regime republicano em 1889, e que buscava educação de qualidade para suas filhas. Essa elite vivia um desenvolvimento acentuado da cafeicultura, importando da Europa e dos Estados Unidos formas de comportamento, hábitos, símbolos, padrões de educação, patrocinando a modernidade do projeto republicano, liberal e positivista. No entanto, contraditoriamente financiou um sistema educacional conservador, o da Igreja Católica, cujo ponto de referência em matéria pedagógica era o jesuitismo e se encontrava inserido no processo de romanização do catolicismo.

No Brasil, a proclamação da República instituiu o laicismo, promovendo a separação entre Estado e Igreja. Mas apesar disso e do ensino religioso ter sido abolido nas escolas oficiais, e da Igreja Católica ter se reorganizado para manter o controle do ensino no país, não houve perseguição religiosa como na Europa, devido à Revolução Francesa e as reformas lá estabelecidas. O regime republicano não perseguiu o clero, nem confiscou seus bens, e a partir de 1931, em Minas Gerais o ensino religioso voltou a ser administrado nas escolas oficiais, e depois no restante do país. Digamos que a Igreja Católica não sofreu um cerceamento radical, que atrapalhasse seu projeto de *recristianizar* a sociedade.

Comportamento, Aplicação, Polidez, Ordem, Disciplina, Cruz de Honra. Postura. Através das entrevistas realizadas com as ex-alunas do Colégio Coração de Jesus, das décadas de 40, 50 e 60 do século XX, percebemos que a educação católica nessas instituições tinha como objetivo transformar essas meninas em cidadãs, mas não para a República e seu projeto liberal, mas para a *cidade de Deus*.

O bom católico devia ser ordeiro, respeitar as regras e ser de convivência pacífica. Ou seja, as alunas do Coração deveriam internalizar esses valores e transformá-los em valores permanentes, levá-los para toda sua vida, e assim levar também a instituição adiante. Isso com certeza foi o fator determinante para que o Colégio completasse um século de vida em 2009, tornando-se, portanto, uma instituição de caráter permanente, tanto em sua materialidade, quanto no imaginário da sociedade campineira.

A Igreja Católica para combater o modernismo e o laicismo na educação, utilizou a teoria dos círculos concêntricos: da mãe cristã para filhos cristãos; de filhos cristãos para famílias cristãs; das famílias cristãs para a sociedade cristã (MANOEL, 1996, p. 49). Podemos perceber essa dinâmica quando analisamos o carisma das irmãs calvarianas, tão presentes em suas narrativas, analisadas nessa dissertação.

Na concepção da congregação, a Nossa Senhora do Calvário é considerada a *mãe de toda a humanidade* e acolher o próximo é sua principal missão. A calvariana é a *Mãe Universal*, portanto através dessa mãe educa-se o filho, forma-se a moral do homem. A vinda dessas irmãs para o Brasil, e para Campinas não foi um evento fortuito: a Igreja Católica buscava restabelecer seu lugar central de destaque na sociedade.

O que foi muito significativo ao realizar as entrevistas com as ex-alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, foi notar que apesar de reconhecerem a rigidez da educação que lhes foi professada, elas se recordam com saudades de suas histórias, dos anos de internato, e posso dizer que validam essa educação, e se reconhecem. A imagem que tem de si mesmas não incomoda.

O Coração de Jesus completou 100 anos em 2009. E muitos pesquisadores podem questionar porque optei por estudar a história da escola somente durante a Primeira República. Bom, um primeiro motivo deve-se ao fato de, apesar de ter investigado e redigido uma revista especial sobre o centenário da instituição, a opção por estudar e escrever sobre as primeiras três décadas de funcionamento deve-se ao fato de que foram nessas décadas iniciais que a escola lutou para se estabelecer na cidade e se consolidar como instituição de prestígio. É impossível negar que o trabalho das irmãs, com todas as dificuldades que enfrentaram, foi um trabalho missionário e de luta para manter a instituição viva.

Ao escolher o Colégio Coração de Jesus como objeto de minha dissertação, e após recorrer às leituras que me possibilitariam analisar como se deu o processo de implantação dessa instituição em Campinas, fiz um esforço enorme para não cair nas armadilhas que esse tipo de estudo pode resultar: uma historiografia narrada sem contexto, fragmentada, a busca somente pelos aspectos particulares da instituição, a singularidade da instituição desvinculada do todo onde está inserida, etc.

Ainda gostaria de fazer uma última observação, no que se refere as fontes utilizadas em meu trabalho, Quando entramos nos arquivos escolares das instituições, muitas vezes acondicionados em porões, entramos num território desconhecido. A documentação possui uma organização, uma seriação, uma lógica. Mas é fragmentada. Deparamos-nos com muitos fragmentos, partes de um todo, que cabe ao pesquisador investigar, e assim fazer as conexões necessárias.

Se o historiador não tem um objeto de pesquisa, e nem perguntas para esse objeto, com certeza os fragmentos ficarão lá no arquivo, do jeito que estavam antes da chegada do pesquisador, sem acrescentar nada à investigação. Portanto, é de responsabilidade do pesquisador, juntar os fragmentos e tentar compreender porque aquela instituição preservou aqueles documentos e não outros. Os documentos não localizados também nos dão a dica do processo de constituição de uma instituição escolar.

É preciso reconhecer que os documentos preservados, os objetos, as fotografias, entre outros, representam a instituição e são produtos da sociedade que fabricou esses mesmos documentos. No entanto, o resgate do passado se faz através desses documentos, mas as perguntas procuram responder questionamentos que são feitos no presente. Fica aqui registrada, portanto, minha sugestão, enquanto historiadora e arquivista: as instituições escolares devem desenvolver uma política de preservação da sua documentação, à fim de trazer para o presente um passado desconhecido, ou muitas vezes parcialmente desconhecido, com o intuito de integrar esse passado na transformação dos contextos escolares atuais.

Posso dizer que, apesar do tema tratado em minha dissertação ter inúmeros trabalhos publicados, ou seja, o tema da educação em Campinas na Primeira República, ainda enfrentamos a falta de informações sobre o assunto, ou muitas vezes nos deparamos com uma documentação fragmentada, e não preservada. Espero assim ter contribuído e acrescentado alguma luz na história das instituições escolares da cidade de Campinas.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais. Histórias dentro da História.** In: Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

ANANIAS, Mauricéia. As Escolas para o povo em Campinas: 1860-1889. Origens, ideário e contexto. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2000.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Revista Estudos Avançados.** São Paulo, 18 (52): 109-20, 2004.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira,** Rio de Janeiro, UFRJ/UNB, 1996.

AZZI, RIOLANDO. **História da Educação Católica no Brasil: Contribuição dos Irmãos Maristas (1897-1997).** São Paulo: Simar, 1996.

BADARÓ, Ricardo de Souza Campos. **Campinas, o Despontar da Modernidade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1996. Coleção Campiniana, nº 7. p. 24.

BARRETTO, Margarita. **Vivendo a história de Campinas.** Campinas, Autores Associados: Mercado das Letras, 1995, 96 págs.

BEOZZO, José Oscar et. al. **História da Igreja no Brasil.** Ensaio de interpretação a partir do povo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1980.

BOSCHILIA, Roseli. Juventude, Ultramontanismo e Educação Católica. **História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 43, p. 87-102, 2005. Editora UFPR.

BUFFA, Ester. Práticas e fontes de pesquisa em história da educação. In: GATTI Jr., Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). **História da educação em perspectiva. Ensino, pesquisa, produção e novas investigações.** Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2005.

CARVALHO, Carlos Henrique de; NETO, Wenceslau Gonçalves, (orgs.). **Estado, Igreja e Educação.** O mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes Castanho. **Política cultural: reflexão sobre a separação entre a educação e a cultura no Brasil.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1987.

_____. **Nasce a nação: Roland Corbusier, o nacionalismo e a teoria da cultura brasileira.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1993.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República.* São Paulo, Hucitec, 1977.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, vol. 17, n. 34, 1997.

GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, n°. 21, 1998/1. CPDOC-FGV.

GOMES, Rosângela. **Escolas secundárias de Campinas (1890-1930): uma referência para a história das disciplinas escolares.** Trabalho de conclusão de curso. Faculdade de Educação, Unicamp, 2004.

GRESPLAN, Jorge. **Revolução Francesa e Iluminismo.** São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Alaôr Malta. **Campinas. Dados Históricos e Estatísticos.** Campinas, SP: Livraria Brasil, 1953.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HILSDORF, M. Lúcia Spedo. **Tempos de Escola. Fontes para a Presença Feminina na Educação. São Paulo – Século XIX.** São Paulo, Editora Plêiade, 1999.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 2º edição. 1º reimpressão.

LAGE, Ana Cristina Pereira. **A instalação do Colégio Nossa Senhora de Sion em Campanha; uma necessidade política, econômica e social sul - mineira no início do século XX.** Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2007.

LANGLOIS, Claude. Le catholicisme au feminine. Apud LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo.** Tese de Doutorado, USP, Faculdade de Educação, 2008.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900.** Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LOMBARDI, J. C., Casimiro, A. P. B. S., Magalhães, L. D. R. (orgs.). **História, cultura e educação.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

LEONARDI, Paula. **Além dos espelhos. Memórias, imagens e trabalhos de duas congregações católicas francesas em São Paulo.** Tese de Doutorado, USP, Faculdade de Educação, 2008.

LUSTOSA, Oscar de Oliveira. **A presença da Igreja no Brasil**. São Paulo: Editora Giro, 1997.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e Educação Feminina (1859-1919: Uma face do conservadorismo)**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

_____. **O pêndulo da história. Tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá, Pr: EDUEM, 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. (Instituto Fernando Braudel).

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Método simultâneo" (verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002, <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=277>, visitado em 5/6/2010.

MÉSZÁROS, István. **A Educação Para Além Do Capital**. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008. 2ª edição.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890 -1930**. Campinas [SP: s.n], 1985. (tese de livre- docência). IFCH Unicamp. 222 folhas.

Monografia Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro, IBGE, 1952.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. **O Ideário Republicano e a Educação: O Colégio “Culto à Ciência” de Campinas (1869-1892)**. Tese de Mestrado, USP, Faculdade de Educação, 1981.

MOURA, Laércio Dias de. **A Educação Católica no Brasil**. Associação Nacional de Mantenedoras de Escolas Católicas do Brasil (ANAMEC). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NAGLE, Jorge. **A Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1974.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (et. Al). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP, Autores Associados, 2007.

NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Q. Ribeiro. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, nº 20).

NEGRÃO, Ana Maria Melo. **Arcadas do tempo: o Liceu tece 100 anos de história**. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1997.

----- . Educar para a cidadania através de valores católicos: Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. In: NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Q. Ribeiro. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, nº 20).

NORONHA, O. M. Historiografia das instituições escolares: contribuição ao debate metodológico. In: In: LOMBARDI J. C., NASCIMENTO, M. I. M. (orgs.) **Fontes, História e Historiografia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2004.

NOSELLA, P. & BUFFA, E. (1996). **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. São Carlos: EdUFSCar

NUNES, Clarice. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**. Maio-Agosto, nº. 14 – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. SP, pg. 35-60.

OSTERMAN, Nilse Wink; KUNZE, Iole Caretta. **Às armas, cidadãos! A França revolucionária: 1789-1799**. São Paulo, Atual, 1995. (História Geral em Documentos).

PAIM, A. **O estudo do pensamento filosófico brasileiro**. 2º ed. ver/amp. São Paulo: Editora Convívio, 1985.

PEREIRA, José Galdino. Colégio São Benedito: A escola na construção da cidadania. In: NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Q. Ribeiro. **Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999. (Coleção Campiniana, nº 20).

PRATTA, Marco Antonio. **Mestres, Santos e Pecadores**. São Carlos, SP: RiMa Editora, 2002.

_____. **O sagrado e o profano na cultura escolar: dimensões da modernidade brasileira**. Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2005.

PUPO, Celso Maria de Mello. **Campinas, Município no Império; fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenho e fazendas**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1983.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? In: **Educar em Revista**. Curitiba: Editora UFPR, 2001, nº 18, Dossiê História da Educação: Instituições, intelectuais e cultura escolar.

REIS, João José. Presença Negra: conflitos e encontros. In: **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. A Educação feminina durante o Século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889). 2 ed. Unicamp. Centro de Memória Unicamp, 2006.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. A luta pela Ampliação das Oportunidades Escolares dos Anos 10 aos anos 60. In: Xavier, Maria Elizabete (et. al.). **História da Educação: A Escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

_____. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 19. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SANFELICE, José Luís. Instituições escolares no Brasil. In: NASCIMENTO, M. I. M. et al. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, D., Lombardi, J. C., Sanfelice, J. L. (orgs). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Política e Educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1988.

----- Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

----- O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

-----, Prefácio. In: CARVALHO, Carlos Henrique de; NETO, Wenceslau Gonçalves, (orgs.). **Estado, Igreja e Educação**. O mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

Souvenir des fêtes du centenaire de la Foundation de Institut Notre Dame du Calvaire (1833-1933). L' Imprimerie Fournié. Toulouse. 1933.

SOUZA, Rosa Fátima de. **O direito à educação – Lutas populares pela escola em Campinas**. Campinas, Editora da UNICAMP. Área de publicações do Centro de Memória – UNICAMP, 1998.

-----, Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

WEREBE, Maria José Garcia. **A laicidade do ensino público na França**. (Centro Nacional de Pesquisas Científicas da França), Revista Brasileira de Educação, nº. 27; setembro a dezembro de 2004.

XAVIER, Elizabete S. P. **Capitalismo e Escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961)**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

-----, **Poder político e educação de elite**. São Paulo: Cortez Editora, Autores Associados, 1992. 3º ed.

ZAGHENI, Guido. **A idade contemporânea: curso de história da Igreja**. V.4. São Paulo: Paulus, 1999.

FONTES PRIMÁRIAS (MANUSCRITAS E IMPRESSAS)

A Tribuna. Campinas, 1924, 1925 e 1936.

A Tribuna. Santos, 13 de julho de 1995.

Almanaque de Campinas para 1871, organizado e publicado por José Maria Lisboa, Tip. da *Gazeta* de Campinas.

Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas, 1914. Hemeroteca do Centro de Memória da Unicamp.

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Livro de matrículas das alunas (1909-1933).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Livro de matrículas do Jardim de Infância (ambos os sexos) (1932-1948).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Livro de matrículas das alunas do curso primário (1931-1948).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Livro de matrículas das alunas do curso secundário (1935-1952).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Fichas de identificação das normalistas do colégio (1931-1950).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Lista de presença do Ato Solene do lançamento da pedra fundamental da capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus. 07 de Junho de 1959.

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. **Sob o Cruzeiro do Sul**. Traduzido do Stabat 1932-1934, divulgação interna.

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. Madre Marie Josephine. Terceira superiora geral. (1889-1906). **Dados pessoais. Circulares.**

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. Madre Marie Helene e Madre Marie Stanislas. Primeira e segunda superiora geral. (1861-1889). **Dados pessoais. Circulares.**

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO CALVÁRIO. Madre Marie Suzanne. Quarta superiora geral. (1906-1915). **Dados pessoais. Circulares.**

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Jornal *Veritas* – Órgão do Grêmio Santo Tomás de Aquino do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas (1947-1963).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Relatório das alunas matriculadas na Escola Normal (1928-1953).

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. A Tradição Viva – Na Alegria das Bem-Aventuranças – Irmãs de Nossa Senhora do Calvário. 4º Trimestre, 1983.

CAMPINAS. Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Declaração de diploma da aluna Esther Santana de Almeida. (20/10/1969).

Jornal Cidade de Campinas. Campinas, 04 de janeiro de 1910; 22 de dezembro de 1910.

Jornal Comércio de Campinas. Campinas, 20 de dezembro de 1909.

Jornal Comércio de Campinas. Campinas, novembro de 1909.

MENDONÇA, Irmã Marlene Leite. **1906-1996: 90 Anos de Presença Missionária Calvariana no Brasil**. Rio de Janeiro, 1996.

NETO, J. M. dos Santos. **Noventa Anos de Educação Calvariana em Campinas (1909-1999)**. Campinas, 1999.

O Mensageiro. Campinas, junho de 1909, p. 1.

OCTAVIO, Benedito & MELILLO, Vicente (org). Almanach Historico e Estatístico de Campinas: 1912. Campinas, Typ. da Casa Mascote, 1911.

_____. Almanach Historico e Estatístico de Campinas: 1914. Campinas, Typ. da Casa Mascote, 1914.

Relatório Sobre o Estado da Instrução Pública na Província de São Paulo no ano de 1865. São Paulo, Tipografia Americana, 1872.

RICHOMME, Agnes. **Pedro Bonhomme e as Irmãs de Nossa Senhora do Calvário**. Coleção Belas Histórias e Belas Vidas. Éditions Fleurus 31-33, rue de Fleurus. Paris (VIº). 4º Trimestre, 1962, nº. 771.

Anexos

ANEXO 1

No quadro abaixo registrei as escolas católicas instaladas no período da Primeira República (1889-1930), no Estado de São Paulo.

Nome da escola	Município	Ano de Fundação
Colégio São Joaquim	Lorena	1890
Instituto Nossa Senhora do Carmo	Guaratinguetá	1892
Sociedade de Instrução Popular e Beneficência – Colégio Santana	São Paulo	1892
Instituto Nossa Senhora Auxiliadora	Araras	1895
Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora	Campinas	1897
Liceu Coração de Jesus	São Paulo	1897
Liceu Santista	Santos	1902
Colégio Nossa Senhora da Glória	São Paulo	1902
Educandário Divina Providência Madre Teresa Michel	São Paulo	1903
Instituto de Educação Boni Consili	São Paulo	1903
Colégio Coração de Maria	Santos	1904
Colégio São Carlos	São Carlos	1905
Instituto de Educação Santa Escolástica	Sorocaba	1905
Colégio de Santa Inês	São Paulo	1907
Escola Puríssimo Coração de Maria	Rio Claro	1909

Nome da escola	Município	Ano de Fundação
Colégio Sagrado Coração de Jesus	Campinas	1909
Instituto Educacional Imaculada Conceição	Moji-Mirim	1912
Escola de 1ª e 2ª graus do Inst. Santa Úrsula de Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	1912
Colégio Arquidiocesano Nossa Senhora de Lurdes	Botucatu	1913
Escola Paroquial Francisco Telles	Jundiaí	1914
ISSP Obra Social São Manoel	Lavrinhas	1914
Colégio Santa Marcelina	Botucatu	1915
Instituto Educacional Coração de Jesus	Bragança Paulista	1915
Colégio Santo André	Jaboticabal	1918
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Ribeirão Preto	1918
Colégio e Escola Normal São Vicente de Paulo	São Paulo	1918
Colégio Regina Mundi	São Paulo	1918
Colégio São José	São Paulo	1918
Instituto Nossa Senhora Auxiliadora	São Paulo	1918
Escola de 1ª e 2ª graus Jesus Maria José	Franca	1919
Instituto Imaculada Conceição	Itapetininga	1920
Colégio Santo André	São José do Rio Preto	1920
Colégio São José	Limeira	1921

Nome da escola	Município	Ano de Fundação
Instituto Baroneza de Rezende	Piracicaba	1922
Centro Educacional Diocesano La Salle	São Carlos	1923
Escola São José dos Padres de Sion	São Paulo	1923
Colégio São José de Batatais	Batatais	1924
Escola de Educação Infantil de 1º e 2º Grau Maria Imaculada	Mococa	1924
Colégio São José	Santos	1924
Colégio Stella Maris	Santos	1924
Oratório São Luiz	Araras	1926
Colégio São José	Bauru	1926
Instituto São José	São José dos Campos	1926
Colégio Madri Cabrini	São Paulo	1926
Colégio Santa Terezinha	São Paulo	1926
Instituto Coração de Jesus	Santo André	1927
Colégio Santista	Santos	1927
Colégio Santa Marcelina	São Paulo	1927
Escola Patrocínio de São José	Lorena	1928
Colégio São Francisco Xavier	São Paulo	1928
Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora	Lins	1929
Instituto Santa Terezinha	São Paulo	1929
Colégio Ave Maria	Campinas	1930
Oasis Infantil	Itapira	1930
Colégio Jesus Maria José	São Paulo	1930

ANEXO 2

Padre Pierre Bonhomme. Fundador da Congregação Nossa Senhora do Calvário.



Foto de Irmã Regina Aurora Agostini. Data: 2006.

ANEXO 3

Rocamadour – o vale – em sua falésia está construído o Santuário de Nossa Senhora de Rocamadour, França. No detalhe a Virgem Negra de Rocamadour.



Foto de Irmã Regina Aurora Agostini. Data: 2006.

ANEXO 4

Fachada da Casa Geral da Congregação de Nossa Senhora do Calvário, em Gramat, França.



Foto de Irmã Regina Aurora Agostini. Data: 2007.

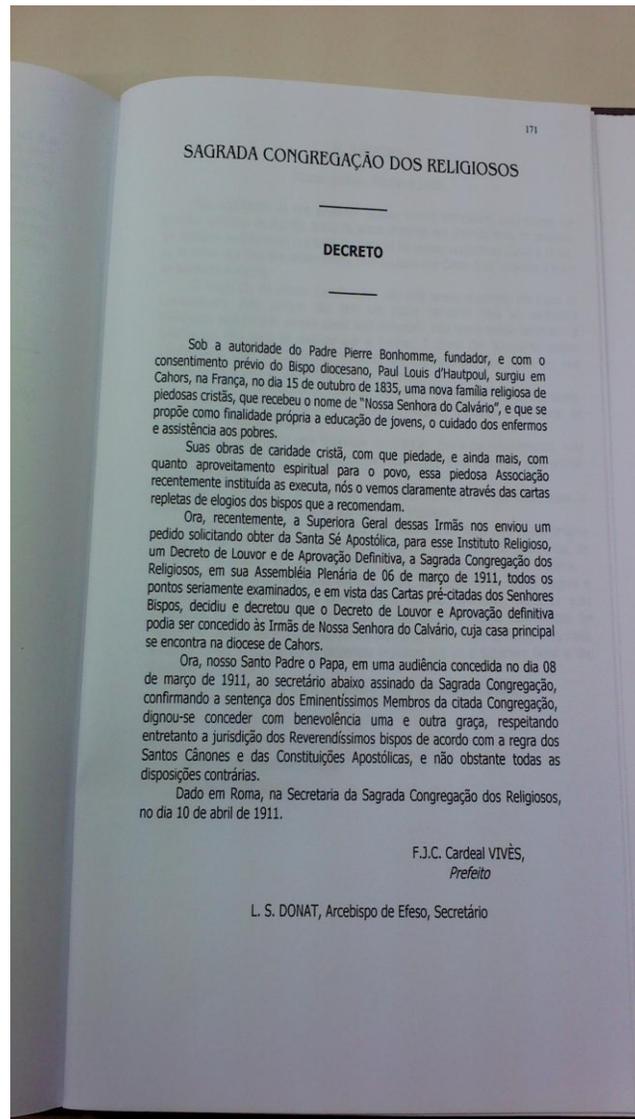
ANEXO 5

Madre Marie Suzanne. 4ª Superiora Geral da Congregação de Nossa Senhora Calvário.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 6



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 7

Madre Pierre du Sauveur. Fundadora do Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 8

Alunas do curso médio (primário), Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, 1916.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 9

Alunas do curso superior (primário), Colégio Sagrado Coração de Jesus de Campinas, 1915.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 10

Interior da primeira capela do Colégio.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 11

Interior da capela do Colégio na década de 50.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.

ANEXO 12

Instituto Santa Terezinha, década de 1930, Campinas.



Fonte: Arquivo Histórico da Congregação de Nossa Senhora do Calvário. Gramat, França.